

Galeria Malcon

magazine

Deltasul

Galeria Malcon

Galeria Malcon

ENTRE GALERIAS E A RUA:
caminhografia urbana em Pelotas/RS

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

ENTRE GALERIAS E A RUA
caminhografia urbana em Pelotas/RS

Paula Pedreira Del Fiol

Pelotas, outono de 2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F517e Fiol, Paula Pedreira Del

Entre galerias e a rua : caminhografia urbana em
Pelotas/RS / Paula Pedreira Del Fiol ; Eduardo Rocha,
orientador. — Pelotas, 2023.

239 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Galerias comerciais. 2. Centro urbano. 3.
Caminhografia urbana. 4. Urbanismo contemporâneo. I.
Rocha, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 711

Paula Pedreira Del Fiol

ENTRE GALERIAS E A RUA
caminhografia urbana em Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo

Orientador: Eduardo Rocha

Pelotas, inverno de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Rocha | orientador
Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Lisandra Fachinello Krebs | membro interno
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Josimara Wikboldt Schwantz | membro externo
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Débora Souto Allemand | membro externo
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Eduardo Rocha, pelo acolhimento, pelas longas conversas, pelas extensas discussões, por me instigar, por me fazer seguir e por me incentivar a buscar o diferente nas caminhadas da vida acadêmica, profissional e pessoal. A ele agradeço pelas diferentes visões que me foram apresentadas e ensinadas, e a ele agradeço pelo período de mestrado não ter sido tão solitário.

As professoras Lisandra Fachinello Krebs, Josimara Wikboldt Schwantz e Débora Souto Allemand que aceitaram o convite para fazer parte da banca de defesa, assim como as professoras Celma Paese e Ana Elisia da Costa que participaram da banca de qualificação. Agradeço pelos conhecimentos e discussões compartilhadas.

A minha família, meu pai Winer Del Fiol Júnior e minha mãe Suzana Pedreira Del Fiol, que sempre me incentivou a estudar e buscar o novo, que me ensinou sobre afetos, sobre amor e sobre companherismo.

Aos meus avós, Fernando Pedreira, *in memorian*, Lena Planella e Iolanda Pedreira, por mostrarem à uma criança curiosa a cidade, e mostrar que àquela criança tudo podia. Aos meus tios e tias, primos e primas, que foram sempre generosos.

Aos grupos de (des)orientação e de caminhografias do Edu, pelas discussões sobre cidade e por me mostrar o afeto dentro da academia.

Aos professores e aos colegas do PROGRAU e da FAUrb. Aos amigos pesquisado-

res que dividiram conversas, aulas, escritas, estágios docentes, oficinas e cafés: Taís Beltrame dos Santos, Vanessa Forneck, Isabella Khauam Maricatto, Gabriele Vargas da Silva, Jordana da Silva Berchon, Otávio Gigante Viana, Bianca Ramires Soares e Fernando Franz Zauk.

Gratidão especial aos pesquisadores Mateus Romualdo Teles e Natália Toralles dos Santos Braga, pela amizade, pelas trocas e por serem sempre tão generosos nesse período difícil.

Aos queridos amigos de infância e da graduação, que em momento algum me deixaram desistir e estiveram sempre me incentivando a melhorar: Renata Vernetti Giusti, Júlia Aleixo Vieira, Lauren Buss Raffi, Manoela Calderan de Carvalho, Nadiane Fontes Castro, Tanise Gouvea dos Santos e Yuri da Silva Bastos.

A Emiliano, por su compañía, por las largas charlas y por hacerme creer que era posible.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior—Brasil (CAPES)—Código de Financiamento 001, pelo apoio financeiro, pois sem ele a realização desse trabalho não seria possível.

RESUMO

FIOL, Paula Pedreira del. **Entre galerias e a rua:** caminhografia urbana em Pelotas/RS. 2023. 239f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

As galerias comerciais são lugares de compra e lazer no centro, quando unidas ao sistema de via pública se alternam entre rua pública e rua privada de uso público. O objetivo geral dessa pesquisa é caminhografar e investigar as galerias e seu entorno imediato, em busca das suas complexidades e especificidades na experiência urbana, da cidade de Pelotas. Com finalidade identificar as diversas dinâmicas que existem nesses lugares, e mapeando as sensações vivenciadas e analisar os entre-lugares das galerias na contemporaneidade. O método adotado consiste na caminhografia urbana, utilizando como principal procedimento as caminhadas a fim de desenvolver mapas caminhográficos que apresentam as complexidades desses lugares na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, buscando compreender a área central da cidade e quais suas relações com as galerias. Os mapas e as discussões apresentam múltiplas formas de olhar para a cidade em correlação com as edificações, entendendo que esses lugares podem desencadear novas dinâmicas através da sua multiplicidade. Através disso, pode-se entender que alguns pontos como atividades da cidade, reorganização de lugares e sensações podem se unir e formar novas formas de habitar o urbanismo contemporâneo. Entendendo também que esses elementos não estão separados uns dos outros, eles se reorganizam em busca do atual e assim se organizam novos arranjos e conexões. Com isso, conclui-se que esses territórios são múltiplos e apresentam diversas dinâmicas, conexões, e camadas, além do mais, a experiência de caminhar e mapear possibilita pensar sobre as potências da cidade através da sensibilidade.

Palavras-chave: galerias comerciais. centro urbano. caminhografia urbana. urbanismo contemporâneo.

RESUMEN

FIOL, Paula Pedreira del. **Entre las galerías y la calle:** caminografía urbana en Pelotas/RS. 2023. 239f. Tesis (Maestría en Arquitectura y Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Las galerías comerciales son lugares de compras y ocio en el centro, al unirse a la vía pública alternan entre una calle pública y una calle privada de uso público. El objetivo general de esta investigación es rastrear e investigar las galerías y su entorno inmediato, en busca de sus complejidades y especificidades en la experiencia urbana de la ciudad de Pelotas. Con el propósito de identificar las diferentes dinámicas que existen en estos lugares, mapear las sensaciones vividas y analizar los interlugares de las galerías en la época contemporánea. El método adoptado consiste en la caminografía urbana, utilizando caminatas como procedimiento principal para desarrollar mapas patográficos que presenten las complejidades de estos lugares en la ciudad de Pelotas, Rio Grande do Sul, buscando comprender el área central de la ciudad y cuáles son sus relaciones con las galerías. Los mapas y discusiones presentan múltiples formas de mirar la ciudad en correlación con los edificios, entendiendo que estos lugares pueden desencadenar nuevas dinámicas a través de su multiplicidad. A través de esto, se puede entender que algunos puntos como las actividades de la ciudad, la reorganización de lugares y las sensaciones pueden confluir y formar nuevas formas de habitar el urbanismo contemporáneo. Entendiendo también que estos elementos no están separados unos de otros, se reordenan en busca de lo actual y organizan así nuevos arreglos y conexiones. Con esto se concluye que estos territorios son múltiples y presentan diferentes dinámicas, conexiones y capas, además, la experiencia de caminar y mapear permite pensar los poderes de la ciudad a través de la sensibilidad.

Palabras clave: galerías comerciales. centro urbano. caminografía urbana. urbanismo contemporáneo.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa de Pelotas indicando as regiões administrativas	26
Figura 2: Mapa situando todas galerias no centro de Pelotas, 1. Galeria Ary Signorini; 2. Galeria João Zanetti; 3. Galeria Tillmann; 4. Galeria Firenze; 5. Galeria Zabaleta; 6. Galeria Malcon ; 7. Galeria Shopping Calçadão; 8. Galeria Nóris Mazza; 9. Galeria Satte Alam; 10. Galeria Central; 11. Galeria Antunes Maciel; 12. Galeria do Laranjal; 13. Galeria Zanin	27
Figura 3: Mapa galerias na área de estudo, 1. Galeria Antunes Maciel; 2. Galeria Fi- renze; 3. Galeria Zabaleta; 4. Galeria Malcon; 5. Galeria Satte Alam; 6. Galeria Cen- tral; 7. Galeria do Laranjal	28
Figura 4: Orquídea simpodial com raiz rizomática. Fonte: Malena Barretto, 1997. ...	39
Figura 5: Rizoma, de Ignacio de Lucca	40
Figura 6: The Naked City	71
Figura 7: Galeria Colbert, Paris, 1828; Galeria Vivienne, Paris, 1824-1826	82
Figura 8: Mapa figura-fundo Saint-dié, e Parma	87
Figura 9: Mapa do percurso da caminhografia do dia 8 de abril	107
Figura 10: Grupo de pesquisa	109
Figura 11: Mapa inicial	109
Figura 12: Chafariz	109
Figura 13: Dia de sol	109
Figura 14: Pixo	111
Figura 15: Segurança	111
Figura 16: Marquise	111
Figura 17: Ripas de madeira	111
Figura 18: Atenção	114
Figura 19: Faixa de pedestres	114
Figura 20: Pessoas	114
Figura 21: Segurança	114

Figura 22: Calçadão	116
Figura 23: Calçadão	116
Figura 24: Marquise.....	116
Figura 25: Vitrine expositora.....	116
Figura 26: Reforma.....	118
Figura 27: Clarabóia	118
Figura 28: Calçadão cheio.....	118
Figura 29: Carro Brigada Militar	118
Figura 30: Galeria Central	120
Figura 31: Calçadão	120
Figura 32: Rua mista	120
Figura 33: Catador de papelão.....	120
Figura 34: Relojoeiro	122
Figura 35: Largo do Mercado Público	122
Figura 36: Feira livre.....	122
Figura 37: Grupo de pesquisa	122
Figura 38: Mapa do percurso da caminhografia do dia 8 de julho	124
Figura 39: Ocupação	126
Figura 40: Tapumes de obra.....	126
Figura 41: Fluxo da galeria.....	126
Figura 42: Ciclofaixa.....	126
Figura 43: Cabine de segurança	129
Figura 44: Segurança	129
Figura 45: Pessoas no corredor	129
Figura 46: Faixa de pedestres.....	129
Figura 47: Vendedora	130
Figura 48: Criança brincando	130
Figura 49: Vendedores informais.....	130
Figura 50: Pouco movimento.....	130
Figura 51: Filas.....	135

Figura 52: Pessoas paradas.....	135
Figura 53: Loja fechada.....	135
Figura 54: Fila do ônibus.....	135
Figura 55: Mapa do percurso da caminhografia do abrigo, dia 4 de agosto.....	139
Figura 56: Ocupação.....	141
Figura 57: Cadeirante.....	141
Figura 58: Cuidado.....	141
Figura 59: Caminhão.....	141
Figura 60: Guarda-chuva.....	144
Figura 61: Cantor.....	144
Figura 62: Café fechado.....	144
Figura 63: Calçada vazia.....	144
Figura 64: Sacolas no corredor.....	146
Figura 65: Café.....	146
Figura 66: Lixo.....	146
Figura 67: Vendedora informal.....	146
Figura 68: Mulher parada.....	149
Figura 69: Zigue-zague.....	149
Figura 70: Bicicleta na porta da galeria.....	149
Figura 71: Mulheres conversam.....	149
Figura 72: Mapa do percurso da caminhografia do dia 17 de setembro.....	152
Figura 73: Ocupação.....	154
Figura 74: Banco.....	154
Figura 75: Restos de obra.....	154
Figura 76: Dentro e fora.....	154
Figura 77: Faixa de pedestres.....	156
Figura 78: Pessoas no corredor.....	156
Figura 79: Faixa de pedestres.....	156
Figura 80: Vendedora no corredor.....	156
Figura 81: Propaganda política.....	158

Figura 82: Loja em obra	158
Figura 83: Propaganda política no lugar de vendedores	158
Figura 84: Vendedor no limite da galeria.....	158
Figura 85: Pouco movimento.....	160
Figura 86: Poucos carros	160
Figura 87: Sem fila do ônibus.....	160
Figura 88: Ônibus esperando pessoas.....	160
Figura 89: Mapa do percurso da caminhografia do dia 8 de novembro	162
Figura 90: Conversam	164
Figura 91: Galeria Antunes Maciel	164
Figura 92: Rua Marechal Floriano	164
Figura 93: Homem no corredor	164
Figura 94: Pessoas paradas.....	167
Figura 95: Intervenção.....	167
Figura 96: Vendedor de algodão doce	167
Figura 97: Calçadão cheio.....	167
Figura 98: Lixo.....	169
Figura 99: Homem parado no corredor	169
Figura 100: Filas.....	169
Figura 101: Bancos vazios	169
Figura 102: Pessoas estáticas	172
Figura 103: Vendedora informal	172
Figura 104: Calçadão	172
Figura 105: Cachorro deitado.....	172
Figura 106: Mapa da caminhografia do dia 8 de abril de 2022	198
Figura 107: Mapa da caminhografia do dia 8 de julho de 2022	199
Figura 108: Mapa da caminhografia do dia 4 de agosto de 2022	200
Figura 109: Mapa da caminhografia do dia 17 de setembro de 2022	201
Figura 110: Mapa da caminhografia do dia 8 de novembro de 2022	202

Sumário

Gênese	19
1. Vitrine	22
1.1 Objetivo geral	33
1.2 Objetivos específicos.....	34
2. Caminhografia urbana	38
2.1 Procedimento metodológico:.....	63
2.1.1 Caminhadas	65
2.1.2 Caderno de campo	66
2.1.3 Transcrições caminhográficas	74
2.1.4 Análises caminhográficas	77
3. Passagens.....	80
3.1 Galerias	80
3.2 Lugar coletivo	85
3.3 O urbano e o pedestre.....	88
3.4 Controle	91
3.5 Romper o urbano.....	94
3.6 Entre-lugares	97
3.7 A paisagem e os sentidos.....	99
3.8 A cidade e a mulher	104
4. Transcrições caminhográficas	106
4.1 Caminhografia da fragmentação	106
4.2 Caminhografia dos encontros.....	123
4.3 Caminhografia do abrigo	138
4.4 Caminhografia da irregularidade	153
4.5 Caminhografia da aceleração.....	161
5. Conexões	174
5.1 Confluência de lugares e atividades	174

5.2 Entre transgressão e os corpos dóceis	177
5.3 A cidade além da visão	184
5.4 Mapas caminhográficos.....	192
6. Parada	204
Apêndice Caderno de Campo	218

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído espalhar bem-querer (CÉSAR, 2008).*

GÊNESE

Me lembro de quando criança entrar na Galeria Zabaleta com meu avô, que trabalhava em frente a ela, e achar aquele um lugar engraçado, não entendê-lo. As galerias fizeram parte da minha infância, quando eu andava pelo centro de Pelotas com os meus avós. A minha adolescência também foi marcada pela presença das galerias, quando, por vezes, ia ao trabalho com meu pai — que também trabalha em frente à uma delas —, e fugia para caminhar pelo centro da cidade.

Por muito tempo me peguei pensando sobre esse lugar, até então de ambiguidade. Durante o período da faculdade pensava se aquele lugar era um cheio ou um vazio, aberto ou fechado, público ou privado, várias dualidades me foram apresentadas as quais eu não conseguia adequar as galerias. E porquê não estudar elas? Ainda que brevemente, durante o Trabalho Final de Graduação¹ em Arquitetura e Urbanismo, junto a meu orientador, escolho um sítio para implantar um projeto que chamei de travessia cultural, a travessia se dava por conta do sítio atravessar a quadra de modo a ter dois acessos em ruas distintas. Durante minha primeira banca, me falaram: “Esse teu prédio tem alguma semelhança às galerias, porque não estudas elas?”. Até perceber que além do formato longo que ligava duas ruas, também tinha a característica público e privado.

Então, me encontro dizendo que queria estudar o público e privado, eu não sabia bem o porquê, a lembrança do meu Trabalho Final de Graduação já não era latente mais em mim, e então a partir de conversas informais, eu compreendi para onde meu estu-

1 É possível acessá-lo em: <<https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/arquitetura/>>.

do deveria se encaminhar. E comecei a buscar referências para entender como esse lugares funcionam dentro da cidade, como se conectam, como se comportam frente ao tecido urbano, como as pessoas são inseridas nesses lugares. Assim nasce o anseio de entender onde esse lugar está na cidade contemporânea. Carrego uma Paula, criança, adolescente, arquiteta e urbanista, ainda tentando entender como a cidade se configura, como a arquitetura e o urbanismo se ligam, e como compreendê-los como conjunto, afinal, um não existe sem o outro.

1. VITRINE

As galerias surgiram na Paris de Haussmann, no Século XIX, como um novo lugar privado de uso público. Era uma espécie de ligação entre prédios privados que se dava pela cobertura, possibilitando que apenas pedestres adentrassem nesses lugares. Isso se deu em função do aumento das carroças e pela insegurança de caminhar entre elas. Hoje, no Brasil, estão em centros urbanos, com alto fluxo de pedestres (Vargas, 2018). Elas, além disso, se destinam a compra e prestação de serviço, também servem como passagem, como forma de abrigo para intempéries e como lugar de lazer.

Esses elementos são grandes lugares cobertos, que permitem a passagem do pedestre por dentro da malha urbana da cidade. Não sendo uma obrigação a compra, podendo ser apenas um lugar de encontros, de esperas, de transição e tantos outros usos que pode suportar. O lugar de uso público possui várias implicações frente à sociedade, como por exemplo, dar caráter de anonimato às pessoas que por ele passam. Ainda, esses lugares não são posse do poder público, e por isso esse conceito acaba gerando dúvidas, não sendo ele o mais adequado para falar sobre o tema proposto nessa dissertação.

Desse jeito, as galerias e as vias públicas, apesar dos lugares serem bem delimitados, compõe uma transição entre uma e outra, uma indefinição, um lugar complexo, que se faz necessário entender quais regras seguir. As bordas precisam ser entendidas num contexto geral, e, ainda, como revogá-las dentro da cidade consolidada. E por isso a

necessidade de melhor entendê-las, para que não sejam cada vez mais hostis.

Além disso, reúne diversos usos, em diversas escalas. Quando falamos em usos temos o consumo, a passagem, o lazer (como cafés, lugares de compra, salão de beleza etc.), o trabalho, a moradia, apesar de, em níveis distintos de privacidade, esses usos ocorrem todos em uma única edificação. Depois em níveis de escala, temos a escala da cidade – onde essas galerias participam de uma malha urbana –, a escala do quarteirão – funcionando como passagem –, chegando até a escala da loja, da vitrine, e da portaria que dá acesso aos níveis superiores do edifício. Esses elementos todos estão conectados em uma edificação com diversas faces, que ainda podem possuir apartamentos residenciais, salas para prestação de serviços ou para lojas.

Então, buscamos o conceito de lugar coletivo, de Solá-Morales (2001), onde as pessoas também se mantêm em anonimato, mas não necessariamente é um lugar de posse do poder público. Pois, entendemos esses locais com muitos potenciais de utilização dentro do centro, e não acreditamos que elas estejam excluídas da malha urbana, da cidade, e tampouco acreditamos que o uso delas esteja associado aos seus proprietários. Ao passo que a sociedade, frente a diversos fatores, se adequa a diferentes maneiras de utilização de lugares de uso coletivizado, de modo que um depende do outro e vice e versa.

De maneira geral, no Brasil, as galerias se estabeleceram em centros urbanos a partir da década de 1930. Como forma de metropolização das cidades e ainda como forma de afirmar uma arquitetura moderna insurgente, que vinha se espalhando pelo Brasil, em função da construção de Brasília. Com isso, se começa a explorar o interior dos

quarteirões de centros urbanos, podendo ampliar a área comercial, articulando essas regiões urbanas centrais entre ruas e edificações já existentes dentro da malha urbana (Vargas, 2018).

Em Pelotas, Rio Grande do Sul, esses lugares ganham potência quando há uma expansão em direção às bordas da cidade. Dessa forma, há uma valorização do centro urbano no final da década de 1940, e isso acaba incentivando a construção de prédios altos no centro da cidade. A partir de 1968 surgem as primeiras galerias na cidade, a Galeria do Laranjal e a Galeria Zabaleta, as duas possuem o primeiro pavimento com um corredor central e o edifício superior com uso residencial.

Isso colabora para a especulação imobiliária da época, já que proporciona a verticalização do centro. Novos edifícios em altura, com térreo livre, que possibilitaram vitrines por onde passavam muitos pedestres, também novas salas comerciais, novas residências em lugares bem dispostos na malha urbana central. Sendo assim, também influenciando na movimentação de pessoas nesse miolo de quarteirão, para além dos moradores desses lugares, como também vendedores, compradores e pessoas que utilizam o lugar de outras formas.

Hoje, essas edificações seguem tendo uma grande influência na cidade de Pelotas. Criando fluxos alternativos para pedestres, para moradores, para compradores, entre outros, o que cria uma complexidade de passagens por esses lugares, também cria uma complexidade de atividades, que quando estão situadas uma tão perto da outra, elas acabam se influenciando e criando novas complexidades.

Este trabalho estuda as galerias, e seu entorno imediato, no centro da cidade de Pelotas, Figura 1, com uma visão da arquitetura e do urbanismo, em um linha de pesquisa de urbanismo contemporâneo, de modo que seja possível discutir sobre esses lugares na contemporaneidade. A busca por compreender esses imóveis e suas ligações com a cidade se dá pela complexidade entre esses lugares.

Pelotas, está situada no Rio Grande do Sul, é uma cidade média com população de 343.826 habitantes (IBGE, 2021), possui sete regiões administrativas, dentre elas o centro. Que é utilizado nessa pesquisa como recorte dentro da pesquisa, porque é uma das regiões comerciais da cidade, que conta com o maior número de edificações desse tipo e, ainda, tem alto fluxo de pedestres que passam por esses lugares.

A cidade possui treze galerias, Figura 2, na região escolhida para essa pesquisa, porém, para dar viabilidade ao estudo não serão todas analisadas. Entendemos a necessidade de destacar algumas que possam colaborar nos pensamentos e discussões da contemporaneidade. Com isso, fizemos um recorte selecionando apenas sete, a partir de dois critérios.

O primeiro critério foi que todas elas possuam dois acessos, o que acaba por configurar um trajeto dentro da cidade. Percursos esses que possibilitam discutir como estão associadas a rua, a vida urbana, e ainda a experiência que elas possibilitam na cidade. O segundo critério foi que todas elas estivessem em uma zona similar da cidade, desse modo, estipulamos uma distância máxima de duas quadras entre uma e outra. Isso acabou por gerar uma zona de proximidade, e podemos analisá-las frente ao tecido urbano da área central.



Figura 1: Mapa de Pelotas indicando as regiões administrativas. Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, adaptado pela autora, 2022.



Figura 2: Mapa situando todas galerias no centro de Pelotas, 1. Galeria Ary Signorini; 2. Galeria João Zanetti; 3. Galeria Tillmann; 4. Galeria Firenze; 5. Galeria Zabaleta; 6. Galeria Malcon; 7. Galeria Shopping Calçadão; 8. Galeria Nôris Mazza; 9. Galeria Satte Alam; 10. Galeria Central; 11. Galeria Antunes Maciel; 12. Galeria do Laranjal; 13. Galeria Zanin. Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2022.

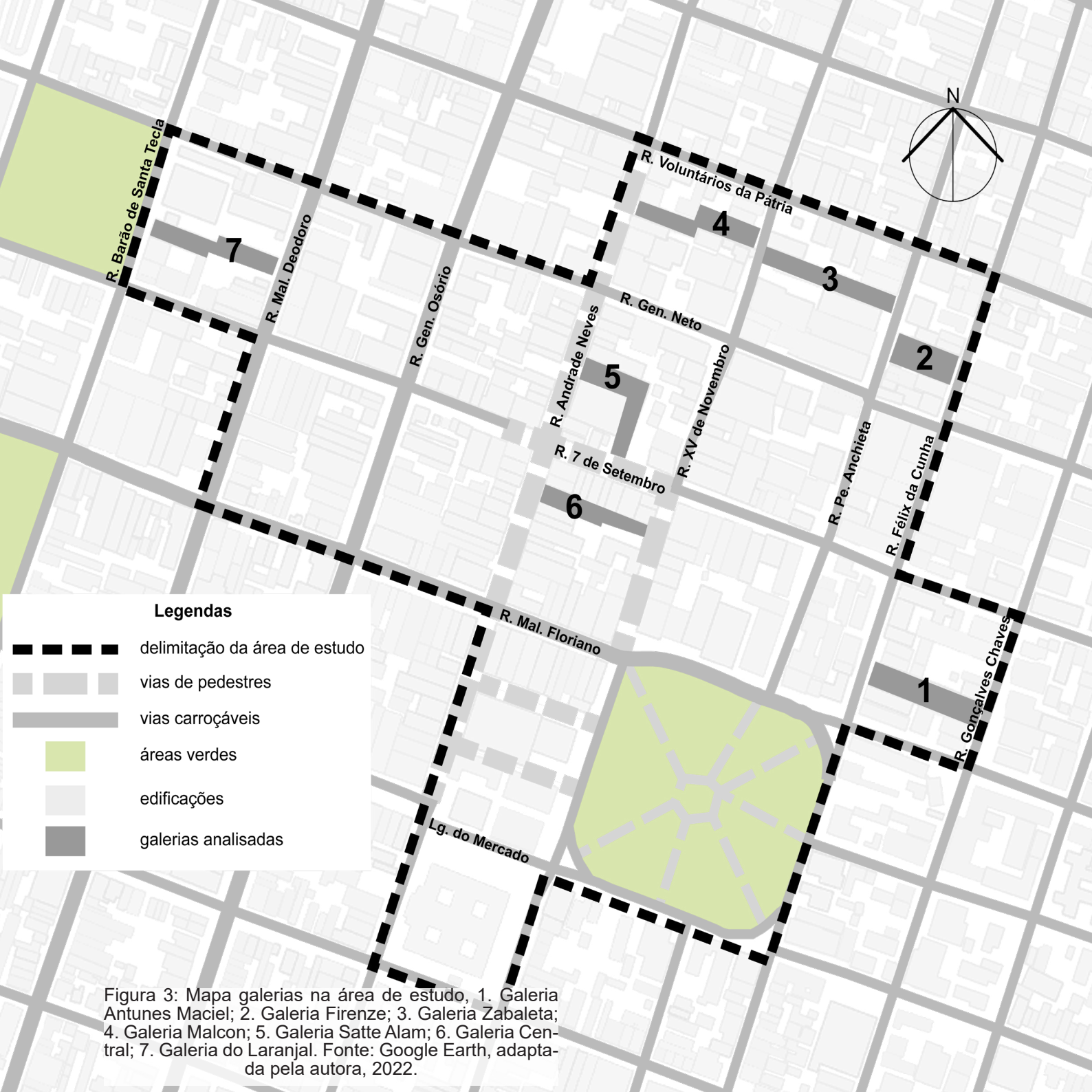


Figura 3: Mapa galerias na área de estudo, 1. Galeria Antunes Maciel; 2. Galeria Firenze; 3. Galeria Zabaleta; 4. Galeria Malcon; 5. Galeria Satta Alam; 6. Galeria Central; 7. Galeria do Laranjal. Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2022.

Com isso, as galerias analisadas a partir do que já foi dito serão: Galeria Zabaleta, Galeria Malcon, Galeria Firenze, Galeria Antunes Maciel, Galeria Satte Alam, Galeria Central e Galeria do Laranjal, que aparecem na Figura 3.

Elas apresentam algumas similaridades e diferenças. De maneira geral, a Malcon, Central e Satte Alam são as que possuem conexões com o calçadão, e a do Laranjal e Antunes Maciel são as que estão na área mais periférica do centro. A Firenze, Zabaleta e Malcon criam uma espécie de percurso, pois estão situadas praticamente uma de frente para outra e possuem faixas de pedestres entre elas.

Os critérios para selecionar tais galerias foram escolhidos em função da metodologia de pesquisa utilizada, que denominamos caminhografia urbana¹. Ela usa como base teórica o rizoma e a cartografia de Deleuze e Guattari (1995) e as caminhadas e paradas de Careri (2013;2017), a partir deles se introduz outros autores que discutem aspectos que se relacionam à esses temas.

A caminhografia urbana surge como potência de acompanhar processos através do corpo. O caminhar se mostra como alternativa de entender a cidade de dentro, e, ademais, diz respeito sobre o tempo em que se está observando, em acompanhar o processo enquanto ele acontece e, assim, se aproximar do acontecimento contemporâneo. À isso, se agrega a cartografia, como forma de mapear os processos, quando falamos em mapa, não é apenas um mapa territorial, ele pode ser uma fotografia, uma narrativa, um desenho, uma collage, um vídeo, uma conversa, ou outro tipo de produção que esteja discutindo a cidade, enquanto processo.

1 Para saber mais sobre o projeto, acessar: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>.

Para Deleuze e Guattari (1995) o rizoma é algo que se dá no meio, por isso, possui uma ordem não orgânica dos fatores. Ele é um sistema que possui múltiplas entradas e conexões, por essa razão é algo que não compreende a oposição entre fatores e se torna uma rede complexa, que se move conforme se estabelecem novas relações.

Careri (2013) fala sobre a importância do caminhar na história da humanidade, estabelecendo o homem caminhante antes mesmo da paisagem construída. Ele escreve sobre a importância das caminhadas para a transformação do pensamento sobre os lugares e explica como o sujeito se apossou do método do caminhar para modificar a cidade como um ato estético.

A caminhada de Careri (2013;2017) se une à cartografia de Deleuze e Guattari (1995) na intenção de avançar o pensamento sobre o processo e sobre a contemporaneidade. Pois, os autores explicam que a cartografia constrói novas formas de produção do inconsciente, e de maneira alguma é algo decalcado. Com isso, nós, do grupo de pesquisa cidade+contemporaneidade² tentamos distintas formas de discutir a cidade de uma forma aberta e que seja possível pensá-la com diferentes entradas.

Dessa maneira, a caminhografia urbana é um método de pesquisa que se dá em curso, ela é um movimento constante em busca do novo, do diferente, do complexo. Esta pesquisa se deu sempre em um eterno retorno ao que já havia sido descoberto, e assim íamos redescobrimo o território do trabalho.

Primeiramente, entendemos como aplicar o método da caminhografia e como relacio-

2 Para ver mais, acessar: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>.

nar alguns conceitos bases sobre as galerias, como elas se estabeleceram no mundo, como elas se estabeleceram no Brasil e como elas são usadas. Posteriormente, caminhamos por entre os corredores dessas edificações e a rua, e aqui começa o processo de retorno ao antigo, pois percebemos que era necessário revisitar o que já havia sido escrito e pensado. Posteriormente produzimos e reproduzimos a escrita transcriativa para entender as conexões que seriam feitas.

Não entendemos esses lugares como uma barreira física dentro da cidade, entendemos elas como complementos do tecido urbano já consolidado. E para entender as conexões que se dariam a partir delas, assumimos que não poderíamos utilizá-las como elemento fixo dentro da trama da cidade, por isso, buscamos como podem ser transpostas de diversas maneiras.

Solá-Morales (2001) fala sobre a diluição da barreira público-privada, ele explica que os lugares privados que são utilizados de maneira pública, precisam transpor o caráter legal. Pois assim, é possível que esses lugares criem um certo anonimato para as pessoas que utilizam esses espaços, assim como os praças, parques e outros lugares legalmente públicos.

E com isso, é possível uma extensão da cidade para dentro desses lugares. Ou seja, é assim o lugar privado com interesse público, para que a cidade possa se apropriar e utilizá-lo de maneira pública, para que se tenha mais conexões dentro do tecido urbano e configurar uma cidade mais vívida e com lugares que atraiam as pessoas (Solá-Morales, 2001).

Se complementa a isso, o fato das galerias possuírem o caráter, também, de passagem, Gehl (2015). Ele explica que esses tipos de lugares se complementam, normalmente, aos estacionários, pois, as pessoas param nos limites dos espaços de trânsito, criando zonas ativas e que articulem as pessoas a outros lugares da cidade. Em geral, eles se complementam por um trazer a sensação de segurança ao outro o movimento na rua.

O movimento pode se dar, também, por fachadas ativas, onde o pedestre pode interagir, buscando mais conexões entre a rua, lojas, lugares de serviço e até mesmo residências (Gehl, 2015). As fachadas garantem que os pedestres possam se sentir mais lentos, e isso possibilita que as caminhadas ao longo da cidade sejam mais interessantes, por isso o caminhar e o parar se relacionam de maneira tão estreita e não são exclusivos.

Além da relação forte entre o parar e o andar, também possuem uma forte vigilância e controle. São lugares altamente disciplinados, onde as ações parecem ser controladas e regradas, onde normalmente há seguranças particulares ou câmeras que fazem a vigilância das pessoas que estão utilizando o lugar. Para Foucault (1987), isso faz com que os ambientes sejam apáticos e criem ambientes de hierarquia, onde há sempre controle das situações.

Observando que esses lugares são domesticados por regras, e, ainda, a partir da transição entre o público e o privado, é possível caracterizá-lo como uma indefinição, um lugar que pode vir a ser. Buscando assim relações entre o urbano e a arquitetura, para compreender como esses lugares criam conexões, através das diversas rela-

ções que vão se constituindo. E essas estruturas podem ser uma adaptação que se molda com o tempo, ou seja, o espaço de transformações um dia pode haver estado estabelecido. Mas ao passo que necessita alteração ele é passível de alteração, isso é o entre-lugar que Guatelli (2012) explica. Para ele, o entre está justamente na presença e ausência ao mesmo tempo, pois ele não é absoluto, é algo em construção, em transgressão.

A fim de estudar as galerias surgem alguns questionamentos, como se dão as relações entre elas e a rua? Quais são essas relações? Esses elementos estabelecem conexões? Essas conexões são somente o limite entre uma e outra? Quais atividades existem nesses lugares? Como se comportam frente ao tecido urbano de Pelotas, que possibilitam pensar novas perspectivas?

1.1 Objetivo geral

As galerias comerciais se categorizam como lugares de passagem, de compra, e ainda são lugares privados, de uso coletivo. Ademais, elas integram a malha urbana, e são capazes de conferir fisionomia própria à cidade que estão situadas, são lugares do movimento, e também de parada. Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é investigar os territórios de conexão da área central de Pelotas/RS, afim de compreender as relações entre galerias, cidade e pessoas na contemporaneidade, possibilitando novas leituras da cidade.

1.2 Objetivos específicos

A partir do objetivo geral se desmembraram alguns objetivos específicos: a) identificar

as diversas dinâmicas que existem nesses lugares; b) analisar os entre-lugares das galerias na contemporaneidade; c) mapear as sensações vivenciadas durante as caminhografias.

Fazemos as caminhografias por esses lugares em ritmos distintos do usual, e possibilitam ver, sentir e entender outros pontos de vista. É capaz de desvelar a cidade para um outro olhar que talvez o pesquisador não tivesse ainda, aproximando-nos de uma experiência real da cidade contemporânea.

A área da arquitetura e do urbanismo são vastas, e com isso destacamos, que a delimitação deste trabalho busca uma análise desde o prédio e entender o seu lugar dentro da cidade, até chegar a malha urbana na cidade de Pelotas/RS. Entendendo que um não se faz sem o outro, e que esses dois elementos funcionam em conjunto.

Ainda, elencamos um ponto importante deste trabalho, escrevemos ela em primeira pessoa, do plural e do singular. Explicamos melhor, escrevemos ela na maioria em primeira pessoa do plural, porém quando falamos sobre as experiências das caminhadas que não foram em grupo, falamos em primeira pessoa do singular. Também escrevemos em primeira pessoa do singular em quatro transcrições, terceiro capítulo. Quando acontece a mudança de pessoa ao longo do texto, colocamos uma nota de rodapé para auxiliar a leitura. E com isso, convidamos que caminhe pelas partes dessa dissertação, que descrevemos a seguir.

A primeira parte, a caminhografia urbana, explicamos como a metodologia é pensada, através da cartografia e da caminhada, de modo a associar teorias e transformá-

-las em uma metodologia de pesquisa. Como forma de mapear processos, ainda em curso, são adotados alguns procedimentos metodológicos dentro da caminhografia urbana, são eles: as caminhadas nas galerias e seu entorno imediato; o caderno de campo; as transcrições caminhográficas e as análises caminhográficas, para que assim seja possível expor as controvérsias do campo de pesquisa.

Já a segunda parte, o fluxo, traz a fundamentação teórica que avaliamos necessária na pesquisa para dar potência à discussão. Passando por referências que falam sobre urbanismo e arquitetura, sobre filosofia, abarcando controle, elementos que se reestruturam e sobre experiência no lugar.

Na terceira parte, passagens, são as transcrições das caminhografias feitas. Uma maneira de traduzir o caderno de campo e as fotografias coletadas em um só documento que exemplifica o que passamos em uma forma de escrita, confabulamos, pensamos, criamos hipóteses ao longo do processo de elaboração deste trabalho, e elas são expostas, para que você, leitor, nos acompanhe nesse processo.

A quarta parte, conexões, traz a costura e as associações do campo. Nesse ponto buscamos associar os conceitos do primeiro e do segundo capítulo com os acontecimentos do campo, de modo a discutir como a cidade contemporânea é uma organização complexa e como o urbanismo e a arquitetura podem ser experimentados e vivenciados a partir de diversas maneiras.

E a quinta parte, parada, apresenta o final desta dissertação, as conclusões obtidas com o percurso entre as galerias. Com a sobreposição de mapas, textos, fotografias é

possível agenciar informações e dar pistas para a discussão do campo da arquitetura e do urbanismo. Desejamos uma boa leitura.

2. CAMINHOGRAFIA URBANA

A caminhografia urbana é a metodologia que utilizamos nessa pesquisa, a qual vai ser explicada ao longo deste capítulo. Começando a partir do rizoma, de Deleuze e Guattari (1995), passando por vários pensadores que foram desenvolvendo seus conceitos de cartografia e de caminhada, que acaba por culminar no conceito de caminhografia urbana.

Nesse sentido, acreditamos que a execução de mapas são importantes para entender de maneiras diferentes como o campo funciona, como ele se desenvolve, quais seus atores etc. Tratamos mapas como qualquer produção que represente o campo das maneiras mais diversas, podendo ser: collages, fotografia, desenho, narrativas, poesia etc. Esses que podem ser feitos antes, durante e depois das caminhadas, cada um de uma maneira específica.

São modos distintos de expressão que representam um período específico, afinal, a intenção da caminhografia não é, de maneira alguma, ter uma resposta final. A intenção é refletir sobre um processo, quais as discussões possíveis que aquele campo aceita naquele momento, para que ele se desenvolva de uma maneira mais justa e igualitária, a partir de uma perspectiva específica. Dessa maneira, esse capítulo se desenrola de modo a explicar a caminhografia e as maneiras que a abordaremos nesta pesquisa.

Essa metodologia está sendo desenvolvida no grupo de pesquisa Cidade +

Contemporaneidade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas. Por isso, ainda estamos elaborando e escrevendo materiais que discutam a metodologia em si, essa dissertação é parte dessa grande pesquisa em grupo.

Para Deleuze e Guattari (1995) o conceito de rizoma (Figura 4), o qual desenvolvem o pensamento, não tem início ou fim. O rizoma é um modelo organizacional que se desenvolve no meio, no entre, na sua expansão. Esse sistema quebra com a estrutura linear e modernista que se tinha até o momento, eles explicam:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 4).



Figura 4: Orquídea simpodial com raiz rizomática. Fonte: Malena Barretto, 1997.



Figura 5: Rizoma, de Ignacio de Lucca. Fonte: Disponível em: <http://www.boladenieve.org.ar/artista/11772/de-lucca-ignacio>. Acesso em: 02 de fev. 2022.

A ideia do rizoma é despertar pluralidades e múltiplos pensamentos. A Figura 5, do artista Ignacio de Lucca, intitulada rizoma, assim como o rizoma de Deleuze e Guattari, apresenta diferenças, que quando juntas acabam compondo diversas possibilidades de leitura. O artista traz diversas cores e formas, mostrando que tudo se conecta, não sendo necessário o uso de hierarquia, e assim a obra acontece de maneira não dicotômica.

Essa ideia desvela algo que pode se dar em movimento, com a sua amplificação desde o entremeio, com isso podemos compreender a sua processualidade. Quando a cartografia — também um conceito de Deleuze e Guattari (1995) — é adotada, se parte da lógica rizomática de acompanhar um processo vigente.

A cartografia é uma maneira múltipla de tensionar um pensamento, através da criação de mapas, esses que não podem ser decalque de um pensamento ou de uma ação. Essas coisas são modificáveis, se desenvolvem, se conectam e reconectam ao longo do tempo em diversas camadas, onde cada uma possui diversas entradas de leituras e pensamentos, como elucidam os autores no trecho a seguir:

Desta vez a raiz principal abortou, ou se destruiu em sua extremidade: vem se enxertar nela uma multiplicidade imediata e qualquer de raízes secundárias que deflagram um grande desenvolvimento. **Desta vez, a realidade natural aparece no aborto da raiz principal, mas sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível.** (Deleuze; Guattari, 1995, p. 12, grifo nosso).

Agregamos a isso o fato de Deleuze e Guattari (1995) escreverem que não é possível, simplesmente, comemorar o múltiplo, é necessário também dar força para que o *uno* faça parte do sistema. O *uno* é aquele elemento que é omitido do sistema, ficando

de fora da rede de conexões. Os autores expressam o quanto esse elemento, normalmente, é tratado como elemento isolado num sistema, entretanto ele deveria ser tratado como elemento de uma trama de multiplicidades. Posto que esse elemento, quando movido, acaba por mover elementos da trama em conjunto com ele, gerando um sistema de crescimento de dimensões a partir do *uno*.

Com os princípios cinco e seis do rizoma — princípio da cartografia e da decalcomania —, partimos para a elaboração da metodologia utilizada nesta pesquisa. Segundo os autores já citados, um rizoma não pode ser justificado através de nenhum modelo estrutural gerativo, tampouco pode ser representado como absoluto. Assim, a cartografia se presta para acompanhar um processo, entendendo que um mapa não é capaz de reproduzir um inconsciente inalterável acerca dele próprio. Esse mapa é uma construção sobre uma ideia em curso, nunca uma ideia fixa, afinal a realidade não pode ser apreendida em totalidade.

A caminhografia nos elucida um processo em curso, ademais, podemos entender o urbano de dentro, com o corpo, e com isso somos capazes de captar alguns processos pelos quais a cidade passa. Por isso, acabamos unindo o conceito de Deleuze e Guattari (1995) de rizoma e cartografia, ao conceito de caminhada do Careri (2012), e agregando alguns outros autores para criar a metodologia de caminhografia urbana, que utilizamos nessa pesquisa.

O caminhar, por sua vez, tem sua origem no homem que caçava, e esteve atrelada à história humana, e que, por isso, deslocava-se em busca de alimento e, também, moviam-se em função de ameaças externas, como animais ou conflitos humanos. O

caminhar se desenvolve junto ao homem, conforme ele vai se adaptando às situações e criando novas possibilidades para si, andar a pé vai tomando funções diferentes, que dizem respeito a comida, a construção, a rituais, a movimento, e tantas outras atividades que o sujeito desenvolve ao longo da história humana.

Pastores nômades se ligam ao ato de caminhar, e são os primeiros a propor, a partir de caminhadas, paisagens construídas, com os menires³. Os dois exemplos supracitados se deslocam, constroem e reconstroem o que hoje entendemos por paisagem. Os caçadores, enquanto habitavam um lugar, constituíam uma paisagem, de forma simbólica, fazendo parte dela, porém essa paisagem ainda não era construída. Já os pastores nômades, na Idade da Pedra, são os primeiros a posicionar objetos na terra, os menires, de modo a transformarem a paisagem (Careri, 2013).

Com isso, “A paisagem entendida como arquitetura do vazio é uma invenção da cultura da errância” (Careri, 2013, p. 31), ainda não era possível identificar esses lugares da arquitetura do vazio. A construção territorial, simbólica, já se dava desde o nomadismo e, por isso, a relação entre o percurso, a arquitetura e a urbanização é importante, elas se desenvolvem e se relacionam desde os caçadores até os dias de hoje, de maneira a constituir diferentes formas e ligações para a vida humana.

Assim como os caçadores e os pastores nômades se deslocavam na Pré-história,

3 Menir é a representação do primeiro elemento construído, com registro no mundo ocidental, que se transforma em paisagem. É um objeto abstrato, que ao longo do tempo se transforma em representações, como colunas e esculturas. Os menires foram construídos para adoração de Deuses, e utilizados como locais de simulacro e de culto para os habitantes que viviam perto da região. Além disso, também, funcionavam como pontos referenciais para esses habitantes (Careri, 2013).

os homens se locomovem de maneiras diferentes de acordo com as demandas que surgem. Careri (2013) conta a história do caminhar, desde os caçadores, até seu grupo intitulado Stalker, ele fala sobre diversas figuras caminhanes ao longo do tempo, explicando que o andar a pé agrega diferentes formas em seu hábito. Os caçadores que percorriam lugares em busca de comida, os pastores que construíram paisagens, chegando aos dias atuais onde Careri e seu grupo percorrem as margens de Roma, em um ato estético e investigativo, além do mais o caminhar aparece como ato transformador de lugares.

Podemos encontrar diversas maneiras de caminhar, seja pela cidade ou pelo campo, pelo cheio e pelo vazio, o público e o privado, entre outros. A exemplo disso, os praticantes ordinários que experienciam, através de suas caminhadas, um texto urbano. Os quais escrevem com seus pés, mas sem poder lê-lo, é um texto produzido no presente, e da transformação de lugares vividos. É a invenção da cidade desde atos transformadores, ainda que esses praticantes ordinários não tenham a intenção de modificar lugares a partir do ato de caminhar (Certeau, 1990).

Essa cidade é modificada ao passo que os praticantes ordinários⁴ jogam, inconscientemente, com ela. Esse processo estético ocorre pela organização da transição entre um lugar de origem e um não-lugar que é produzido durante a movimentação dessas pessoas. Esse ato é entendido como um processo estilístico entre esses lugares, assumindo que o não-lugar citado seria um lugar de passagem, onde não se permane-

4 Para De Certeau (1990) os praticantes ordinários são seres com saber comum. Pessoas que habitam a cidade sem pensar sobre ela, são sujeitos que estão envolvidos no cotidiano de forma sistêmica. Que, usualmente, são ignoradas, e, ainda assim, criam potências de vida quando entrecruzadas com outros elementos.

ce, entretanto se estabelece uma relação com o lugar, ainda que seja um vínculo de passagem (Certeau, 1990).

A cidade, em suas diversas camadas, possibilita a criação e adaptação de diversos locais. Até mesmo lugares de passagem são apropriáveis, normalmente eles se configuram em linha reta e as pessoas utilizam como ligações, por isso são pouco utilizados para atividades estacionárias. Eles têm potencial de se transformar e podem ser apropriados pelas pessoas, sendo capazes de fazer parte do sistema de lazer.

A linha e suas diversas dinâmicas se estabelecem baseadas em novas distribuições. Isso quer dizer que a linha se fragmenta em tantas partes, que não mais importa a linha em si, e sim as várias partes em ruptura de uma linha e como se dá a processualidade de um ponto de ruptura a outro. “A linha, aparentemente, se perdeu em segmentos” (Ingold, 2015, p.230, tradução da autora)⁵, se a linha pode se transformar em vários segmentos, podemos ver semelhanças, na prática, com os lugares de passagem. Por vezes, temos grandes lugares lineares, e ainda assim, alguns fragmentos desses lugares parecem mais interessantes, mais vívidos, com mais interação.

Ingold (2013) escreve em seu livro, que não só pela confluência se faz um lugar, mas também pela disjunção. Lugares esses que podem ser produzidos através de pontas soltas, que quando unidas a outras pontas soltas são capazes de elaborar novos significados. Ele transforma a ideia de que a linha tem um início e um fim e busca uma indefinição a partir da linha, para gerar novas formas, ainda que algo pareça óbvio.

5 Texto original: “La línea, al parecer, se ha roto en fragmentos” (Ingold, 2015, p.230).

As novas formas dentro do urbanismo são necessárias, deve haver a sua modificação ao passo que a vida também se modifica. A urbe não é estática, quando se transforma gera novas formas de vida, novas pessoas, novas formas de habitar os lugares, novas configurações espaciais. As novas maneiras que as pessoas veem os lugares devem fazer com que a cidade se modifique, e isso parte das produções de subjetividade em que os sujeitos estão expostos cotidianamente.

Guattari (1992), diz que a produção da nova subjetividade vem atrelada a novos hábitos e mentalidades, ademais, a mudança é necessária para que se faça novas produções de subjetividade. Elas são importantes para que os habitantes se direcionem a novas errâncias de desejo, ou seja, para que nunca estejam estáticos em direção aos desejos individuais e coletivos, e com eles, seja possível a criação do novo ou a resolução de problemas que afetem a todos.

A chave fundamental para a produção de novas subjetividades está na possibilidade de interseção de problemas urbanos, pois podem resultar em novas formas. A cidade contemporânea abarca diversas demandas, e as produções de subjetividades dependem de todos. Entretanto, isso depende, também, da qualidade que ela apresenta. O urbano deixa de ser um plano abstrato, para se transformar em fundo de tela para tudo o que acontece no território, os urbanistas devem dar a devida atenção para problemas econômicos, sociais e culturais, e assumir isso dentro de novos projetos ou requalificações (Guattari, 1992).

Desse modo, se o cruzamento de problemas se dá dentro dos limites urbanos, é preciso estabelecer como resolvê-los, ou como pensar sobre eles, dentro de ordens que

não dizem respeito apenas aos urbanistas. Para Guattari (1992), a cidade subjetiva depende de todos, entendendo que a produção da subjetividade — individual ou coletiva — da mesma forma afeta a todos, e isso auxilia no desenvolvimento de novas produções. Por isso, devemos tratar com arranjos transversais, ou seja, as áreas do conhecimento devem se atravessar e perpassar. Em razão disso, devemos pensar em como conduzir diferentes linhas de pensamento dentro de uma única localidade.

A subjetividade se dá a partir de diversos pontos, como território e meio ambiente, espaço vivido por crianças ou pessoas com deficiência, mudanças de programas ou inovações pedagógicas (Guattari, 1992). Para isso, nós, urbanistas devemos ter atenção e entender como é possível entrecruzar dados tão diversos, para que assim, abarcar as diferenças, em novos projetos urbanos, seja uma potência de trabalho.

Podemos, através de diversos métodos, entender as subjetividades que se distribuem ao longo dos lugares. Entretanto, é necessária a experimentação, a experiência. Ela é o que acontece, é a elaboração do sentido, é o saber do que acontece a alguém. E, isso, é um saber intrínseco ao indivíduo que a vive, por esse motivo, a experiência é carregada de personalidade, caráter, sensibilidade, forma singular de mundo, ética e estética (Bondía, 2002). Por essa razão, se relaciona com as subjetividades que Guattari (1992) fala.

Bondía (2002) parte do campo pedagógico para pensar a experiência e a atenção, já que elas se estabelecem em uma relação entre o conhecimento e a vida humana. Da mesma forma, experimentamos a cidade diariamente, e, assim como Bondía (2002) pensa na educação desde a experiência, por que não pensar em lugares da mesma

forma? É necessário pensar em um urbanismo transversal, o qual várias pessoas têm voz e participam da sua construção.

Um urbanismo transversal é possível quando se tem inúmeras vozes falando e pensando em conjunto. Por isso, a importância da multiplicidade e do conjunto, pois é quando ele se desenvolve que cria o desejo e quando se deseja, sempre se deseja em conjunto, e em conjunto que se agencia a pluralidade (Deleuze, 1995).

É um transbordar de várias dimensões, porque quando falamos em agenciamento, devemos entender que não se trata apenas de transbordar, é a iminência de modificar a natureza do objeto ou pessoa. É possível que o agenciamento disponha de no mínimo quatro dimensões, sendo elas: estado das coisas, enunciações, territórios e movimento de desterritorialização. Nesse momento que o desejo das coisas ocorre, no movimentar, no transbordar dessas dimensões, nunca *uno*, sempre em movimento, assim como o rizoma (Deleuze; Guattari, 1995).

Para a criação é indispensável pensar no transbordar de novas dimensões. Deleuze (1999) discorre sobre a tentativa de concepção — no cinema — que procura apresentar o limite dos espaços-tempo. A dúvida sobre novas criações sempre é: se os limites entre os espaços e tempos não são conectados previamente e como essa ligação se dá de maneira explícita? Para Deleuze (1999), Bresson faz a junção dessas camadas com a mão, ele reintroduz sistemas táteis ao cinema, de modo que as conexões não dadas pelo filme podem se dar pela mão. Ou seja, os sistemas táteis são postos quando Bresson apresenta as mãos, não pelo simples fato de apresentar as mãos, e sim porque as mãos representam algo em seus filmes.

Então, precisamos entender os agenciamentos na cidade e as diversas relações que ela pode fazer, ademais, a caminhografia urbana, como método de pesquisa, também se conecta à isso. Agenciamentos e criações estão conectados de alguma forma, então, podemos assumir que o urbanismo produz diversas conexões, e diversas possibilidades de composição. Existe a oportunidade de se pensar novas localidades a partir dessa lógica, e assim criar novas perspectivas projetuais, para lugares já ultrapassados, em questões sociais, culturais e econômicas.

A caminhografia é uma metodologia potente para a criação, entendendo que o corpo é o ponto de partida para a busca de novos agenciamentos no campo. Podemos reconhecer que a caminhografia urbana abre novas possibilidades de leitura e mapeamento da cidade, também, ela é uma potente ferramenta para criação de novos caminhos, para enxergar um novo modo de configuração. Apoiado nisso, a cidade se estabelece de maneiras diferentes e, por isso, devemos adentrá-la para poder reconhecer, recriar e ressignificar lugares de importância.

Segundo Latour (2007), um sujeito, ou um pesquisador, articulado é aquele que se deixa afetar pelas pessoas e pelas coisas. A articulação se dá quando esse pesquisador vai a campo e se deixa mover com o campo, para aprender com ele. O campo proporciona uma troca entre o pesquisador e o que se faz presente no campo.

Ou seja, o campo precisa ser articulado e pensado junto com outros fatores que também interferem dentro daquele sistema complexo. Diante disso, podemos entender que o corpo ganha a possibilidade de extrapolar os seus limites e de se transformar, o

devir⁶ passa a fazer parte do processo daquilo que o move.

Dessa forma, entendemos que a pesquisa de campo se articula de modo a aprender e transformar com o lugar. Esse tipo de estudo se dá baseado no processo, por isso é necessário que diversas forças atravessem a pesquisa, e, ainda, que essas forças produzam afetabilidade entre o cartógrafo-pesquisador e o campo. Consideramos diversos elementos dentro de uma pesquisa cartográfica, que auxiliem no desvendar do campo, como relatos, entrevistas, artigos, teses e um mundo (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016).

Para isso, precisamos do cultivo da atenção como receptividade primeira da experiência (Bondía, 2002). O campo e seus diversos atores, são ferramentas importantes para obtenção de dados e discussões dentro do urbanismo, porém sem a atenção plena e sem que o sujeito pesquisador esteja disposto a receptividade, é custosa a compreensão global do que se desenrola no lugar.

Bondía (2002), explica que a experiência requer atenção, em diversos sentidos, não basta parar ou olhar:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, **suspender o automatismo da ação**, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar

6 Devir versa sobre um corpo invadido por algo, esse algo carrega tanta potência que o corpo invadido busca ser algo diferente do que era inicialmente. O devir, relaciona-se com novas ligações, e ele não diz respeito à dependência, tampouco à filiação (Deleuze, Guattari, 1997).

sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, **cultivar a arte do encontro**, calar muito, **ter paciência e dar-se tempo e espaço**. (Bondía, 2002, p.24, grifo nosso).

A experiência pressupõe que o sujeito esteja aberto a novas possibilidades. Por isso, a pessoa também precisa estar exposta a situações, de maneira vulnerável e de risco, a atenção se dá no sentido de absorção das coisas que atravessam o sujeito. Como se esse sujeito estivesse sempre aberto e disponível, essencialmente, à experiência, e assim, com a atenção pode perceber as estruturas ao seu redor — objetos, atores, estruturas, etc. (Bondía, 2002).

Segundo Bondía (2002) a experiência é o lugar dos acontecimentos, é o que acontece a alguém, e, sobretudo, o que tem condição para acontecer. A experiência precisa de um território para acontecer, que é o sujeito da experiência, esse que:

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Tratamos, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (Bondía, 2002, p. 24).

Esse sujeito é o território, de fato, que está pronto para ser afetado. É uma superfície sensível, um território de passagem, não como lugar físico, mas como lugar que se pode chegar ou que se pode acontecer. É um sujeito que se expõe, visto que só é sujeito da experiência quem se expõe, e está pronto para receber o indeterminado, o

inesperado, e provar o lugar de indefinição (Bondía, 2002).

O corpo e o lugar estão diretamente ligados desde o início da história humana, e fazem uma conexão com o território, que foi mencionado anteriormente. O corpo humano se deixa afectar⁷ e procura maneiras de se relacionar com o lugar, o caminhar corrobora para que isso aconteça, já que a relação com a terra é forte desde o primeiro mito que se tem registros, no oriente. Diante disso, o corpo, como território, também serve para que os lugares se transformem de maneira simbólica.

O caminhar, segundo o mito, desde o princípio da história, tem relação com os lugares. A começar com o mito de Caim e Abel, onde eles representam, respectivamente, sedentarismo e nomadismo. A divisão se deu por vontade de Deus, Adão e Eva deixam o mundo dividido aos seus filhos: Caim ficaria com toda a propriedade da terra, e Abel com a propriedade de todos os seres vivos. Como Abel precisava da terra para que os seres vivos sobrevivessem, Caim acusa-o de invadir seu território e o mata (Careri, 2012).

Caim se relaciona ao trabalho através do plantio da terra, enquanto Abel tem tempo livre para buscar e explorar a terra, relacionando ao trabalho intelectual, não utilizando o tempo de forma proveitosa. Assim, surgem duas maneiras distintas de habitar a terra, a que se relaciona ao trabalho, ao sedentarismo, que se associa a arquitetura física, onde é preciso se fixar no lugar, e construir, de maneira literal, o ambiente. A segunda maneira de habitar é a que se relaciona com a investigação, com o nomadis-

7 Afecto diz respeito ao encontro de corpos, e como um corpo deixa impressões sobre o outro (Deleuze; Guattari, 1997). Corpos quaisquer, pode ser um objeto que deixa marcas sobre uma pessoa, uma pessoa que deixa marcas sobre outra etc.

mo, que se associa a arquitetura como assimilação do lugar, uma maneira simbólica de entender o ambiente (Careri, 2012).

Os conceitos de território e habitação do espaço físico estão interligados desde os tempos mais antigos, como evidenciado no mito de Caim e Abel. A narrativa destaca a divisão entre sedentarismo e nomadismo, que se relacionam com duas maneiras distintas de habitar a terra. A territorialidade está ligada à identificação de lugares onde as pessoas se sentem acolhidas, envolvendo tanto um aspecto físico quanto subjetivo. A arquitetura como compreensão do lugar, que é uma maneira simbólica de entender o ambiente, é um exemplo de como a relação com o território pode ser construída de forma subjetiva.

O território para Deleuze e Guattari (1995) é uma relação entre as forças⁸ que cercam um corpo, podendo esse corpo ser: organismo ou território. Para que possamos melhor entender, para os autores território é uma construção de diversas camadas, que são apropriáveis, e é possível transformá-las em algo com novos sentidos para quem habita o território. Eles explicam:

O território é feito de **fragmentos descodificados** de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de “**propriedade**”: mesmo os ritmos ganham aqui um novo sentido (ritornelos). **O território cria o agenciamento**. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples “comportamento” (donde a importância da distinção relativa entre animais de território e animais de meio). (Deleuze; Guattari, 1995, p.192-193, grifo nosso).

8 São elementos que estão em constante mudança e movimento, que podem ser moldados e experimentados de maneiras distintas. Essas forças interagem e se influenciam mutuamente, por isso estão em constante mudança (Deleuze, 1995).

Com isso, podemos compreender que o território pode ser uma subjetivação, onde cada indivíduo se sente parte dele. Pode ser uma combinação de forças que envolve não só um lugar físico, como também um lugar subjetivo — tanto individual como coletivo. A territorialidade, nesse caso, seria relativa à identificação das pessoas com os lugares pelos quais elas se sentem acolhidas, por isso, não é apenas um lugar físico.

Essa territorialidade também diz respeito à intensidade. Quando um corpo é afectado ele gera uma reação em cadeia em diversos outros corpos dessa rede, que produz um grau, uma intensidade, que incorpora diversos outros graus de maneira que acaba por constituir um novo corpo. Ademais, esses graus implicam em vibrações, que não são compostas por somas, justamente são compostas pela interação entre os corpos, essas vibrações são de fato a intensidade (Deleuze; Guattari, 1997).

Deleuze busca em Bergson e em Spinoza a definição de intensidade, ele discute isso na afetação de um corpo em outro, baseado na diferenciação. Onde um corpo só existe pois outro também existe e vice-versa, é descartada a possibilidade de hierarquia sobre a intensidade, “A substância absolutamente infinita é o ser enquanto ser, os atributos todos iguais uns aos outros, são a essência do ser, e aí temos essa espécie de plano sobre o qual tudo se assenta e onde tudo se inscreve (Deleuze, 2019, p. 81)”

É o movimento de repetição do diferente, onde o diferente afecta o corpo e a mente e faz com que esse movimento do fora, se torne uma reação dentro do corpo afectado. Onde essa reação pode ser uma afirmação e reafirmação da imanência⁹ dos corpos

9 São elementos que estão em constante mudança e movimento, que podem ser moldados e experimentados de maneiras distintas. Essas forças interagem e se influenciam mutuamente, por isso estão em constante mudança (Deleuze, 1995).

(Deleuze, 2008).

Apesar de abordarem temas distintos, os escritos de Deleuze e Guattari (1995) e Careri (2013) possuem em comum a importância de se pensar de forma ampla e transdisciplinar para compreender as complexidades do mundo em que vivemos. Enquanto Deleuze (2008) foca na intensidade e em como o corpo pode afetar um outro corpo e como essa afetação é mútua, Careri (2013) defende a importância da arte na reflexão sobre a cidade e no ato de caminhar. Ambos compartilham a segurança de que a abordagem transdisciplinar é essencial para se entender múltiplas dimensões, que vão além dos aspectos práticos. Essa reflexão mais profunda pode gerar novas formas de compreender e interagir com o espaço urbano e com o mundo.

Nesse contexto, o conceito de intensidade, trabalhado por Deleuze (2019), também pode ser aplicado à experiência da caminhada. A intensidade não se limita às sensações físicas, mas também engloba aspectos mentais e emocionais, sendo um fator fundamental na compreensão e interação com o lugar. Dessa forma, a reflexão proposta por Careri (2013;2017) sobre o caminhar como ato estético e político pode ser enriquecida ao se pensar na intensidade como elemento fundamental nessa prática, que pode nos afetar e transformar de diversas maneiras.

Careri (2017), em seu livro “Caminhar e Parar”, fala sobre seu curso intitulado Artes Cívicas na Universidade Roma Tre. Ele explica a necessidade da cidade ser pensada e transformada de maneira transdisciplinar, ela deve ser pensada por cientistas que se interessem pela cidade, mas também deve ser pensada através de artistas, como escultores, pintores, fotógrafos, cineastas, pois a arte fala de uma maneira com gran-

de eficácia sobre o urbano.

Partindo da transdisciplinaridade é possível pensar no caminhar como ato estético e político. Com isso, o autor pensa alguns fatores importantes para o curso, e um deles é que a caminhada não se faz por lugares delimitados para isso, normalmente as caminhadas se fazem transpondo o limite de onde se tem o direito de ir, em propriedade privada, pois com isso é possível que aconteça a ação criativa dos alunos (Careri, 2017). Essa prática dele, faz pensar a busca pela intensidade e diferença dentro da prática do caminhar, afinal, ele propõe a exposição dos alunos ao limite para que eles consigam pensar de diferentes maneiras dentro da cidade, buscando o inesperado e o novo.

Esses espaços são transponíveis na cidade, assim como os espaços lisos e estriados, discutidos por Deleuze e Guattari (1997), em seu livro *Mil Platôs*, onde há o deslocamento de um espaço para outro. E para que esses lugares sejam modificados, basta que existam movimentos entre os dois, onde há conexão, uma faísca, um ponto de contato, há maneiras de transpô-los, podendo ser por diferentes velocidades, diferentes signos ou diferentes formas de ocupá-los.

Existem três diferenças essenciais entre os espaços lisos e estriados. A primeira, é a relação inversa entre o ponto e a linha, onde o espaço liso é composto pelo ponto entre duas linhas, e o espaço estriado é composto por uma linha entre dois pontos. A segunda, é a natureza da linha, no espaço liso a relação é um espaço direcional de intervalos aberto, e no espaço estriado o espaço é dimensional de intervalos fechados. A terceira diferença é a superfície ou o espaço, o espaço liso se distribui em um

espaço aberto, que possui frequências ao longo do percurso, já o espaço estriado se fecha em uma superfície, que é repartida por intervalos determinados (Deleuze; Guattari, 1997).

Para Deleuze e Guattari (1997) o essencial em entender os espaços lisos e estriados é como esses espaços se conectam e como criam uma tensão entre eles, onde um espaço não é totalmente uma coisa nem outra. É nessa fricção entre eles que se constrói o devir, onde um espaço nunca se acaba, o liso se deixa estriar e o estriado se deixa alisar conforme suas necessidades, e assim se configuram novos lugares. Onde podem obter novos valores, novos alcances, e novos signos, por isso, o que importa é a comunicação entre os dois.

Paola Jacques (2012), faz um paralelo entre a cidade e os espaços lisos e estriados, ela explica que o espaço liso é do nômade, um espaço vetorial e projetivo, e o espaço estriado é do sedentário, um espaço métrico. O primeiro se ocupa sem medi-lo, e o segundo se mede sem ocupá-lo, então ela se questiona de como um espaço pode ocupar o outro e vice-versa.

Pois a cidade é uma constante aglutinação de espaços lisos e estriados, é necessário entender como a lógica nômade pode se dar dentro de espaços estriados, e também como se dão as conexões desses espaços, afinal um nunca está isolado do outro, a partir de um é possível a compreensão e conexão dos lugares dentro da cidade e das experiências nesses lugares também, como diz no trecho: “As transmissões da experiência através de suas narrativas garantem certa continuidade da própria experiência que, obviamente, já não é a mesma” (Jacques, 2012).

De certa forma, a transposição entre o espaço liso e o estriado, nômade e sedentário, também podem se dar no ato de caminhar, com o movimento do caminhar e parar. Na pesquisa de campo os dois têm sua importância e suas distinções perante associações.

Careri (2017) fala sobre a construção do caminhar e do parar como sendo uma única ação. Algo que perpassa o nômade e o sedentário, que está entre os dois, é um e o outro. O parar é tão importante quanto o caminhar, já que o parar significa o descanso, o pouso, é no parar que se sedimentam os pensamentos, nesse momento que é possível fazer a identificação de territórios, que se pode encontrar o outro, é a construção das relações do território. O autor relaciona o caminhar com a navegação de forma a traçar paralelos entre o caminhar e o parar:

Eis, então, que o conceito de deriva, uma vez ampliado como sendo também a arte do encontro, leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho. (Careri, 2017, p. 47).

O parar também estabelece uma relação com a recuperação do tempo. Se no parar é a possibilidade da sedimentação dos pensamentos, podemos usar ele também como recuperação do espaço e do tempo perdido dentro de um sistema produtivista, controlado, onde quem para pode criar novas formas de estar e habitar um lugar. Não só através de novos pensamentos ou novas discussões, mas também de maneira estética dentro de um sistema programado para não parar.

Isso corresponde à relação entre a velocidade, movimento e repouso dos elementos que compõem os indivíduos e como essa relação pode influenciar as estruturas e

arranjos. Os arranjos desses elementos são mais importantes do que a quantidade de elementos em si. Os elementos abstratos e corpos que entram em combinações diversas para formar órgãos e desempenhar funções de acordo com sua velocidade e lentidão (Deleuze; Guattari, 1997).

Também existe a questão dos saltos e fracassos entre agenciamentos e como eles fazem parte do plano de imanência, onde o mesmo plano fixo é percorrido por elementos informais de velocidade relativa. A relação de movimento e repouso dos elementos vizinhos pode influenciar a maneira como a relação compõe ou decompõe, como os elementos de um órgão. Existe uma relação complexa e abstrata sobre a composição dos indivíduos, enfatizando a importância da relação de velocidade, movimento e repouso dos elementos para a estrutura e funcionamento (Deleuze; Guattari, 1997).

As relações de velocidade, movimento e repouso tem relação direta com a cidade, e possíveis associações entre diferentes formas de ocupação dos lugares. Em suas diversas formas de apropriação, o urbano e as pessoas se comportam de maneiras diferentes, e em alguns momentos, algumas situações cotidianas são pouco discutidas, pouco questionadas. A caminhografia se propõe a discutir essas situações, pois seria pouco provável não falar sobre situações gritantes no cotidiano da cidade.

Essas situações podem ser chamadas de “indizíveis”, que significa algo que não pode ser dito ou expresso por palavras, ou seja, é algo que não pode ser descrito completamente através da linguagem ou que transcende a capacidade de ser comunicado verbalmente. A palavra é formada pelo prefixo “in-”, que indica negação, e o adjetivo “dizível”, que se refere à capacidade de ser dito ou expresso (Michaelis, 2023).

Jacques Derrida (1973) também usou o termo indizível em sua obra para se referir a algo que não pode ser totalmente expresso ou capturado por meio da linguagem. A linguagem é sempre uma representação incompleta e imperfeita daquilo que ela tenta descrever, e essa incompletude está presente em todos os aspectos da comunicação humana, desde o nível mais simples da linguagem cotidiana até a filosofia e a literatura.

Tudo o que é dito ou escrito é sempre apenas uma aproximação, uma tentativa de capturar algo que está além do alcance da linguagem. Assim, o indizível não é apenas uma questão de limitações linguísticas, mas sim uma característica fundamental da experiência humana, uma vez que sempre haverá algo que não pode ser completamente expresso em palavras (Derrida, 1973).

A cartografia como método se presta a investigar como os processos acontecem, e ele acompanha esse processo de maneira a discutir o que o campo apresenta. A cidade se apresenta com mudanças abruptas em pouco tempo e espaço, e por isso a cartografia auxilia em registrar todos esses processos de dentro (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Isso corrobora para o pensamento sobre o indizível, o que é indizível dentro da cidade? Sobre o que não se pode falar dentro da cidade? E por que acompanhar um processo potencializa o pensamento sobre esses aspectos? Não que a caminhografia consiga dar conta de todos aspectos do indizível, e sim que ela busca entender os processos e discutir o que acontece.

O cartógrafo deve manter sua atenção na localização das pistas, para que seja possível compreender a processualidade das mudanças que acontecem no território. Essas

mudanças deixam rastros, que são possíveis de serem analisadas, pois mudam de posição, de velocidade, de aceleração de ritmo, e para captar essas novas propulsões de vida o cartógrafo deve se deter em uma atenção movente, que é o movimento junto ao território (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015).

A caminhografia está justamente nessa lacuna da cidade, onde as coisas são pouco faladas, pouco discutidas, pouco pensadas. Ela chega com a intenção de descobrir novas potências de vida no urbano, e isso pode ser encontrado quando o pesquisador se desarma de suas convicções, e se perde. Se perder, na caminhografia, tem um sentido da busca pelo novo baseado no inesperado, quando não se procura algo em específico, ou não se espera algo em específico é possível encontrar novas perspectivas.

Careri (2013), trata o caminhar não só como um ato empírico, mas também como ato estético. Ele encoraja os leitores a “andare a zonzo”, um termo que em italiano significa andar à toa, se perder, transitar, e mais ainda é uma maneira de experimentar a cidade a partir da subversão. Essa prática aparece como ato estético, pois ele escreve que os caminhantes constroem situações, brincam com a cidade e buscam o inesperado. Assim, é possível romper com a lógica do tempo produtivo e do consumo, e para isso é preciso entender a cidade como espaço lúdico, de brincadeira (Careri, 2013).

Dessa forma, é possível compreender os espaços vazios, e com eles, brincar. Se a cidade é jogada, através de caminhadas, ela se faz e se transforma conforme as pessoas daquele lugar desejam, e assim é possível transformar a paisagem. Esses lugares que estão vazios, entretanto, são plenos de novas possibilidades e são passíveis de

constantes remodelações e de diferentes entendimentos (Careri, 2013). Esses lugares buscam o novo, a começar pelo movimento, podendo se basear em construções de fato, ou mesmo a criação pelo imaginário e pela construção simbólica do lugar.

O ziguezague de Deleuze (2011) expressa movimento, e com o movimento vem a ideia da criação. Para ele o Z é o último, e o que faz voltar ao A, no alfabeto, a ideia de ter dois potenciais – o Z e o A – significa que existe um precursor sombrio entre eles, em que o Z e o A são dois mediadores do que há entre eles, há um trajeto, um percurso, entre eles e isso faz com que a criação entre os dois seja possível.

Z é uma letra formidável, que nos faz voltar ao A. O ZZZZ da mosca, o ziguezague da mosca. O Z é o ziguezague. É a última palavra. Não há palavras depois do ziguezague. É bom terminar em cima disso. O que acontece com o Z? (Deleuze, 2011, p. 72).

Desse precursor sombrio nasce o raio, o precursor faz uma mediação entre os potenciais, que estão em estado de reação. Esse estado permite que a tensão entre os potenciais crie o raio no meio do trajeto e, por isso, a relação da criação e do movimento. Enquanto algo se movimenta é possível que haja a criação a partir de eventos que não são esperados, basta que o percurso exista (Deleuze, 2011).

O urbanismo busca uma possível orientação e uma territorialização do lugar, o que é esquecido durante esse processo é a possibilidade de rápida modificação da cidade. O cotidiano faz com que o urbano seja modificado diariamente, e com a organização dos urbanistas isso se perde, em certa medida. Muitas das apropriações e intervenções cotidianas escapam do planejamento, mas elas deveriam estar incluídas nesse lugar (Jacques, 2013).

E, por isso, os praticantes ordinários da cidade atualizam, todos os dias, projetos. O praticante vê a cidade de dentro, e entende como pode modificá-la a partir da sua experiência no lugar. A autora explica:

São duas lógicas de apreensão da cidade, da experiência urbana, que coexistem: a estratégica, do urbanismo e planejamento hegemônico – hoje também chamado, não por acaso, de planejamento estratégico –, daqueles que produzem os espaços a partir da vista aérea, dos cálculos objetivos e do poder que os sustenta; e a tática, astúcia daqueles que cotidianamente praticam o espaço, usando-o, desviando-se, profanando-o, subvertendo-o: jogam com o espaço dado. (Jacques, 2012, p. 268).

Se são duas lógicas, uma que planeja e que é hegemônica, enquanto a outra é tática, é cotidiana, e é subversiva. Precisamos romper o limite delas e entender como a cidade é jogada nos lugares estratégicos, entendermos como acontecem as disputas de poder dentro da cidade, e aceitar que a cidade não pode seguir apenas uma lógica do planejamento, pois as duas lógicas se alinham, e caminham juntas na cidade contemporânea.

2.1 Procedimento metodológico:

A caminhografia urbana é uma metodologia aberta e que aceita diversas entradas. Por isso, vimos a necessidade de estipular alguns procedimentos metodológicos que deem conta dos objetivos da pesquisa. As caminhografias entre as galerias e a rua eram o ponto de partida, a partir disso se estipularam quatro procedimentos metodológicos.

Selecionamos sete galerias comerciais, pelos critérios de apenas galerias que pos-

suem dois acessos e galerias que estão situadas em uma zona similar na cidade. São elas as galerias Antunes Maciel, Firenze, Zabaleta, Malcon, Satte Alam, Central e do Laranjal. Antes das caminhografias oficiais fizemos uma identificação básica do lugar para identificar alguns pontos pertinentes que cada galeria apresentava. Ou seja, fomos *in loco* em busca de pistas que pudessem guiar as caminhografias de maneira geral, não que isso fosse servir de roteiro, mas sim para identificar potencialidades.

Galeria Antunes Maciel: Ela se situa próxima a Praça Coronel Pedro Osório, praça central da cidade, fica entre as ruas Gonçalves Chaves e Félix da Cunha. Ela possui um corredor central em uma parte, quem a acessa pela rua Gonçalves Chaves percebe que ela possui loja dos dois lados, porém quem a acessa pela rua Félix da Cunha percebe que só existe loja de um dos lados. O edifício acima dela é de salas comerciais ou escritórios.

Galeria Firenze: Essa está situada entre as ruas Félix da Cunha e Padre Anchieta. Possui um corredor central e o edifício acima dela é de salas comerciais ou escritórios.

Galeria Zabaleta: Ela está situada entre as ruas Padre Anchieta e XV de Novembro. Ela possui um corredor central, e acima um edifício residencial.

Galeria Malcon: Está entre o calçadão da Rua Andrade Neves e a rua XV de Novembro. Possui um corredor central, que se desloca na parte central. O edifício acima dela é de salas comerciais ou escritórios.

Galeria Satte Alam: Está situada entre dois calçadões, o da rua Andrade Neves e da

rua Sete de Setembro. Possui um corredor em formato de L, de um lado ela possui lojas e do outro possui uma vitrine de mostruários, porém o acesso da rua Sete de Setembro conta com uma loja de cada lado. O edifício acima dela é de salas comerciais ou escritórios.

Galeria Central: Ela fica entre os calçadões da rua XV de Novembro e Andrade Neves. Possui uma vitrine de mostruário junto ao acesso da rua XV de novembro e o resto da galeria é com corredor central. O edifício acima dela é de salas comerciais ou escritórios.

Galeria do Laranjal: Se situa em frente a Praça Piratinino de Almeida. Possui corredor central, e o edifício acima é de apartamentos residenciais.

2.1.1 Caminhadas

Quando propomos as caminhadas, é essencial pensar o porquê de cada uma delas, e qual a função que ela exerce na pesquisa. Buscamos, nesta pesquisa, tensionar as diferenças entre as galerias e seu entorno imediato¹⁰, buscamos diferentes formas de caminhar na cidade para que fosse possível identificar essas diferenças. Então, as modalidades escolhidas foram:

Dia e entardecer: O nosso intuito de analisar esses lugares durante o dia e entardecer

10 Quando falamos em entorno imediato, dentro do campo do urbanismo, falamos sobre proximidade e adjacências na cidade. Há discrepância na bibliografia sobre a medida a ser utilizada nesse conceito, por isso utilizamos, nesta dissertação, a medida de tempo de caminhada, assumimos um tempo médio de cinco minutos de caminhada entre um lugar e outro.

é entender as galerias em seu pleno funcionamento e em um movimento de esvaziamento do centro, não como opostos, mas sim como complementos.

Dentro e fora das galerias: Com esse item, buscamos as diferenças entre as galerias e ruas. De maneira a entender quais agentes são diferentes, e como se dão as conexões entre os elementos.

Dia de sol e dia de chuva: Buscamos, com esse item, entender se as galerias são utilizadas como abrigos de intempéries, e por isso a necessidade de dois dias que distingam em condições climáticas.

Pesquisadora e grupo: Temos como propósito, desse item, entender as diferenças de percepções e limitações do pesquisador e das caminhadas em grupo, de modo a abarcar diversos pensamentos e pesquisadores diferentes.

2.1.2 Caderno de campo

Para que a nossa atenção seja absorvida de modo mais acertado, usamos os cadernos de campo na pesquisa. É uma maneira de registro da experiência em conjunto com atenção, o caderno de campo diz sobre a simultaneidade que acontece na pesquisa em caminhografia urbana. Muitas coisas atravessam a pesquisa, e o caderno de campo é uma maneira de tentar agarrar diferentes pontos para que, posteriormente, seja possível partir para a análise de dados.

O caderno de campo nos auxilia a registrar a experiência, enquanto vivenciamos o

campo de pesquisa (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Fazemos o registro dessa experiência em três momentos diferentes, antes, durante e após a caminhada, e essa pesquisa faz uso dessas três maneiras de forma associada.

Os registros feitos em caderno de campo antes da caminhografia, são uma forma de planejamento, se traça os pontos por onde queremos passar, e, por vezes, o que esperamos do campo – porém, entendemos que nem sempre o que esperamos do campo vai acontecer. Esses registros prévios servem como forma de entender o território de maneira geral, como elementos chave, pontos de referência, ruas, vias, por onde é provável que haja mais fluxo, menos fluxo etc. É interessante que haja uma prévia do que pode ser visto, para que se possa entender as dinâmicas básicas daquele lugar em relação à cidade.

Os registros no caderno durante a caminhografia são os que mostram as forças e potências, desse modo podemos entender os atravessamentos e as diferenças que o campo oferece. Essa parte do registro é a parte de relatos, narrativas, desenhos e o que for viável de falarmos e escrevermos sobre o objeto de pesquisa. Fazemos ainda no lugar, se possível, dado que narrativas sobre as dinâmicas que ocorrem no levantamento devem se dar com a maior potência possível.

Os registros em caderno de campo após as caminhografias são uma maneira de associar tudo que passamos no lugar, como uma forma de tradução das dinâmicas e dos acontecimentos. Principalmente para registro acerca das transformações entre o que se esperava e o que de fato aconteceu, como explica:

O cartógrafo deixa-se penetrar pela emergência de mudanças de ponto de

vista que surgem no território como problemas ou crises existenciais e que podem permitir a abertura para o reconhecimento de uma maior liberdade autogestiva dos indivíduos e coletivos. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p.123).

Dentro da pesquisa cartográfica a transversalidade é um ponto de extrema importância, porque faz variar os pontos de vista. As diferentes perspectivas são habitadas em sua emergência fazendo com que o cartógrafo se exima da sua subjetividade (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), e assuma um lugar dentro da subjetividade coletiva¹¹. O caderno de campo nos auxilia na composição dessas transversalidades, e assume que três momentos diferentes são possíveis.

Para a união de todas essas informações fazemos uma análise a fundo nos dados coletados. Precisamos compreender o antes-durante-depois de uma maneira associativa, por esse motivo partimos do pensamento fragmentado, para que somente depois eles se associem e criem novos pensamentos.

Pensar por constelações é algo fragmentado, desconexo e descontínuo, é descontrolável. Por isso, pensamos na cidade através de fragmentos, pois ela é composta por fragmentos de tempos, economias, classes sociais etc. Então, o caderno de campo auxilia para que os pensamentos desconexos sejam conectados de maneiras eficientes e inteligentes, com um pensamento complexo (Jacques; Pereira, 2018).

11 A subjetividade coletiva diz respeito à ruptura de diversas subjetividades individuais. Quando se rompe a barreira entre algo único, se passa a criar consistência coletiva, diz respeito a responsabilidades éticas, estéticas e políticas, imersos em uma cidade democrática, e de direito, onde cabe ao arquiteto e urbanista entender essas subjetividades e expô-las na cidade de maneira a reinventar o devir urbano (Guattari, 1992).

A constelação é uma imagem na qual cada estrela, um singular, marca um extremo de linha que a liga a outra estrela, outro extremo singular. Nesse traçado de linhas imaginárias que delimita uma forma, uma configuração, não há um centro – com o que, tem-se, no centro da constelação sempre está o vazio. (Jacques; Pereira, 2018, p. 102).

Com isso, compreendemos que a fragmentação do pensamento estimula a reflexão, também, através do território e do sujeito, e não só da cidade como forma construída. O caderno de campo e a presença em campo — a atenção que o caminhar propõe — possibilitam formar uma constelação como propõe o Nebulosas do pensamento (Jacques; Pereira, 2018). A partir de pequenos fragmentos como a preparação para se dirigir a campo, o caderno de campo, e o refletir sobre o campo, podemos desfragmentar os pensamentos e entender o território e os sujeitos que o habitam de uma maneira integrada.

A collage também funciona como fragmentação e reestruturação do pensamento — uma maneira artística —, faz a aproximação de pluralidades de elementos, a partir da fotografia ou reproduções impressas. A fotografia é um fragmento, ela é parte constituinte de uma representação de realidade, pois quando uma fotografia é tirada, é sempre a partir de um visual, e que é, por fim, um olhar particular do fotógrafo (Fuão, 2011).

A fragmentação é diferente da dispersão. A fragmentação é uma unidade própria de algo, ela possui sua própria autonomia por possuir características próprias. Ganha o adjetivo de fragmentação um corpo qualquer que se desgastou, e se transformou em vários pedaços. Um pedaço desse todo, depois que separado do seu corpo original, se distanciam e se tornam fragmentações. Quando esses pedaços se distanciam uns

dos outros, vira dispersão (Fuão, 2011).

Os fragmentos fotográficos e os fragmentos de caderno de campo se assemelham, em alguma medida. São fragmentos estético visuais, que dependem de perspectiva, ainda que a fotografia seja visual de fato, a narrativa, enquanto tradução de um fato passado, também pode se tornar visual. As duas fazem pensar nos pequenos fragmentos que quando unidos compõem um corpo maior, e quando isolados podem ser analisados por si só, que podem gerar uma narrativa estética de construção de pensamento.

Os situacionistas criaram um método chamado psicogeografia. Esse método consistia em tentar entender o ambiente por inteiro, seria uma mistura entre o meio geográfico e as afetividades. A psicogeografia pode ser compreendida como uma geografia que busca a subjetividade através do afeto, mapeia as diversas ambiências psíquicas desencadeadas, principalmente, pelas deambulações urbanas, que são conhecidas como derivas situacionistas (Jacques, 2003).

Os mapas produzidos eram uma espécie de colagem, se compunham a partir de fragmentos que eram retirados das derivas feitas. O mapa mais conhecido da psicogeografia foi o *The Naked City*, assinado por Guy Debord, em 1957 (Figura 6). Esse mapa é composto por plantas baixas de uma Paris fragmentada, em preto e branco, e esses fragmentos eram conectados a partir de setas vermelhas. Esses diversos fragmentos de Paris foram dispostos de maneira, aparentemente, aleatórios – pois não correspondiam às interseções reais na cidade –, e as setas vermelhas são as possíveis conexões, através da afetividade resultante da deriva, como escrito no ver-

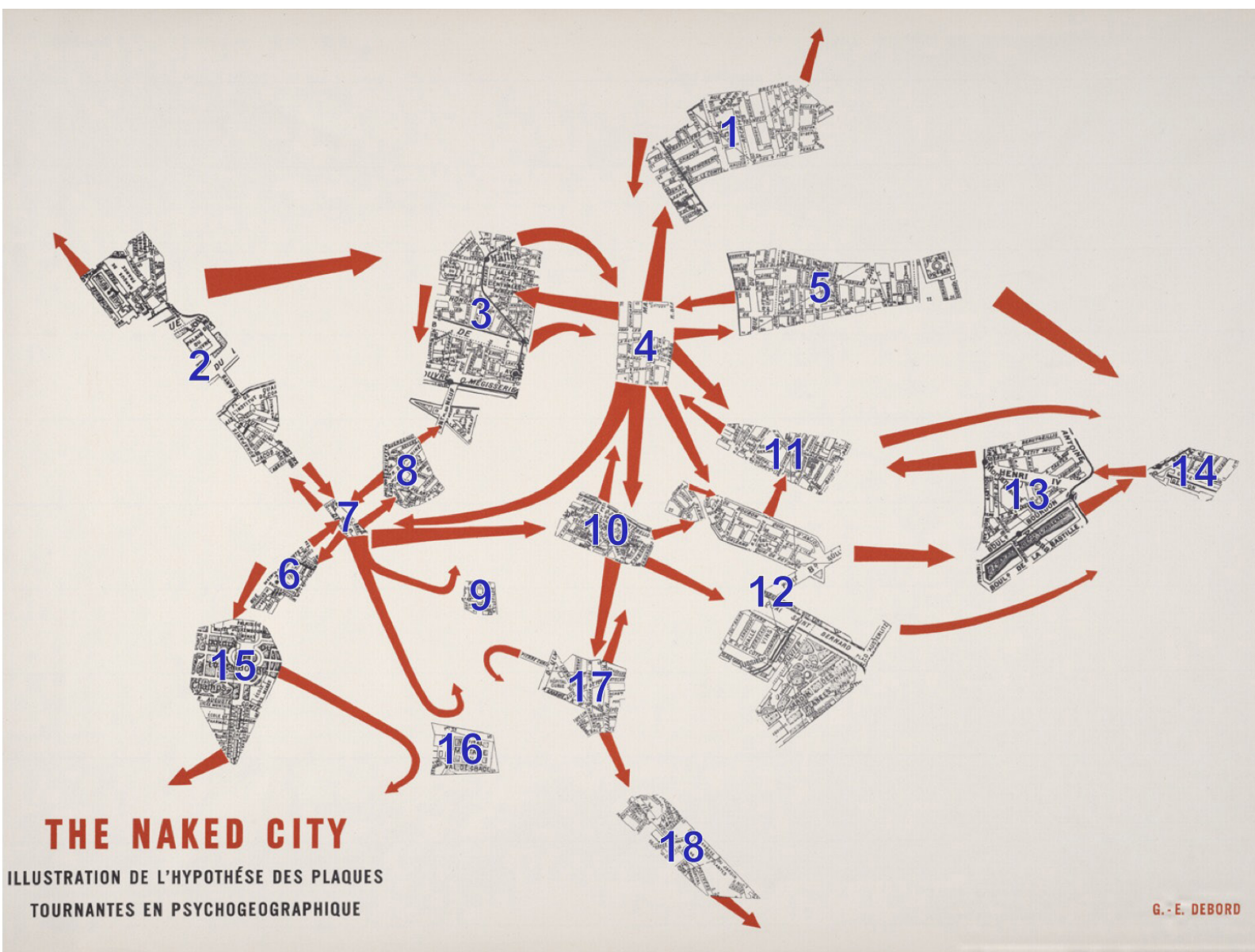


Figura 6: The Naked City. Fonte: Guy Debord, 1957.

so do mapa: “as mudanças espontâneas de direção tomadas por um sujeito que se move por esses arredores, desconsiderando as conexões úteis que ordinariamente governam sua conduta” (Debord, 1957, tradução da autora)¹².

Debord consegue criar conexões com base em elementos que originalmente não se conectam, entretanto, quando ele sai a caminhar por Paris ele percebe que seriam elementos que poderiam se conectar. Ele pensa isso a partir de bairros da cidade, que seriam impensáveis de se conectar fisicamente, mas esse contato poderia ser pensado de outras maneiras para que, dentro do mapa e da cidade essas conexões possam de fato acontecer.

O mapa é uma construção proveniente de uma progressão. Ele se molda conforme o encadeamento de acontecimentos, o qual não produz um inconsciente fechado sobre esse acontecimento. O mapa não é — e não pode ser — gerado a partir de um modelo gerativo, algo fixo, pois ele vai se moldando sempre a novas forças que o atravessam, assim, ele é gerado baseado em uma processualidade. Podendo ser alterado a partir de novas forças que o cruzem (Deleuze, Guattari, 1995).

Deleuze e Guattari (1995), explicam que a diferença entre mapa e decalque está justamente no fato de que o mapa sempre apresenta novas entradas, e que isso pode gerar novas leituras, já o decalque volta sempre a mesma questão e não consegue gerar novos pensamentos, como mostra o trecho abaixo:

Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta

12 Texto original: “the spontaneous turns of direction taken by a subject moving through these surroundings in disregard of the useful connections that ordinary govern his conduct” (Debord, 1957).

sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência”. (Deleuze, Guattari, 1995, p. 21).

O mapa com seus múltiplos acessos acompanha um processo em curso. E esse processo se dá em um trajeto, um percurso, um caminho, podendo ou não ser palpável. Deligny (2015), fala sobre os espaços vagos, lugares de novas possibilidades, em que as redes começam a se configurar. A vastidão e diversidade possibilitam a criação de trajetos frequentes.

Isso possibilita o “fazer como”, por exemplo, processos como o de trajetos frequentes em um lugar vago possibilitam a criação do novo. E o novo não tem objetivos evidentes, ele constrói a partir do esquecimento, pois “[...] existe uma espécie de complicitade necessária entre esses trajetos do vagar e o encontro do acaso” (Deligny, 2015, p. 20).

O novo não precisa ser feito no vago, mas precisa de múltiplos acessos. Esses novos acessos podem ser traçados visualmente, como mapas, atlas ou outros elementos visuais, que possibilitem o entendimento de um lugar a partir de pensamentos e conexões. Os elementos visuais são importantes dentro do campo da arquitetura e urbanismo, pois auxiliam no encadeamento e na estruturação de novas possibilidades para o campo. E as formas como pensamos nesses elementos visuais também auxiliam para que possamos transformar o lugar desejado.

A possibilidade de captar o campo tal qual atlas desde o “como” tira ele do estático, e o coloca em uma posição de transformação. Entendê-lo a partir do “quê” deixaria

que esses atlas fossem apenas produtos e objetos finais, mas quando se transforma o atlas em “como” se dá imaterialidade para ele, assim, proporcionamos que ele se torne meio e modo de pensar (Jacques; Pereira, 2018).

Os mapas se tornam efêmeros, quando pensamos no “como”. Com isso, conseguimos entendê-los como um processo, já que ele se torna mutável, podendemos fazer diferentes conexões do mapa com o mundo, e quem faz isso é o espectador, o leitor, o observador daquele mapa, partindo de um mapa base que o criador disponibiliza. Com isso, se cria a possibilidade de reler o mundo de diferentes maneiras, depende das conexões que o leitor pode fazer, sendo possível, a criação de novas formas, de novas possibilidades e de formas transformantes, que não se fixam a partir de um só pensamento (Jacques; Pereira, 2018).

2.1.3 Transcrições caminhográficas

Os textos que geramos através dos cadernos de campo são uma espécie de transcrição dos fatos ocorridos nos dias das caminhografias urbanas, é uma reinvenção. As narrativas contam um fato que aconteceu, porém elas passam por um processo de entendimento, e são escritas, reescritas, analisadas, discutidas, tudo isso de uma forma quase simultânea.

Por isso, buscamos na educação a ação tradutória de textos, podendo associá-las ao campo da arquitetura e urbanismo para que seja possível a atribuição de novos sentidos para os acontecimentos que se passaram no campo. “[...] à medida que traduz, atribui novos e múltiplos sentidos ao próprio texto de partida e por esse meio passa

a expressar e a construir novas realidades articuladas com uma poética de escrita.” (Campos; Olegário; Corazza, 2018, p. 964), ou seja, a escrita pode ser, também, uma forma de criação, e assim é possível pensar o texto produzido como um texto que se desloca e busca por novos sentidos.

O arquivo original, o já conhecido, pode se reconfigurar, e se tornar outro, um novo arquivo, e através dele é possível pensar novas possibilidades para que ele se refaça e sempre esteja em um movimento da busca pelo novo (Campos; Olegário; Corazza, 2018). Os arquivos originais das narrativas são divididos em dois originais, a escrita em caderno de campo e as fotografias em campo, entretanto quando unidos formam diversas possibilidades de leituras, e por isso o movimento pelo novo. O caderno de campo em união com as fotografias se tornam um texto mais maduro, e expõe diversas narrativas que somente o caderno de campo não seria capaz.

As narrativas que expressamos nesta dissertação não buscam invalidar o caderno de campo, buscam na verdade, potencializar as informações que foram coletadas. Para Olegário e Corazza (2018) a tradução se constitui a partir do novo e do antigo, e faz variar e buscar por novas combinações a partir do desejo de ler e reescrever.

As narrativas passam por um processo de transcrição, com a união da leitura e da escrita, que se dá entre o entendimento e agenciamento entre campo, autores, artes, fotografias e tantas outras forças que cruzam essa dissertação. As traduções são essenciais para a transformação de informações, por vezes as traduções se tornam mais importantes que os próprios originais, ainda mais quando se trata da variação de campos linguísticos (Campos; Olegário; Corazza, 2018).

Além das variações, outro ponto importante a ser elencado é a importância da repetição de um roteiro, para a potencialização das diferenças e de questões para a pesquisa. De maneira que a repetição do roteiro gere novos agenciamentos, e a partir deles possa ser possível a criação de novas traduções porque “O encontro entre o que se passou é atualizado, reinventado e traduzido, sendo que não há outra saída, porque o encontro jamais, poderá existir a priori, ou seja, o que se passou nunca está esperando por nós e, portanto, exige que o inventemos.” (Olegário; Corazza, 2018, p.11). Por isso, as transcrições são peça essencial para pensar os mapas caminho-gráficos. Sem a tradução dos acontecimentos em campo, seria custoso pensar por associações.

A partir da tradução é possível se pensar na transcrição (Corazza, 2015). Se faz necessário questionar a convicção da existência de um único original, muitas vezes considerado superior a todas as suas traduções. Entretanto, a autora sustenta que tal crença é equivocada, defendendo que todas as traduções possuem igual validade e importância.

Transcrição é um termo que se refere a uma modalidade de tradução que ultrapassa a mera transposição de palavras de um idioma para outro. A transcrição abraça uma abordagem mais criativa e interpretativa, em que o tradutor não apenas verte o texto original, mas o recria em uma nova língua, considerando as diferenças culturais e linguísticas entre ambas as línguas (Corazza, 2015).

Para Corazza (2015) esse processo é frequentemente empregado na tradução de obras literárias e poéticas, onde a criatividade e a interpretação desempenham papéis

cruciais na captura da essência do texto-fonte. A transcrição é uma forma de tradução que valoriza a originalidade e criatividade do tradutor, almejando criar uma nova obra que preserve o espírito do original.

2.1.4 Análises caminhográficas

Como forma de mapear diversas complexidades no percurso das galerias, analisando-as em conjunto com rua, buscamos diversidade nas análises que foram feitas. Elas serão explicadas como forma de esclarecer o porquê de cada uma, com o intuito de compreender o território a partir da sobreposição de informações.

A análise na cartografia é feita como processo, ela permite que a compreensão dada de um objeto seja alterada ao longo do percurso. Com isso, possibilitamos uma articulação entre sujeito – o pesquisador em campo – e objeto – o campo da pesquisa –, de maneira com que a articulação entre pesquisador e pesquisado seja a objetividade da pesquisa. Assim, compreendemos que não existe pesquisa sem o pesquisador e o pesquisado (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016).

Ainda, é importante que a análise do conteúdo coletado seja revisto durante o processo, é essencial testar diferentes técnicas de análise do material para que o que está sendo pesquisado seja compreendido de maneiras diversas (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016). E com esse intuito, buscamos múltiplos olhares sobre o campo da pesquisa em questão.

Nesta pesquisa articulamos as informações através de texto, fotografia e mapas tradicionais. Com o intuito de tentar expressar informações diferentes em um só lugar, o

mapa tenta localizar potencialidades do campo com o intuito de correlacionar informações, para assim ser possível a abertura de novas brechas para pensar o campo. E com isso, abrimos a possibilidade de releitura do mapa.

3. PASSAGENS

3.1 Galerias

Benjamin (2009) analisa, especialmente, galerias comerciais, em seu surgimento, da Paris do século XIX. As galerias são espaços emblemáticos da modernidade urbana, nas quais as novas formas de experiência e de interação social se manifestam. Ele descreve-as como “arcadas” ou “passagens cobertas”, referindo-se a estruturas arquitetônicas que abrigam uma série de lojas, estabelecimentos comerciais e espaços de lazer, dispostos ao longo de um lugar coberto. Essas galerias eram um novo tipo de espaço público, onde as pessoas podiam circular, fazer compras, observar e serem observadas.

Uma das ideias centrais de Benjamin (2009) em relação às galerias é a experiência do flâneur, um homem que percorre as ruas e as galerias, absorvendo os estímulos visuais, sonoros e sensoriais da cidade. O flâneur é um tipo de detetive poético, um observador atento dos detalhes e das transformações que ocorrem na vida urbana.

Além disso, as galerias são lugares de consumo e de exposição de mercadorias. A estética das vitrines e das mercadorias expostas são analisadas destacando a importância da aparência, da sedução visual e da iluminação na criação de um ambiente comercial atraente. Também discute a alienação do sujeito moderno no contexto das galerias comerciais, onde as pessoas são expostas a uma infinidade de produtos e estímulos comerciais (Benjamin, 2009).

As galerias representam a dualidade da modernidade, ao mesmo tempo em que são espaços de consumo e de espetáculo, também revelam a alienação e a superficialidade das relações humanas na sociedade capitalista. Ele reflete sobre como a experiência nas galerias, permeada pela mercantilização da cultura, afeta a percepção e a autenticidade das relações sociais e das experiências estéticas. As análises visam compreender a dinâmica da modernidade e suas implicações culturais e sociais (Benjamin, 2009).

Após a Revolução Industrial, Paris, ainda uma cidade medieval, possuía ruas tortuosas e estreitas para o tráfego, já intenso, de veículos, deste modo a cidade se tornava difícil de transitar para os pedestres que precisavam ter mais cuidado para não serem atropelados. Assim, o governo deu liberação para que iniciativas privadas construíssem passagens de pedestres em algumas ruas de Paris, (Vargas, 2018), a Figura 7 exemplifica isso.

Ao longo do tempo as galerias se modificaram e se densificaram nos centros das cidades contemporâneas. O comércio busca por lugares de encontro na cidade, que coincidem com fluxos de pessoas e lugares de atividades sociais (Vargas, 2018). As galerias abarcam o lugar do comércio e serviço no interior do quarteirão, utilizando o solo privado como lugar público.

Essas passagens surgem, e criam novas orientações no espaço até então construído. As galerias representam ruas, de uma maneira coberta e amplamente habitadas, como uma sala de estar coletiva, que se tornam novas vivências, se conhece se inventa e experimenta de maneiras diferentes, do que até então acontecia no interior



Figura 7: Galeria Colbert, Paris, 1828; Galeria Vivienne, Paris, 1824-1826. Fonte: GEIST, 1898, p. 500; p. 493.

dos quarteirões.

Com as galerias era possível criar novas formas de arquitetura que adentrassem o quarteirão e, conseqüentemente, esse quarteirão possui mais possibilidades de especulação imobiliária. A partir disso, se desenvolveram alguns pontos-chaves para os projetos desses lugares. O primeiro ponto-chave para as galerias foi o corredor central e lojas dos dois lados, o que possibilitou grande número de pequenas lojas, podendo diversificar seus usos. O segundo ponto, ainda na Paris de Haussmann, foram as coberturas de vidro, que possibilitam a iluminação zenital, e com isso a sensação de ser uma continuidade da rua pública (Vargas, 2018).

Porém, as galerias chegam ao Brasil modificadas, já com a tipologia que é a existente hoje. O primeiro pavimento como uma espécie de continuidade da rua pública, e nos pavimentos superiores edifícios verticalizados que apresentam salas comerciais ou apartamentos residenciais. Na década de 1950 e 1960 se consolidaram primeiramente em São Paulo, que procurava afirmar sua primazia perante outras cidades do Brasil, as galerias serviram para mostrar como o capital privado estava comprometido com a modernização, dentro de preceitos da arquitetura moderna, de São Paulo (Aleixo, 2005).

Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, as galerias surgem no centro, depois vão se localizar em vias de acesso ao centro, e se estabelecem de fato a partir dos anos 1960. Elas são exemplares arquitetônicos semelhantes, que dispõem de espaços de circulação interna, para acesso de pedestres, no costado dessa circulação existem unidades básicas que a cercam. A circulação pode se dar de duas formas, em forma

de corredor, quando as unidades básicas estão organizadas ao longo da circulação, ou em forma de praça quando as unidades básicas estão em torno da circulação (Cabral, 2000).

Em Pelotas, Rio Grande do Sul, as galerias estão situadas, em sua grande maioria, na zona central da cidade, e de alguma forma elas criam um percurso dentro do tecido urbano central da cidade, que as liga a polos comerciais. Elas são formadas a partir de passagens cobertas no andar térreo, que configuram uma estrutura estreita e profunda, com unidades básicas no costado, em sua maioria configurando um corredor central com lojas ao longo da circulação. Essas lojas, em sua maioria, são pequenas e algumas atendidas pelos próprios donos, com diferentes natureza, podem ser usos comerciais ou de serviço (Perez, 2009).

A área central da cidade possui a característica comercial e as galerias acabam por fomentar o comércio nesta zona, já que elas intensificam as lojas na área do centro. Ainda que o público tenha dúvidas sobre a utilização das galerias, elas estão interligadas ao centro urbano e possuem um número notável de público caminhante, pois algumas se situam nas ruas com maior quantidade de pedestres do centro (Perez, 2009).

As galerias possuem dois tipo de configuração perante seu uso no edifício superior, edifício de caráter residencial, como é o caso das galerias Zabaleta e do Laranjal, e edifício com salas comerciais, como é o caso das galerias Antunes Maciel, Firenze, Malcon, Satte Alam e Central. Algumas delas se localizam em lugares de mais fluxo de pessoas, como é o caso das galerias Zabaleta, Malcon, Satte Alam, Central e ou-

tras em lugares com mais fluxo de carros, como é o caso das galerias Antunes Maciel, Firenze e do Laranjal.

Perez (2009) realiza uma pesquisa no âmbito da percepção, que aponta as galerias como ponto de referência dentro da malha urbana do centro da cidade. E a pesquisa aponta para um ponto bastante controverso, as pessoas apontam para a necessidade de uma diversificação das galerias, para que não sejam apenas pontos de comércio, entretanto a galeria do Laranjal é apontada como um elemento que não incrementa o centro da cidade.

Nessa mesma pesquisa as pessoas apontam as galerias como ponto essencial de proteção nos dias de chuva e o fato delas interligarem ruas também é um fator essencial para que as pessoas façam uso delas. Alguns entrevistados ainda falaram que as galerias não eram importantes para o centro de Pelotas, e que não eram necessárias na cidade (Perez, 2009).

3.2 Lugar coletivo

O edifício utilizado de maneira pública, deve ser percebido da mesma maneira, pois zonas autônomas ou coletivizadas precisam transpor aspectos legais do espaço, para que assim, esses lugares possam criar um caráter de anonimato que a cidade pede, ainda que temporariamente. De acordo com Solà-Morales (2001), a vida futura nas cidades serão representadas por lugares de interesse comum, ainda que esses lugares não possuam uma expressividade formal.

O caráter do lugar de uso público qualificado é essencial para a transformação do lugar de uso privado em lugar coletivo por apropriação. Para que isso aconteça é fundamental dar caráter comum ao lugar privado de modo a urbanizá-lo (Solà-Morales, 2008), com a extensão do privado é possível que a cidade se torne mais acessível e com isso, o tecido urbano seja mais conectado e com uma melhor mobilidade urbana através das diversas possibilidades de conexões que podem ser feitas.

Então, ressaltamos que lugares que fomentam a exploração econômica, ainda assim, geram lugares pertinentes de uso no significado de cidadania. E de forma alguma, a fim de promover a economia neoliberal, e sim, de modo a compreender que os lugares privados são passíveis de estimular a transição dentro da cidade, e que assim as cidades podem acontecer de diversas maneiras possíveis (Solà-Morales, 2001).

Quando Nolli, no Século XVII, faz seus consagrados mapas de figura-fundo para Roma, Figura 8, ele ressalta a importância do público e do privado estarem conectados. Ele dilui as fronteiras entre esses lugares, e diz, através dos mapas, que a cidade deve ser analisada a partir de seu uso. E hoje, ainda mais se faz necessária essa reavaliação entre as fronteiras do público e privado, já que esses lugares se transformaram em ambíguos e limitadores.

Tratamos da diluição rígida das fronteiras, e entendemos que existem diversas escalas de coletivização ou individualização do espaço. Essa diluição e transição entre os espaços podem ser feitas a partir de nuances nas edificações, e demarcações dentro de um território. Sendo por muitas vezes, essas demarcações, sutilezas que nos leva a perceber a transição de privacidade dentro da cidade, demarcações que acabam

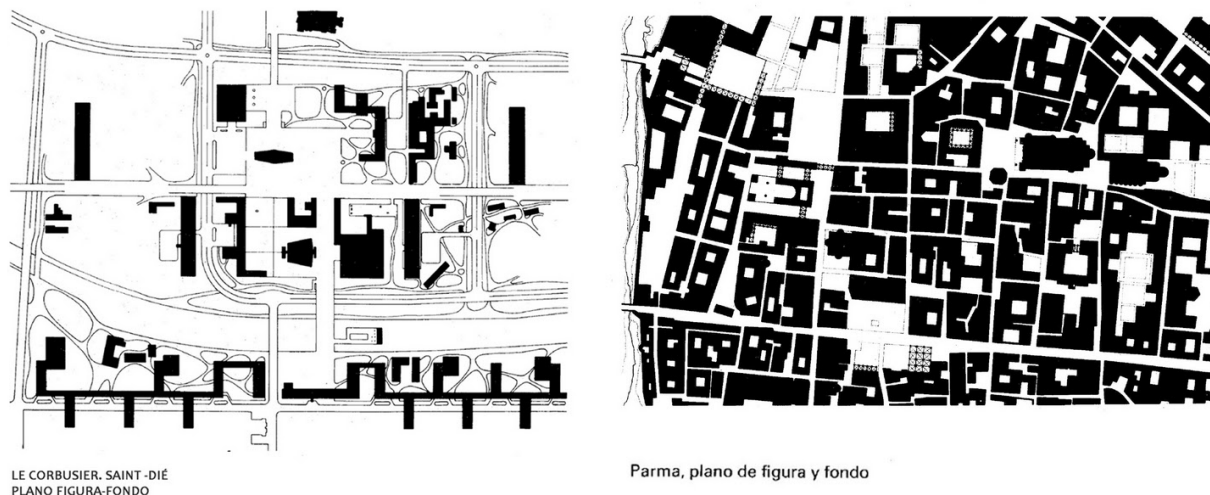


Figura 8: mapa figura-fundo Saint-dié, e Parma. Fonte: Rowe; Koetter, 1979.

por criar um dentro-fora simultaneamente, e assim criam espaços internos, abertos ou fechados, de uso coletivo.

Para Solà-Morales (2001), a importância dos espaços privados, está, de fato, na coletivização de alguns deles

A importância do espaço público não está, certamente, em ser mais ou menos extenso, quantitativamente dominante ou protagonista simbólico, senão referir entre si os espaços privados fazendo também deles patrimônio coletivo. Dar caráter urbano, público, aos edifícios e lugares que sem isso seriam somente privados, esta é a função dos espaços públicos — urbanizar o privado, quer dizer convertê-los em parte do público. (SOLÀ-MORALES, 2001, p. 103-104).

E com isso, podemos afirmar que a qualidade da cidade depende, também, da integração entre lugares públicos e privados, em questão de uso, e com isso temos potencial de transformá-la em coletivizada. Porque quando há qualidade individual e condição para que somemos ao coletivo, isso, de certa maneira, resulta em qualidade coletiva do urbano.

3.3 O urbano e o pedestre

Atividades em movimento e atividades estacionárias dependem da cultura local e do nível econômico da cidade. Muitas vezes, esse tipo de atividade se dá nos lugares públicos e isso influencia a qualidade urbana desses lugares. As atividades estacionárias consistem em algo que se faz parado, elas não são de suma importância, mas elas influenciam diretamente a qualidade da cidade (Gehl, 2015).

Onde tem muitos pedestres parados em pé ou sentados, pode ser um bom indicativo de que aquele lugar tem uma boa qualidade urbana, nos baseamos no fato de que pode ser difícil seguir a caminhada quando a cidade possui bons lugares de estar. Entretanto, ficar de pé é uma atividade que impõe limites, já que não se tarda. Os pedestres podem fazer qualquer tipo de atividade que se relacione ao parar, como: “olhar uma vitrine, ouvir artistas de rua, cumprimentar conhecidos ou simplesmente dar uma parada.” (Gehl, 2015, p. 135-137).

Em relação a isso, Gehl (2015) discute os lugares onde se transita, ele usa o termo “efeito dos espaços de transição” para explicar que os pedestres param nos limites do espaço de transição. Ele explica ainda que esses lugares são oportunos para que as

pessoas se mantenham camufladas na paisagem, já que:

Os espaços de transição têm vários benefícios importantes: espaço à frente para ver tudo, as costas protegidas de modo que não surja nenhuma surpresa vinda por trás e bom apoio físico e psicológico. Podemos parar em nichos e reentrâncias e nos apoiarmos a uma parede. (Gehl, 2015, p.137).

Por isso, os espaços de transição são tão importantes na cidade, eles oferecem lugares para que a rua se encha de pessoas, sejam elas paradas em pé, sentadas, caminhando. Isso cria características locais que permitem que o pedestre tenha maior contato social, e dessa forma podemos criar lugares de boa localização. Sem esses lugares ativos, as pessoas dificilmente param, a tendência é que se passe por elas sem motivos para permanecer (Gehl, 2015).

Os andares ao nível do solo são essenciais para a vida das cidades, são eles que articulam as pessoas, os edifícios e as cidades. Esses lugares de articulação garantem que exista a transição entre edificações e a cidade, quando há lugares penetráveis, para o pedestre é essencial que exista essa troca entre a rua e o edifício. Assim, diferentes tipos de atividades podem ser executadas nesses espaços, propiciando que os pedestres se sintam mais seguros para parar e façam com que as ruas sejam mais movimentadas.

Gehl (2015) explica que os espaços de transição no andar térreo contribuem para a experiência do pedestre. Isso quer dizer que esses espaços tendem a auxiliar na consciência do espaço individual como lugar, pois os espaços de transição oferecem ao pedestre diferentes sentimentos que dizem respeito à experiência do lugar como um todo.

O pedestre quando caminha por espaços de transição pode perceber esses espaços como espaços que possibilitam a parada para diversas ações, como conversar, mexer no celular, amarrar sapatos, ou até mesmo que seja possível a interação com a fachada. Quando há fachadas ativas ao longo do percurso, muitas vezes, o pedestre para e interage, seja comprando, conversando, ou pequenas interações menos expressivas que não é possível qualificar. Essas interações são de suma importância para a cidade, pois elas diminuem o ritmo do pedestre, e isso faz com que as caminhadas sejam mais interessantes que caminhadas sem interações (Gehl, 2015).

As fachadas ativas garantem que os pedestres tenham atuação ao longo do urbano, elas proporcionam diversos tipos de atividades. Isso assegura que os pedestres tenham o caminhar mais atento e que eles parem para diferentes ações, isso gera mais dinâmicas no percurso, o que, por sua vez, geram encontros na cidade, caminhos movimentados, e trocas entre as pessoas. O movimento pode se relacionar com a qualidade da rua, fazendo com que mais ou menos pessoas estejam presentes nesses lugares (Gehl, 2015).

Espaços de transição garantem uma experiência confortável para o pedestre, fazendo com que as rotas sejam mais atrativas. As galerias comerciais possuem térreos ativos com diversas experiências que possibilitam o pedestre interagir de diferentes maneiras com o lugar urbano, além disso, elas são protegidas de intempéries, o que possibilita que esses lugares sejam ocupados em dias de chuva e frio, ou então em dias de sol e calor. Mesmo com condições climáticas extremas, são lugares agradáveis e que integram lugares públicos e abertos da cidade.

3.4 Controle

Para Foucault (1987) a disciplina é uma maneira de produção de corpos dóceis, ele usa essa expressão para se referir à corpos que estejam inseridos em um sistema útil. Esses se relacionam com a sua utilização, corpos que são regulados, submissos e aceitam que, a partir de uma sucessão de técnicas e procedimentos, buscam moldar e controlar o comportamento dos indivíduos. Dentro de um sistema de utilização, onde basta que alguém dite uma regra para que todos esses corpos dóceis aceitem e obedeçam essa regra.

Essas regras são impostas em diversas instituições sociais estabelecidas na sociedade atual, tais como escolas, fábricas, hospitais e a prisão (Foucault, 1987), podemos notar em outras instituições, que Foucault não citou em sua obra, como museus, shoppings centers e até mesmo as galerias. O autor fala que basta que haja convivência social e que esses locais sejam vigiados e controlados, constantemente, podendo assim esses locais serem classificados como lugares que criam corpos dóceis.

Uma das principais características para a vigilância constante são os usuários desses lugares serem vigiados. As pessoas sabem que estão sendo vigiadas e controladas, isso acaba por criar um ambiente que está em constante controle, fazendo com que esse ambiente seja apático, nada acontece de maneira espontânea. Essa incessante vigilância acontece por diversos dispositivos, pode se dar por câmeras de segurança, chefes, supervisores, entre outros (Foucault, 1987).

Para Foucault (1987) outra característica que corrobora com a disciplina dos corpos

é a hierarquia. Para ele, a hierarquia é um modo de criar ordem e organização dentro das instituições sociais que se estabelecem na disciplinaridade. A hierarquia surge como maneira de controle, com a ideia de que pessoas com cargos superiores controlam e disciplinam pessoas com cargos inferiores, essa divisão de tarefas se dá para manter a ordem e a disciplina nos ambientes.

Além disso, Foucault (1987) destaca a importância da normalização da técnica disciplinar. Ele argumenta que a normalização busca criar um padrão de comportamento que seja aceito como habitual, dentro dessas instituições disciplinares. Essa normalização é feita por meio de regras, normas e padrões de comportamento que são impostos aos indivíduos, ao longo do tempo, fazendo com que seja utilizado com frequência dentro dessas instituições, o que acaba por enfatizar a normalização dessas práticas.

O Panóptico, conceito apresentado no livro *Vigiar e Punir* (1987), é uma construção arquitetônica proposta pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, que consiste em uma torre central com celas ao seu redor, dispostas em formato circular. A torre central é ocupada por um vigilante, que pode ver todos os prisioneiros sem que estes possam ver o vigilante. A ideia do panóptico é que o prisioneiro se sinta constantemente vigiado, mesmo quando o vigilante não está presente. Isso, segundo Bentham, tornaria os prisioneiros mais obedientes, já que não saberiam quando estariam sendo observados.

Isso é, praticamente, qualquer edificação que seja uma instituição social, qualquer prédio de uso público está dentro de alguma regra nesse sentido. Edificações e, até mesmo, a rua estão incrustadas de vigias, de câmeras, de dispositivos que vigiam

para que ninguém queira sair das regras impostas para aquele lugar.

O panóptico é um exemplo concreto de como a disciplina pode funcionar em prol das instituições disciplinares. Para Foucault (1987), esse modelo permite que a vigilância seja plena, sem que os indivíduos saibam se estão, de fato, sendo observados, ou seja, o controle pode ser pleno, ao passo que pode não haver ninguém vigiando, e isso faz com que as pessoas estejam sempre dentro das regras, pois cria um ambiente de controle constante, onde os indivíduos se sentem observados e controlados o tempo todo.

Dessa forma, o Panóptico é visto como uma técnica disciplinar que se estende para diversas instituições sociais, como a escola, a fábrica, o hospital e a própria sociedade em si. Foucault (1987) destaca que essa técnica disciplinar tem um papel fundamental na criação de uma sociedade disciplinar, onde os indivíduos são moldados e controlados de acordo com os padrões e normas impostos pela sociedade.

No entanto, o Panóptico é uma técnica disciplinar que vai além da arquitetura, ele acaba por ser uma metáfora para a sociedade disciplinar como um todo, onde a vigilância constante, a hierarquia, a normalização e a punição individualizada são utilizadas como técnicas para controlar e moldar o comportamento dos indivíduos. Criando ambientes amplamente controlados, a pessoa que utiliza esses lugares acaba por ficar apática, por medo, e esses lugares acabam não sendo lugares espontâneos e vívidos. Ambientes esses que acabam por produzir um padrão de uso, e que neles se dificulta a criação do novo.

O controle sobre os corpos está associado a um padrão, uma tentativa de uniformização sobre a população. Em diversos atos que rodeiam a sociedade atual, a começar pelo ato de sentar e perpassando diversos outros atos, como o ato de ler, escrever e até mesmo de digitar (Fuão, 2019).

Fuão (2020) sugere que existem espécies de clareiras nos lugares domesticados, isso quer dizer que as clareiras sugerem um certo indício de desregularidade, o diferente, o estriado, o que se destaca. A clareira é um ponto de acolhimento dentro da cidade, é a luz, e é o ponto de acolhimento justamente porque ela não produz um padrão único sobre a sociedade, é aquele lugar onde as pessoas não se sentem contidas.

Entretanto, a clareira pode ser liberdade e cercamento, ao mesmo tempo. Pois a arquitetura e o urbanismo podem ter relação com a formação do comportamento humano, eles não podem ser vistos apenas como objeto ou ferramenta de domesticação, mas sim são elementos fundamentais na construção de ambientes, que podem servir como acolhimento, e relação entre arquitetura e comportamento humano, sugerindo que o ambiente construído tem um papel importante na formação da subjetividade e do comportamento das pessoas (Fuão, 2020).

3.5 Romper o urbano

O conceito do Corpo sem Órgãos (CsO), de Deleuze e Guattari (1996), é discutido pelos autores baseado na obra de Artaud que também correlaciona o Corpo Sem Órgãos, porém, ele disserta com base na arte, em uma peça de rádio. Já Deleuze e Guattari buscam um olhar mais amplo sobre como pensar no corpo de uma perspec-

tiva da subjetividade, se afastando de modelos tradicionais. Eles discutem esse corpo como um modelo estrutural conceitual, e não um corpo de fato.

Esse conceito versa sobre uma forma de pensar, onde o corpo representa uma estrutura conceitual, ou seja, não é, propriamente, um corpo humano. Essa estrutura ela deve ser pensada com base em um olhar não tradicional e não hierárquico, isso quer dizer que o CsO busca uma nova concepção do corpo, busca uma estruturação que não pensa apenas em funções e significados, mas também pensa na subjetividade dos corpos, tenham eles a origem que tiverem (Deleuze; Guattari, 1996).

A proposta, na verdade, é que esse corpo seja composto de diversas forças e intensidades, que se associam e desassociam constantemente, formando uma trama complexa. A ponto dessa trama não poder ser reduzida a um ordenamento de formas e função que em algum momento poderiam se fixar, a ideia é isso estar em constante movimento sempre podendo se associar a outras forças e intensidades. Tratamos da multiplicidade de intensidades e possibilidades de conexões, um corpo que em essência aceita novas trocas e novos acessos (Deleuze; Guattari, 1996)

A genialidade do CsO está justamente na ideia de que esse corpo nunca está totalmente construído, ele está sempre aberto para receber potencialidades, possibilidades, afetividades, e que está sempre disponível para, em um determinado momento, receber o novo. Ele não pode ser pensado como pronto, acabado e finito, ele está em construção, ele é aberto e recebe o que está por vir (Deleuze; Guattari, 1996). E assim, justamente, são as estruturas da cidade, ainda que existam projetos, diretrizes e leis que auxiliem a estruturar o urbano, por vezes, ele se desestrutura. Algum novo

corpo, constantemente, se insere em arranjos antigos da cidade, em arranjos já consolidados.

A sociedade e a cultura operam contra o CsO, buscando estruturas fixas de significados e significantes, controláveis, hierárquicas, que tenham relação de poder. E isso impede, pontualmente, que os corpos manifestem suas subjetividades, e assim, a livre expressão das potencialidades seja barrada dos corpos, de forma a dificultar que novas estruturas abertas se constituam e se desenvolvam (Deleuze; Guattari, 1996).

Para Deleuze e Guattari (1996) o CsO tem relação com a experimentação, o novo. O novo desde novas potencialidades do corpo, que exploram a subjetividade e que rompem com formas pré-estabelecidas, ou a desestruturação de limites. Está relacionado à desterritorialização, onde há uma quebra de estruturas, e de limites que são impostos aos corpos, podendo, assim, brincar com o limite dos corpos. A cidade e os lugares coletivos incessantemente se relacionam com a quebra de estruturas pré-fixadas, e exploram o novo, de forma não hegemônica.

Ele representa todas as possibilidades de conexão, afetividade e ação que estão disponíveis em um determinado momento, e sua criação é um processo de desterritorialização e experimentação das potencialidades do corpo e da subjetividade. Busca romper com as estruturas de poder e controle para criar novas formas de relação e expressão. Ele representa uma tentativa de pensar o corpo e a subjetividade de forma mais livre, autônoma e criativa, sem as amarras das estruturas sociais e culturais que impõem significados, hierarquias e limites ao corpo e à subjetividade. Assim, o conceito de Corpo sem Órgãos é um convite à experimentação, à criação e à liberdade,

que pode ajudar a inspirar novas formas de pensamento e práticas em diversas áreas da vida.

3.6 Entre-lugares

Guatelli (2012) explica que entre-lugares são uma condição que se adapta devido a uma mudança de movimentações feitas no lugar. Então, em uma obra de arquitetura e urbanismo perdemos a relação espaço-uso, que é substituída pela relação espaço-tempo, isso quer dizer que a obra se adapta a novas versões dela mesma. Ela é moldada pelo seu tempo, e pessoas que usam esse lugar, entendendo que as ações nesse lugar podem se dar de diversas maneiras ao longo do tempo, e que se adaptam conforme a sociedade também se adapta.

Logo, o *entre* é uma situação, um espaço intermediário que é passível de transformações, de novas significações, e que está em constante processo de renovação. Nós, arquitetos e urbanistas estamos em uma posição de viabilização do não definido, ou seja, o papel do arquiteto e urbanista em um entre-lugar seria entender como esse pode variar ao longo do tempo, de maneira a prever diversas possibilidades para que o não-definido fosse uma possibilidade de adaptação e articulação dentro de um projeto (Guatelli, 2012).

Por isso, o *entre* não é uma coisa em absoluto, ele é presença e ausência, ele é transformação. Seria sempre uma tentativa de contato entre “o definido e o não-definido, o desenho e o não desenho, as macro-organizações e setorizações espaciais e o engendramento de microssistemas programáticos” (Guatelli, 2012, p. 33), está justa-

mente na criação de conjunturas para que diferentes situações possam se qualificar nesses lugares, de modo que se intensifiquem e se formem mais densamente.

A infraestrutura, em arquitetura e urbanismo, passa a fazer parte essencial dos projetos, no sentido em que é usada como ponto focal, a iminência de criar acontecimentos. Nesse sentido, lugares transitivos ganham destaque no *entre*, já que criam situações que motivam as pessoas a transgredirem as atividades programáticas, porque eles são usados, justamente, como intermediação entre diferentes situações.

O interior-exterior é esse lugar onde se tem certa autonomia e dependência, não na mesma medida, mas essa correlação está em constante alternância, o que acaba por criar novas interioridades para os lugares. Esses que possuem certa autonomia, de forma que não tem um programa fixo, eles se alternam em novas funções, novos usos, novos tempos e isso faz com que eles sejam conflituosos entre si (Guatelli, 2012).

As galerias são pensadas como forma de conjugar edifícios residenciais a lugares comerciais, como as grandes magazines, são passagens cobertas, de uso público, que quando ligados à via e a conjuntos de edifícios se tornam articulação desses lugares. Na época da sua construção, fazem com que os lugares de consumo sejam lugares de especulação, sobretudo se tornando lugares de requinte e luxo, onde a burguesia consumia seus produtos (Guatelli, 2012).

Esses lugares correm o risco de ficarem obsoletos, quando já não fazem mais sentido dentro da sociedade, e então começam a aparecer as lacunas de um projeto com um programa fechado e sem possibilidade de modificações. Para Guatelli (2012) existe a

possibilidade de se pensar em projetos de arquitetura e urbanismo além de um programa fechado, completo ou pronto, esses projetos podem ser pensados através de programas articuladores, que seriam capazes de ser questionados constantemente, e assim se adaptariam ao longo do tempo, conforme suas necessidades.

O *entre* em arquitetura e urbanismo está justamente no ato projetual, intencional do profissional, o que difere, na verdade, é a finalidade do projeto, que não pode ser prevista. Por isso, que o investimento deveria ser em programas abertos, que tenham possibilidade de alteração ao longo dos anos, pois quando o projeto é concluído, ele pode alterar completamente seu sentido original, e ainda que alterado em sua essência, o construído continua o mesmo (Guatelli, 2012).

3.7 A paisagem e os sentidos

Pallasmaa (2012) escreve sobre a importância do corpo¹³ para uma melhor experiência na arquitetura e nas cidades. Ele aponta que por muito tempo se negligenciou os outros sentidos em detrimento da visão, e isso causou consequências para a construção dos lugares. E para uma melhor experiência, “É evidente que uma arquitetura que intensifique a vida, deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência do mundo.” (Pallasmaa, 2012, p. 11).

A arquitetura deve levar em conta o corpo como um todo, afinal o corpo nos dá diversas sensações, além da visão. A velocidade da contemporaneidade faz com que a visão se torne uma mercadoria, e isso gera a utilização efêmera dos lugares, são lu-

13 Aqui falamos do corpo humano, Para Pallasmaa (2012) o corpo humano como um todo deve ser levado em consideração, e não apenas a visão.

gares programados para que as pessoas os usem de forma rápida. Isso, gera a união, e por consequência, a inversão de duas dimensões, o espaço e o tempo (Pallasmaa, 2012).

Com a união e inversão dessas duas dimensões se geram duas novas dimensões, a temporalização do espaço e a espacialização do tempo. Isso quer dizer, que os espaços e tempos estão se fundindo e tornando-se cada vez mais rápidos, e o único sentido que é capaz de assimilar o aumento da velocidade é a visão, por isso ela é aguçada na arquitetura e na cidade. O que acaba fazendo com que as pessoas, cada vez mais, vivam em um presente constante, que é gerado pela velocidade e simultaneidade (Pallasmaa, 2012).

O corpo, como um todo, está em relação contínua com o lugar ao seu entorno, fazendo com que só seja possível viver um lugar, de fato, quando estamos presentes nele. Com isso, podemos supor que não há lugar sem corpo, pois não essas duas ideias não podem estar desvinculadas uma da outra, já que o mundo e suas individualidades se moldam um relativamente ao outro. Pallasmaa (2012) diz que:

Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior (Pallasmaa, 2012, p. 38).

A arquitetura não é fato isolado, ela direciona a atenção e a experiência, enquanto estrutura, ela corrobora para a compreensão e experimentação do mundo. Também direciona as estruturas conceituais e materiais para as instituições societárias, que

dão condições à vida cotidiana. Por isso, os sentidos, além da visão, contribuem no entendimento de lugares, a arquitetura fortalece o entendimento de mundo, a partir dos ouvidos, nariz, pele, língua etc. (Pallasmaa, 2012).

O corpo percebe o lugar a partir da mistura das sensações, a importância da luz e da sombra na percepção do espaço se dá com a compreensão de que é impossível fantasiar os lugares quando eles recebem iluminação em demasia. A iluminação não apenas permite ver, mas também afeta nossa percepção espacial e emocional, ela satura o pensamento, ademais a pouca quantidade luz cria diferentes sensações nos humanos, como a solidariedade (Pallasmaa, 2012).

Pallasmaa (2012) ressalta, principalmente, o poder da arquitetura para a construção do lugar como objeto imaterial, em que as pessoas são capazes de decifrá-lo a partir de interações, inter-relações e dinâmicas. As experiências táteis podem ser poderosas ferramentas para evocar memórias e emoções, e a arquitetura deve levar em conta essa relação.

O tato é essencial para a imaginação, bem como para a memória, as pessoas entendem as lógicas ao redor delas por diferentes estímulos sensoriais. Essas lógicas podem ser diversas estruturas, desde estruturas concretas, palpáveis, sólidas, até estruturas de pensamento simbólico. Muitas vezes, a arte funciona como disparador para pensar estruturas que ainda não foram apropriadas pela linguagem formal, falada, explicitada.

A arte opera em diversas camadas sob o corpo humano, pois ela tem o poder de arti-

cular os limites entre a individualidade e o mundo exterior. Ela trabalha na experiência do artista, mas também do observador, do ouvinte, do usuário daquela arte. A arquitetura, enquanto forma de arte, articula os limites do que é externo, e o arquiteto tem o poder de saber agenciar o espaço interno humano com a paisagem, com a edificação, com a fragmentação do espaço (Pallasmaa, 2013).

O corpo humano pensa através do processamento de informações sobre as situações que vive, isso atrelado ao fato de que os sentidos participam ativamente do processo do pensamento. Para a formulação de um processo artístico, entendendo arquitetura como parte integrante da arte, entendemos que é preciso que haja uma síntese da experiência, que engloba a percepção, a memória e o desejo. Dessa forma, o corpo processa situações e a partir das situações ele faz um processo artístico (Pallasmaa, 2013).

Assim, é possível estabelecer a conexão de que a arquitetura é uma manifestação artística resultante da interação do corpo humano, que processa informações sobre as vivências e as transforma em experiências significativas. A arquitetura vai além de ser meramente um elemento físico em um local, estando intrinsecamente ligada ao ser humano e ao ambiente construído que o cerca. O projeto arquitetônico representa um diálogo entre a forma arquitetônica e o contexto em que se insere, buscando inspiração nas particularidades do local, tais como sua história e paisagens.

A arquitetura, para Norberg-Schulz (1980), se refere ao espírito do lugar, a essência única e distinta de um determinado ambiente. Ou seja, a obra de arquitetura não está somente inserida em um sítio, ela tem relação com o ser humano e com o ambiente

construído ao entorno. O projeto arquitetônico é um diálogo entre forma e contexto, buscando inspiração nas características locais, entendido como a cristalização de sua história. Um local é marcado por paisagens e assentamentos e pode ser compreendido através do caráter e do desenho de seus espaços, que possuem uma componente estrutural e uma componente perceptiva.

O lugar não pode ser só analisado através de perspectivas estruturais ou perceptivas, pois isso deixaria de lado a experiência cotidiana. Ele é mais que isso, ele não é abstrato, é completo por elementos que possuem substância, formato, cor, textura e isso forma uma atmosfera local, tornando-o real e integrativo ao contexto em que se insere, assumindo que precisa estar completo por diversos fatores (Norberg-Schulz, 1980).

O caráter de uma localidade descreve sua atmosfera e pode ser indicado por adjetivos que expressam suas qualidades. Já que ela consiste na organização tridimensional de elementos que compõem um espaço, cada um marcado por uma identidade particular, enquanto os espaços podem ser descritos por suas relações tridimensionais. Os lugares têm identidades particulares descritas por questões qualitativas, casas e cidades são compostas por multiplicidades de áreas únicas. O entendimento desses lugares e seus caracteres é fundamental para a participação criativa e contribuição com a sua história (Norberg-Schulz, 1980).

A paisagem é composta por vários locais e estabelece uma ligação entre o indivíduo e o meio ambiente. Essa paisagem cultural é carregada de significado e é afetada pelas construções, que produzem lugares e, por sua vez, sofrem influência da paisagem. A

conexão entre o indivíduo e o mundo é estabelecida por meio dessas aberturas, que conectam o aqui e o além.

3.8 A cidade e a mulher

A cidade é um ambiente que reflete a visão masculina, as mulheres enfrentam desafios específicos. A falta de segurança para mulheres está diretamente ligada a esse fator, evidenciando como essas questões afetam a mobilidade e a liberdade das mulheres no espaço urbano. Por isso, mulheres estão em constante atenção quando estão em lugares coletivos.

[...] enquanto estão sozinhas, as mulheres se envolvem em todos os tipos de auto policiamento para evitar a atenção indesejada e a vigilância hostil de seu corpo e comportamento. Ainda é incrivelmente difícil para mulheres sozinhas ocuparem espaço. (Kern, 2021, p.133).

Kern (2021) explica a relação da experiência da mulher nos lugares públicos, ela diz que a insegurança se dá muitas vezes pois as cidades são pensadas para que as mulheres não estejam na rua de fato. É como uma função social, o medo da cidade garante que as mulheres permaneçam em casa e façam trabalhos domésticos. Ela diz ainda que, de maneira geral, o que as mulheres temem são os homens, e isso acaba por delimitar um sentido territorial, pois ao longo da vida as mulheres descobrem por onde passar, o que e quais situações evitar, invés de impedir pessoas.

Essa delimitação territorial é movente, é um mapa vivo que se adapta conforme as

situações, em lugares pelos quais as mulheres precisam passar. Essas camadas não vem só de experiências pessoais, vem também de experiências de outras pessoas, de como a mídia aborda certos lugares, mitos urbanos e “bom senso”, pois mulheres sabem por onde não passar. Além disso, o mapa se modifica durante o dia e a noite, dia útil e finais de semana e até mesmo de estação do ano para outra (Kern, 2021).

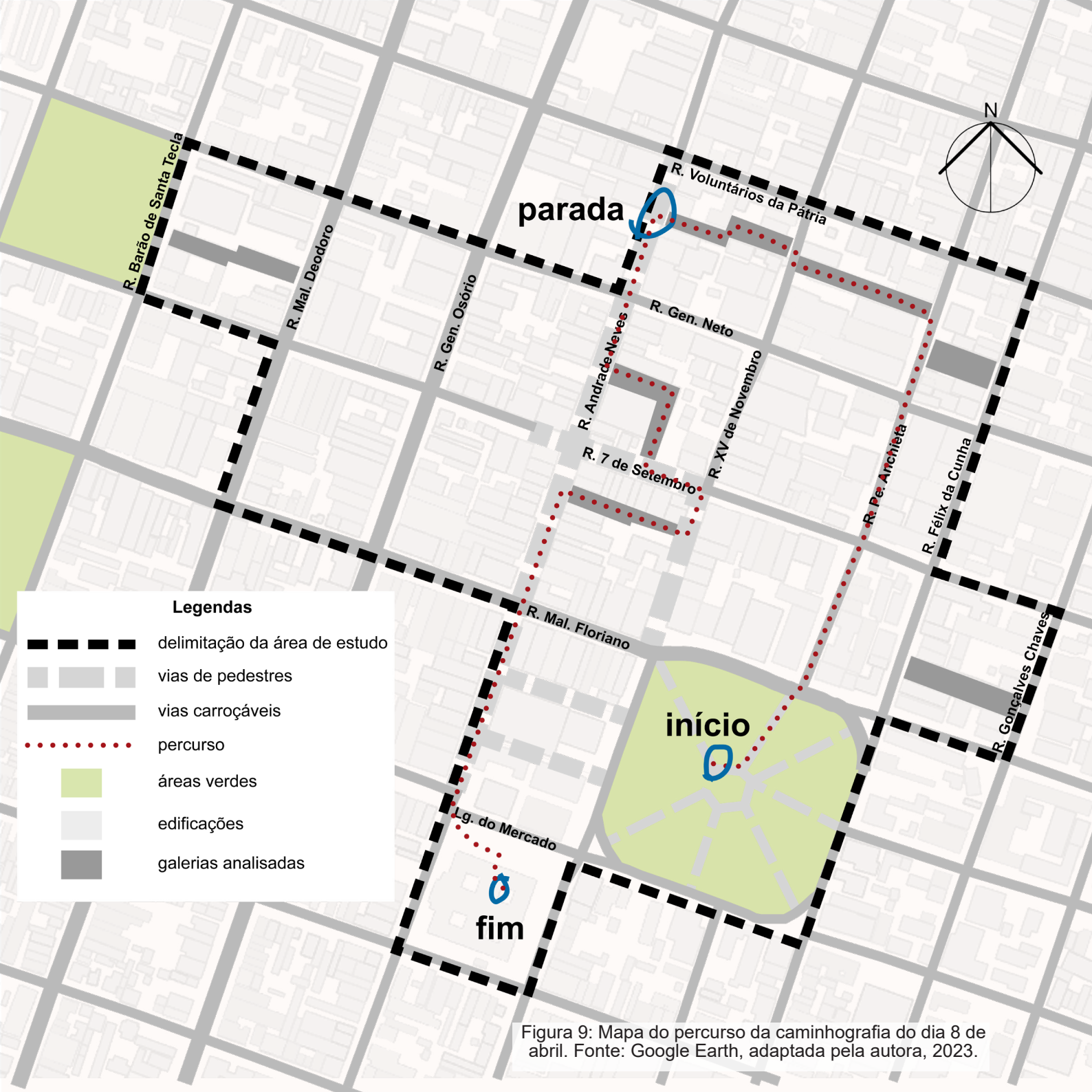
4. TRANSCRIÇÕES CAMINHOGRÁFICAS

4.1 Caminhografia da fragmentação

Dia 8 de abril de 2022, saí de casa atrasada e peguei um carro de aplicativo para chegar rápido ao local combinado. Essa foi a primeira caminhografia do grupo depois da pandemia de Covid-19. Cheguei à Praça Coronel Pedro Osório às 16 h, e avistei alguns colegas de grupo de pesquisa (Figura 9), me desloquei ao local onde eles estavam. Conversamos por um tempo, até que todos convidados chegassem ao local de encontro.

Enquanto conversávamos, esperando os outros integrantes do grupo, eu observei uma mulher que estava perto. Ela estava claramente alterada, talvez pelo uso de drogas, ou era simplesmente um estado de espírito. Não é possível identificar a faixa etária dela, apenas olhando, porém, acredito que em torno de 30 anos. Percebi que ela tentava falar com diversas pessoas diferentes, a maioria não dava atenção à ela.

Quando chegaram todos os convidados da caminhografia começamos a conversar entre nós. Dialogamos sobre caminhografia urbana, e o que seria a nossa caminhada do dia, eu falei um pouco sobre a relação das galerias com a cidade (Figura 10). Entretanto, a minha atenção ainda estava naquela mulher, alterada, ela tomava conta da parte da praça em que estávamos situados. Ela conversa com um grupo de adolescentes em tom alto, não consigo entender o que diz, mas eles parecem se conhecer, são seres que parecem estar acostumados com aquele contato. Nesse momento



começa um embate.

A brigada militar adentrou a praça de carro. Por quê? É um caminho para pedestres. O carro foi em direção à mulher e aos adolescentes. Não escutei o que aconteceu, mas eles se dispersaram.

Não demorou para que a mulher viesse em nossa direção para conversar. Ela queria denunciar a brigada militar pelo que já haviam feito à ela, a fala dela é intensa, por vezes assusta. Ela disse que já bateram nela diversas vezes, e que ela não era importante. Enquanto essa mulher conversava conosco, uma segunda mulher apareceu, se aproximou e ofereceu comida para a que nos relatava o que a brigada militar havia feito à ela. A comida é uma barganha, para que ela pare de conversar conosco, quando a comida é entregue a segunda mulher fala: “Para de atrapalhar, eles estão em aula!”. A mulher aceitou a comida, e se afastou de nós.

Seguimos a conversa, ainda que a minha concentração esteja toda naquela mulher. Tentei voltar minha atenção à conversa e discutimos um pouco mais sobre as caminhadas (Figura 11), o que o campo nos proporciona e como coisas inesperadas podem acontecer.

Embora estivéssemos conversando, minha mente acompanhava alguns outros movimentos. Escutei um homem idoso que arrastava os pés para caminhar, ele passeava com um cachorro, também escutei o seu respirar ofegante. Olhei para trás, para capturar a cena, era um senhor idoso, com um cachorro de porte grande na coleira.



Figura 10: Grupo de pesquisa. Fonte: da autora, 2023. Figura 11: Mapa inicial. Fonte: Eduardo Rocha, adaptado pela autora, 2023. Figura 12: Chafariz. Fonte: Aline Nascimento dos Santos, adaptado pela autora, 2023. Figura 13: Dia de sol. Fonte: da autora, 2023.

Logo depois eu ouvi o barulho do apito de um vendedor de algodão doce, é uma espécie de flauta, que chamava possíveis clientes. Enquanto ainda conversávamos apareceu uma mulher que conversava conosco, na tentativa de nos vender hambúrgueres. Ninguém compra e ela vai embora.

Decidimos, então, começar a caminhografia.

Saímos do ponto onde nos encontramos, o miolo da Praça Coronel Pedro Osório (Figura 12). O dia estava ensolarado e quente, e, ainda que o sol já estivesse se pondo, ainda permaneciam muitas pessoas sentadas em bancos (Figura 13), ou de passagem pela praça. Observei algumas crianças com cestas de páscoa.

Começamos a caminhada pela rua Padre Anchieta, em direção à primeira galeria. A praça não tem uma boa ligação com a rua Padre Anchieta, é difícil ser pedestre nesse cruzamento, três vias carroçáveis desembocam nesse lugar causando um grande aglomerado de carros. Enquanto tentamos atravessar eu observei um homem, na esquina a frente, que estava com um carrinho vendendo rapaduras.

Quando, por fim, conseguimos atravessar a rua passamos ao lado do homem. Ele cantarolava algo que não compreendi, acredito que isso se deu pela soma de barulhos da rua, o que me fez lembrar de um vídeo que eu assisti¹⁴ e ele discutia a relação de sons da rua. No mesmo quarteirão avistei um guardador de carros, sentado em um friso de um prédio.

14 Para assistir, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=CTV-wwszGw8>



Figura 14: Píxo. Fonte: Aline Nascimento dos Santos, adaptado pela autora, 2023. Figura 15: Segurança. Fonte: da autora, 2023. Figura 16: Marquise. Fonte: da autora, 2023. Figura 17: Ripas de madeira. Fonte: da autora, 2023.

Essa quadra tinha pouco movimento de pedestres. Porém, percebo uma grande quantidade de pichações (Figura 14) e vidros quebrados.

Já no próximo quarteirão, um senhor caminhava com ajuda de muletas, ele possuía algum tipo de dificuldade motora. Caminhamos atrás dele por meia quadra, e ele entrou em um estabelecimento comercial. Nesse meio tempo um homem de terno, com pressa, nos ultrapassa, caminhávamos devagar, com intenção de observar. Também observei um homem que estava com um carrinho cheio de papelões, o acompanhavam uma mulher, três crianças e dois cachorros. A diferença de movimento de pedestres entre um quarteirão e outro é impactante.

Na quadra da primeira galeria percebi muitos lugares para alugar e vender. Além disso, percebo muitas seguranças particulares (Figura 15) na frente das portas de estabelecimentos comerciais e prédios comerciais.

Entramos na Galeria Zabaleta mas ainda estamos em um entre-lugar, que é o acesso à essa galeria (Figura 16). Ela possui uma marquise grande, em relação à largura da galeria, e um pilar centralizado em frente ao acesso, as primeiras vitrines rompem o que parece o limite da galeria e envolvem o pedestre, quase como um convite a adentrá-la.

Logo que entramos senti o cheiro de incenso de uma loja. A luz da galeria é branca e clara, os revestimentos claros, as vitrines claras e organizadas, em sua grande maioria, o que gera a impressão de limpeza. Essa galeria possui um edifício residencial nos pavimentos superiores. O hall de acesso ao edifício é bem delimitado, em frente

ao hall está o segurança particular, ao lado de uma banquetta, situado mais ao fundo está o porteiro, em uma organização quase hierárquica. Em frente ao hall estão situadas ripas de madeira (Figura 17), que tinham cerca de 2 metros, e elas tiravam a organização da galeria, elas chamavam a atenção, ainda que não estivessem no meio do caminho.

Essa galeria não possui lojas vazias, me perguntei se é pelas suas conexões, se é por estar situado junto a um edifício residencial, ou se existe algum outro motivo que não percebi.

Perto de um dos acessos da galeria o cheiro muda, uma lanchonete que exala cheiro de fritura e café. Nesse lugar estavam várias pessoas, reunidas bebendo café e conversando, elas tangenciavam o corredor da galeria, criando uma espécie de bolha.

Uma placa fixada na parede (Figura 18), junto a um dos acessos, que alertava sobre o uso de máscara, em função da pandemia de covid-19. Até então o primeiro aviso que me sinalizava sobre a pandemia, as pessoas já quase não usavam máscaras.

A galeria Zabaleta e a galeria Malcon estão uma de frente para a outra, entre elas a rua XV de Novembro (Figura 19). Não há uma ligação formal delas, mas uma faixa de segurança quase induz o pedestre a atravessar por ela e seguir o caminho entre as galerias. A galeria Malcon possui um acesso pouco acolhedor, possui duas vitrines nas extremidades do acesso, e esse se dá por uma porta automática. A porta parece repelir e selecionar quem pode acessar esse lugar.



Figura 18: Atenção. Fonte: da autora, 2023. Figura 19: Faixa de pedestres. Fonte: da autora, 2023. Figura 20: Pessoas. Fonte: da autora, 2023. Figura 21: Segurança. Fonte: da autora, 2023.

Quando adentramos a galeria algumas coisas me chamaram a atenção. Os revestimentos são escuros, mas a luz muito clara e branca, e, ainda assim, não tem o mesmo tom higienista da galeria Zabaleta. A Malcon tem música ambiente, que se mistura com o barulho das pessoas falando, e me causa incômodo.

Existem várias lojas fechadas e algumas funcionam apenas como vitrine, e ainda assim, ela mantém fluxo de pedestres (Figura 20). No centro da galeria, onde há uma espécie de desvio de caminho, possui um café tradicional na cidade (Figura 21). Ele é grande e bem estruturado de um lado do corredor, e do outro apenas um quiosque com poucas mesas e banquetas. Do lado do café existe também um balcão no corredor, que, normalmente, acumula pessoas na circulação da galeria.

Quando passamos por esse café minha expectativa era que tivessem muitas pessoas, invés disso o café quase não tinha movimento, o balcão no corredor estava vazio. Porém, dentro do café tem uma criança e uma mulher, e essa criança grita com a mãe, dizendo: “não, mãe, não quero!”. Aquele barulho se mistura mais com o barulho que já existia antes e eu fico zozza.

Quando saímos da galeria nos deparamos com o calçadão da Andrades Neves (Figura 22). O grupo estava um pouco disperso, acabamos ficando parados um tempo conversando. Nesse meio tempo, percebi como o calçadão estava movimentado em relação às galerias. Sugerir que continuássemos nosso percurso, pois ainda faltava caminharmos por duas galerias.

Caminhamos uma quadra até a próxima galeria. Tivemos que atravessar a rua (Figura



Figura 22: Calçadão. Fonte: da autora, 2023. Figura 23: Calçadão. Fonte: da autora, 2023. Figura 24: Marquise. Fonte: da autora, 2023. Figura 25: Vitrine expositora. Fonte: da autora, 2023.

23), mas tudo ocorreu com tranquilidade. No calçadão tínhamos que desviar dos outros pedestres devido ao movimento.

Chegamos à galeria Satta Alam pela rua Andrade Neves, ela possui uma grande marquise que me chamou atenção porque logo acima dela possuem pichações (Figura 24), que contrasta com a loja de jóias que tem vitrine para a rua. Essa galeria possui lojas apenas de um lado do corredor, do outro lado possui um tipo de vitrine que é possível expor alguns itens (Figura 25).

Parece mais abandonada que as outras, o corredor é escuro. Essa galeria é situada em formato de “L”, na esquina desse “L” havia um café que fechou durante a pandemia de Covid-19. Essa galeria também tem um segurança com seu banquinho, que fica no meio do corredor, mas ele é a única pessoa desse lado do “L”.

Quando nos aproximamos da esquina percebi que tiraram uma parte da vitrine (Figura 26), para alguma reforma, o reboco ainda estava fresco, o cheiro de obra, e a parede não pintada, dão a impressão de inacabado, como se tudo desse lado corroborasse para o abandono da galeria.

Na esquina existe uma clarabóia de policarbonato (Figura 27), acredito que um dia se pensou que a clarabóia serviria como forma de iluminação. Porém, ela estava suja, e deixava a galeria mais escura e cada vez mais eu pensava no abandono dela. Porque nas outras galerias existia um cuidado em deixar tudo com aspecto higienizado.

Dobramos a esquina e a galeria se transformou em outra, como se aquela escura,



Figura 26: Reforma. Fonte: Isabella Khauam Maricatto, adaptado pela autora, 2023. Figura 27: Clarabóia. Fonte: da autora, 2023. Figura 28: Calçadão cheio. Fonte: da autora, 2023. Figura 29: Carro Brigada Militar. Fonte: da autora, 2023.

com aspecto de inacabada já não existisse mais. A iluminação fica mais clara e branca, as vitrines ficam mais organizadas e com objetos que chamam mais atenção. Nesse lado da galeria existem muitos espelhos, do lado que não tem lojas dando a sensação de amplidão.

Em frente ao acesso da galeria, na rua Sete de Setembro, existe uma árvore grande e antiga, a árvore está cheia de folhas, mas sem flores, e ainda assim ela me chama a atenção. Não entendo muito bem o porquê, talvez pelo contraste com as construções no entorno, ou com as pessoas que parecem tão pequenas perto da árvore.

De novo estávamos no calçadão e de novo ele estava cheio (Figura 28), pessoas de passagem, paradas, conversando, sentadas, comendo, etc. Porque o entorno das galerias é tão movimentado e elas têm tão pouco movimentadas?

Nos dirigimos para a próxima galeria, que se situa a um quarteirão de distância, e de uma a outra existem apenas ruas para pedestres. Na esquina avistei mais uma pessoa vendendo rapadura, desta vez uma mulher. Em frente a ela estava estacionado um carro da brigada militar (Figura 29), no meio da rua para pedestres. Será o mesmo que abordou a mulher na praça? Provavelmente, mas nesse lugar estavam todos pacificados.

Entramos na galeria Central. A luz dessa galeria é branca e clara, e essa galeria também possui uma clarabóia, que também está suja. Nessa galeria percebo que o grupo já está mais rápido, parecia estar impaciente. Essa galeria possui uma parte com lojas dos dois lados do corredor, e uma outra parte apenas com lojas de um lado do corre-



Figura 30: Galeria Central. Fonte: Eduardo Rocha, adaptado pela autora, 2023. Figura 31: Calçadão. Fonte: da autora, 2023. Figura 32: Rua mista. Fonte: da autora, 2023. Figura 33: Catador de papelão. Fonte: da autora, 2023.

dor, e do outro lado fica uma espécie de vitrine, assim como na anterior.

Essa galeria foi a que estava mais movimentada (Figura 30), mas nada me chamou a atenção além das lojas fechadas. Consigo pensar, que talvez o grupo estivesse mais rápido pelo fato de que tinha mais movimento nessa galeria, e assim seguimos o fluxo que estava acontecendo naquele lugar.

Saímos rápido da galeria Central, e de novo estamos no calçadão da rua Andrades Neves, muitas pessoas sentadas nos bancos da rua. Passa por nós uma menina com deficiência visual, acompanhada de uma mulher de meia idade.

Ao longo do calçadão vejo diversas figuras populares vendendo coisas, um grupo de indígenas vendendo seus artesanatos, um grupo vendendo bijuterias artesanais, depois passamos por homens vendendo relógios e óculos, também vi um senhor vendendo meias. Passamos por diversos vendedores informais nesse quarteirão.

Já estávamos nos aproximando do fim da caminhografia, para atravessar para a última quadra tivemos que esperar a sinaleira abrir para os pedestres (Figura 31), pois havia muito movimento de veículos. Assim que a sinaleira abriu atravessamos e nos dirigimos ao último trecho do calçadão, uma quadra que possui uma rua mista, uma espécie de rua que possui o mesmo nível, porém, existe uma parcela da rua que é baixada e os carros podem acessá-la. Caminhamos por onde os carros podem passar (Figura 32).

Eu nunca havia visto um carro passando por ali, até esse dia. O que de fato me fez



Figura 34: Relojoeiro. Fonte: da autora, 2023. Figura 35: Largo do Mercado Público. Fonte: da autora, 2023. Figura 36: Feira livre. Fonte: da autora, 2023. Figura 37: Grupo de pesquisa. Fonte: da autora, 2023.

pensar não foi o carro que passou e nos fez desviar, mas sim um catador de papelão que passou por nós com seu carrinho cheio de papelão (Figura 33). Ele se apropriou do *lugar*, ele tinha um veículo. Me lembro das diversas críticas à essa rua mista quando ela foi executada, mas talvez para este homem que catava papelão a rua fosse uma grande ajuda.

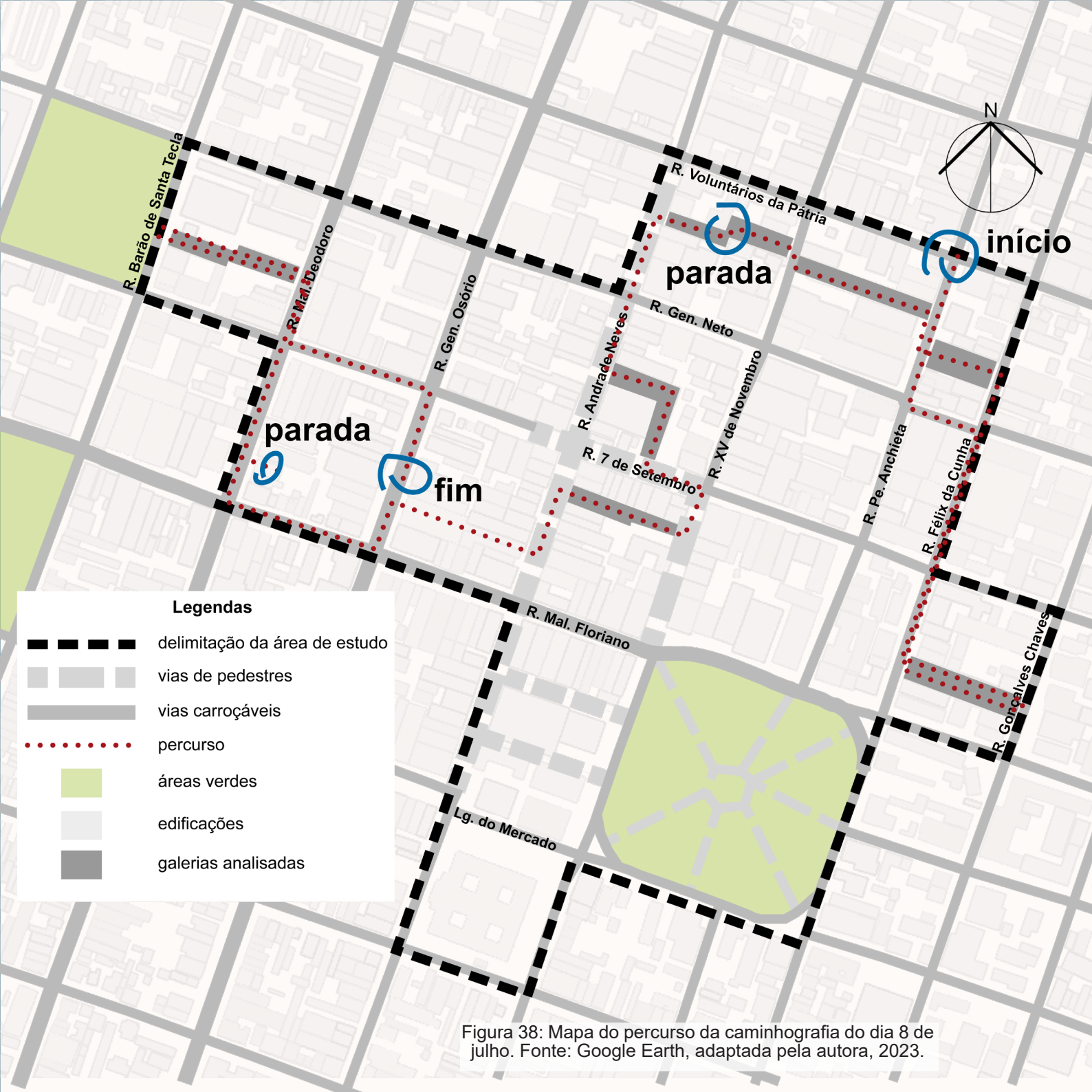
Nessa quadra existem duas passagens ao ar livre, espécies de becos que ligam o calçadão da rua Andrade Neves à Praça Coronel Pedro Osório, pouco utilizados pelas pessoas. Porém, na esquina tem um carrinho móvel de relojoeiro (Figura 34) e nesse lugar pessoas, esperam para arrumar seus relógios.

A via que liga o calçadão ao Mercado Público estava fechada para carros, porque acontecia uma espécie de feira ao ar livre no largo do Mercado (Figura 35). Chegamos no largo e já tinham pessoas bebendo cerveja nas mesas da rua, além da feira que deixa a calçada com bastante movimento de pedestres (Figura 36).

Entramos no mercado para debater a caminhografia e questões que nos despertaram o interesse, nos sentamos em roda em cadeiras (Figura 37). O que foi debatido aparece nos entremeios desse relato.

4.2 Caminhografia dos encontros

A segunda caminhografia feita pelas galerias foi dia 8 de julho de 2022, cheguei ao centro às 14 horas. É o primeiro dia seco e de sol depois de duas semanas úmidas



Legendas

- delimitação da área de estudo
- vias de pedestres
- vias carroçáveis
- percurso
- áreas verdes
- edificações
- galerias analisadas

Figura 38: Mapa do percurso da caminhografia do dia 8 de julho. Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2023.

e chuvosas. É um dia frio, porém com o sol o dia estava agradável, eu fiz essa caminhada sozinha.

Eu cheguei ao centro pela rua Padre Anchieta, é a rua onde moro e vou ao centro caminhando, é uma caminhada agradável. Porém, chegar por essa rua significa que cheguei no meio do sistema de galerias a ser analisado, e isso causou um desconforto de não saber por onde seguir.

Fui em direção a galeria Firenze, entretanto avisto uma espécie de casa improvisada abaixo de uma marquise passando a galeria (Figura 39), segui pela rua. Eram algumas lonas estendidas, e colchões embaixo delas. É uma instalação de pessoas em situação de rua, porém, naquele momento não havia ninguém ali.

Segui pela rua Padre Anchieta para ir à primeira galeria. Avistei uma obra de um prédio histórico, e não quis passar pelos tapumes da obra (Figura 40), não me senti segura, então decidi ir pela rua Félix da Cunha, a rua da ciclovia. Porém, não tinham bicicletas, passou apenas uma mulher de bicicleta por mim nas duas quadras que caminhei.

Antes de entrar na galeria me deparei com uma estrutura inflável de uma corretora de imóveis. Parecia uma espécie de festa junina na rua, me ofereceram pipoca quando me aproximei. Perguntei do que se tratava o evento, me disseram que era evento para chamar novos clientes. Dispensei a pipoca, afinal ainda caminhava de máscara pela pandemia de COVID-19.

Me direcionei à galeria Antunes Maciel, entrei nela e percebi que estava no sentido



Figura 39: Ocupação. Fonte: da autora, 2023. Figura 40: Tapumes de obra. Fonte: da autora, 2023. Figura 41: Fluxo da galeria. Fonte: da autora, 2023. Figura 42: Ciclofaixa. Fonte: da autora, 2023.

contrário de todas pessoas naquele lugar (Figura 41). Fui até o final da galeria, percebi como ela é clara, e como as vitrines não possuem muitos elementos. Percebi também a quantidade de câmeras de vigilância, essa galeria não possui um segurança particular no corredor, apenas um porteiro, um homem de meia idade, que fica no hall de acesso ao prédio acima.

Saí da galeria na rua Gonçalves Chaves, mas a rua estava tão vazia que decidi voltar por dentro da galeria e me igualei ao fluxo “normal” da galeria.

Caminhei para a próxima galeria pela rua Félix da Cunha, que continuava sem bicicletas (Figura 42).

Entrei na galeria Firenze e possuía pouco movimento (Figura 43), porém, as pessoas estavam no mesmo sentido que eu, no sentido bairro/centro.

Essa galeria tem uma cabine para a porteira, a única que é uma mulher nas galerias analisadas, que se destaca no corredor. É um lugar de interferência no corredor, bota em evidência a pessoa que estava naquele cubículo.

Essa galeria é escura, parece que a iluminação é mais eficiente através das portas do que da iluminação artificial. As vitrines são escuras e bagunçadas, em nada se parece com as galerias Zabaleta e Malcon, que acontecem em sequência.

Saí da galeria Firenze, no meio desta quadra existe uma faixa de pedestres, que fica em frente a galeria Zabaleta. É uma espécie de ligação entre as galerias, como a faixa

de pedestres que possui entre a galeria Zabaleta e a Malcon. Me dirigi a essa faixa de pedestres, mas os carros não paravam para que eu atravessasse. Esperei um pouco até que não vissem carros para que pudesse atravessar.

Adentrei a galeria Zabaleta, e o cheiro de incenso logo me invadiu. O que me despertou atenção foi que o cheiro é forte, ainda que a loja estivesse fechada naquele horário. Penso que às vezes elementos não visuais chamam mais atenção do que elementos visuais, quando se trata de uma experiência no lugar.

Algo que sempre percebo na galeria Zabaleta é a hierarquia do porteiro e do segurança. O segurança no corredor da edificação, e nesse dia, como de costume, ele estava em pé ao lado do banquinho destinado à ele (Figura 44).

Novamente, no bar que possui dentro da galeria Zabaleta tem pessoas conversando (Figura 45). E ele parece que desacelera a galeria. Quando passei-o percebi uma relação de dentro-fora.

Poucas coisas me prenderam a atenção nesse dia. Tenho a impressão de que com o dia ensolarado as pessoas estavam fugindo das galerias. Saí da galeria Zabaleta e fui em direção a galeria Malcon (Figura 46), na faixa de pedestres entre a galeria Zabaleta e Malcon os carros param para que eu atravessasse.

Entrei na galeria Malcon e havia uma vendedora na porta de uma loja conversando com uma moça que parecia estar passando pelo corredor (Figura 47). Aquilo me chamou atenção, como se dá a conexão das lojas com o corredor além das vitrines?



Figura 43: Cabine de segurança. Fonte: da autora, 2023. Figura 44: Segurança. Fonte: da autora, 2023. Figura 45: Pessoas no corredor. Fonte: da autora, 2023. Figura 46: Faixa de pedestres. Fonta: da autora, 2023.



Figura 47: Vendedora. Fonte: da autora, 2023. Figura 48: Criança brincando. Fonte: da autora, 2023. Figura 49: Vendedores informais. Fonte: da autora, 2023. Figura 50: Pouco movimento. Fonte: da autora, 2023.

Nessa galeria resolvi fazer uma parada e tomar um café no quiosque-caféteria que possui no meio da Malcon, para observar a galeria com mais calma. Sentei e comecei a escrever o que já havia visto, em seguida encontrei uma colega do grupo de pesquisa, e um conhecido em comum, conversamos. Quando volto a me concentrar percebi o segurança parado bem a minha frente.

Não demorou muito tempo para que uma outra mulher sentasse perto de mim, eu estava sentada de costas para a parede, ela me observou e se sentou de costas para mim. Ela não me deu chances para uma conversa.

Percebi que nessa galeria passam muitos adultos acompanhados de crianças e idosos. A primeira criança que me chamou atenção, foi uma menina que brincava com seus tênis de luzinhas (Figura 48) Ela dava passos pesados para que a luz ligasse, e quando isso acontecia, ela caminhava no passo em que as luzes piscavam, e assim ela seguia brincando com a cidade, enquanto a mulher que segurava sua mão tentava pará-la, sem sucesso.

Percebi como o fluxo de pessoas nessa galeria tinha uma variedade de raças, talvez tenha percebido isso pelo tempo que fiquei dentro dessa galeria. Ainda que em todas as outras eu só tenha visto pessoas brancas, e em sua grande maioria pessoas adultas.

A experiência de ficar sentada me faz perceber que o fluxo é rápido, traz a pressa do dia-a-dia, além disso, muitas pessoas estavam conectadas aos seus celulares. Fiquei cerca de 30 minutos sentada, até que o segurança começasse a me cuidar, eu escrevi

muitas coisas em meu caderno de campo, e conseguia cuidar o movimento da galeria, e do segurança, eu também não estava tão desconectada da pressa, ainda que estivesse sentada.

Percebi um homem adulto que estava acompanhado de uma criança. Ele falou com o segurança, e em seguida saiu com várias caixas de papelão, a criança que estava com ele brincava com o revestimento do piso. Claramente, ele brincava de não pisar nas linhas, só pisando nas figuras, e assim ele ia pulando de figura em figura, ele brincava com a galeria e fazia com que as pessoas com pressa desviassem dele, ou parassem para o observar.

Nesse momento eu me perguntei várias coisas, dentre elas algo me afectou. Praticamente todas as crianças que passavam por mim brincavam com a cidade, e elas faziam com que as pessoas no seu entorno percebessem a lentidão.

Percebi o segurança, que também é porteiro, sair com um tonel grande, por volta de um metro de altura e sessenta centímetros de diâmetro. Ele saiu arrastando o tonel pelo meio do corredor da galeria, eu não consegui enxergar o que aconteceu, pois estava de costas. Aproveito para me levantar e tentar olhar o que acontecia, mas não consigo. Fiquei no café das 14h45min às 15h20min.

Fui em direção ao calçadão e caminhei por ele, tem muito movimento na rua (Figura 49). Muitos vendedores informais estão na rua, com seus produtos no chão, nos bancos, em banquinhas portáteis, e em carrocinhas.

Além disso, havia muitas pessoas na rua, tantas que eu caminhava desviando. Muitos idosos sentados nos bancos públicos.

Entrei na Galeria Satte Alam (Figura 50), e percebi ela parecida com a primeira caminhografia. Porém, hoje o café que tem na esquina do “L” estava reaberto. As restrições de Covid-19 já eram poucas, será que por isso o café teria reaberto? Eu havia ficado um tempo parada já, e não me pareceu conveniente parar de novo nesse momento.

Essa galeria normalmente tem pouco movimento, e era o caso desse dia. Quando dobro a esquina do “L” vi uma mulher esperando o elevador, enquanto conversava com uma vendedora na loja em frente ao elevador. Foi a segunda pessoa que encontrei que conversava com vendedores das lojas, e de novo me fez pensar sobre as conexões das lojas com os corredores das galerias.

Além dessa mulher, e de mim, a única outra pessoa na galeria era o segurança, que estava sentado em uma banqueta, próximo ao acesso da rua Andrade Neves. Os seguranças sempre estão presentes nas galerias e de certa maneira compõem a paisagem do corredor.

Saí da galeria, na rua Sete de Setembro, e me deparei com duas filas grandes que saíam de lotéricas (Figura 51). Com o espaço reduzido que esses lugares possuem, a rua suporta o que a arquitetura não suporta. E nessa rua, em particular, a rua suporta muitos eventos que a arquitetura não suporta. São as filas, mesas na frente de restaurantes, vendedores ambulantes, bancos públicos.

Alguns vendedores ambulantes usavam os bancos públicos, que rodeiam uma árvore, como apoio para suas mercadorias. Tem vendedores informais na esquina da rua Sete de Setembro com a rua XV de Novembro. Essa esquina parece conflituosa, vendedores informais disputam o território com o carro da brigada militar. Me questionei sobre esse lugar de poder da brigada militar, uma rua para pedestres onde um carro institucional está estacionado em tempo integral. Qual é a função dele naquele lugar? Manter a ordem? A ordem do quê?

Segui pela rua XV de Novembro, e entrei na galeria Central. Essa galeria estava movimentada. Algumas pessoas paradas em frente às vitrines (Figura 52) faziam outras pessoas desviarem o seu caminho, o caminho pela galeria não era mais linear. Existe um desvio, em meu caderno de campo faço um esquema desses desvios. Logo após isso seguem ao eixo que caminhavam anteriormente, as pessoas paradas criam uma bolha, por onde quem está caminhando não passa.

Eu tentei não voltar ao caminho que fazia antes de desviar das pessoas paradas, talvez assim a minha experiência fosse diferente.

Caminhei um pouco e percebi que ainda existem algumas lojas fechadas. Logo parei de pensar nisso, pois o cheiro da loja de temperos me invadiu, um cheiro forte e que me agrada.

Voltei ao calçadão da rua Andrade Neves, ainda possui muito movimento, muitas pessoas sentadas em bancos, muitos vendedores informais.



Figura 51: Filas. Fonte: da autora, 2023. Figura 52: Pessoas paradas. Fonte: da autora, 2023. Figura 53: Loja fechada. Fonte: da autora, 2023. Figura 54: Fila do ônibus. Fonte: da autora, 2023.

Resolvi ir por dentro do Supermercado Nacional, que também é uma espécie de passagem dentro da cidade. Ele liga o calçadão da Andrade Neves com a rua General Osório, rua que possui corredores de ônibus que fazem o sentido centro/bairro.

O supermercado estava muito movimentado. Percebi algumas pessoas de passagem, assim como eu, e outras fazendo compras. Observei um senhor, que estava claramente de passagem, o corpo dele dizia isso. O passo era rápido, a cabeça dele só fazia movimento em direção ao acesso, ele não olhava produtos, não prestava atenção nas pessoas no seu entorno, a linguagem corporal dele indicava para a saída.

Saí do supermercado na rua General Osório e me direcionei para a rua Marechal Floriano. Uma rua de paradas de ônibus também, decidi ir por ela porque ela é uma passagem, assim como as galerias e como o supermercado.

Essas paradas estavam cheias de pessoas. A maioria delas estava de pé, muitas vezes em frente a bancos, muitas pessoas passavam por esse lugar, todas rápidas. É um conflito de tempos, entre as pessoas paradas e as pessoas correndo para chegar a algum lugar. As pessoas paradas pareciam aflitas, elas cuidavam o tempo inteiro o ônibus, cuidavam seus pertences, cuidavam o movimento, enquanto as pessoas que passavam no seu entorno não prestavam atenção em quase nada.

Dobrei na rua Marechal Deodoro, para me direcionar à galeria do Laranjal. Essa rua me parece hostil, não havia muitas pessoas, e haviam muitos carros em alta velocidade.

Logo que dobro, percebi um homem me olhando, ele andava logo na minha frente. Eu, mulher que caminho, sei alguns dispositivos que eu posso fazer valer para tentar me esquivar de homem na rua. Procurei um lugar para me abrigar por um tempo até que me sentisse confortável. Avisto uma floricultura, e adentro. Suspiro fundo, e finjo ser uma cliente.

Aquele lugar realmente funcionou como um suspiro para mim dentro da cidade. Não fiquei muito tempo, pois, aquela situação havia me deixado impaciente e desconcentrada. Saí, e me direcionei rápido até a galeria do Laranjal, e não conseguia perceber muitas coisas na rua.

Caminhei duas quadras e entrei na galeria do Laranjal (Figura 53). Logo que entrei, havia um homem bêbado. Qualquer homem naquele momento me deixaria com medo, o lugar estava movimentado e isso me deu um pouco de força para seguir.

Essa galeria tem o maior aspecto de abandono. Ela é escura, os revestimentos são escuros, a luz é escura, não percebi nenhuma segurança, nem porteiro, as vitrines quase não existem, era como se a própria loja fosse a vitrine.

A conexão das lojas com o corredor da galeria parece fazer sentido naquele contexto, os vendedores estavam dentro e fora das lojas e conversavam com os clientes que passavam pelos corredores.

Nessa galeria existem vários restaurantes, alguns cabeleireiros e barbeiros, algumas lojas com vitrines escuras, as quais não foi possível identificar seu uso.

O fluxo dessa galeria funciona de uma maneira diferente das demais. No acesso que dá para a rua Barão de Santa Tecla as pessoas fazem fila para entrar no ônibus, a galeria é usada como abrigo para a espera desses ônibus (Figura 54). Então, o pedestre que adentra a galeria pelo seu centro, no acesso contrário a parada de ônibus, é obrigado a desviar o caminho pelos cantos da galeria para sair do outro lado.

Cheguei até a fila, e voltei por dentro da galeria. Não estava muito confortável, depois que percebi o homem me olhando. Fui em direção às paradas de ônibus da rua General Osório para ir para minha casa, pois já estava cansada.

Enquanto esperava na parada, um vendedor de bala se direcionou até mim, me ofereceu bala de goma, conversamos um pouco. Ele me contou que só faltava vender uma bala de goma para acabar o seu produto, eu comprei e perguntei como ele caminhava pela cidade para vender as balas.

Ele me contou que as paradas são bons lugares para vender, já que ficavam muitas pessoas esperando impacientes. Ele também me contou que catava tampinhas nos lixos para vender, e se queixou de que já não há muitas.

Meu ônibus chegou e eu me despedi dele. Sigo para casa, cansada e angustiada com o acontecido.

4.3 Caminhografia do abrigo

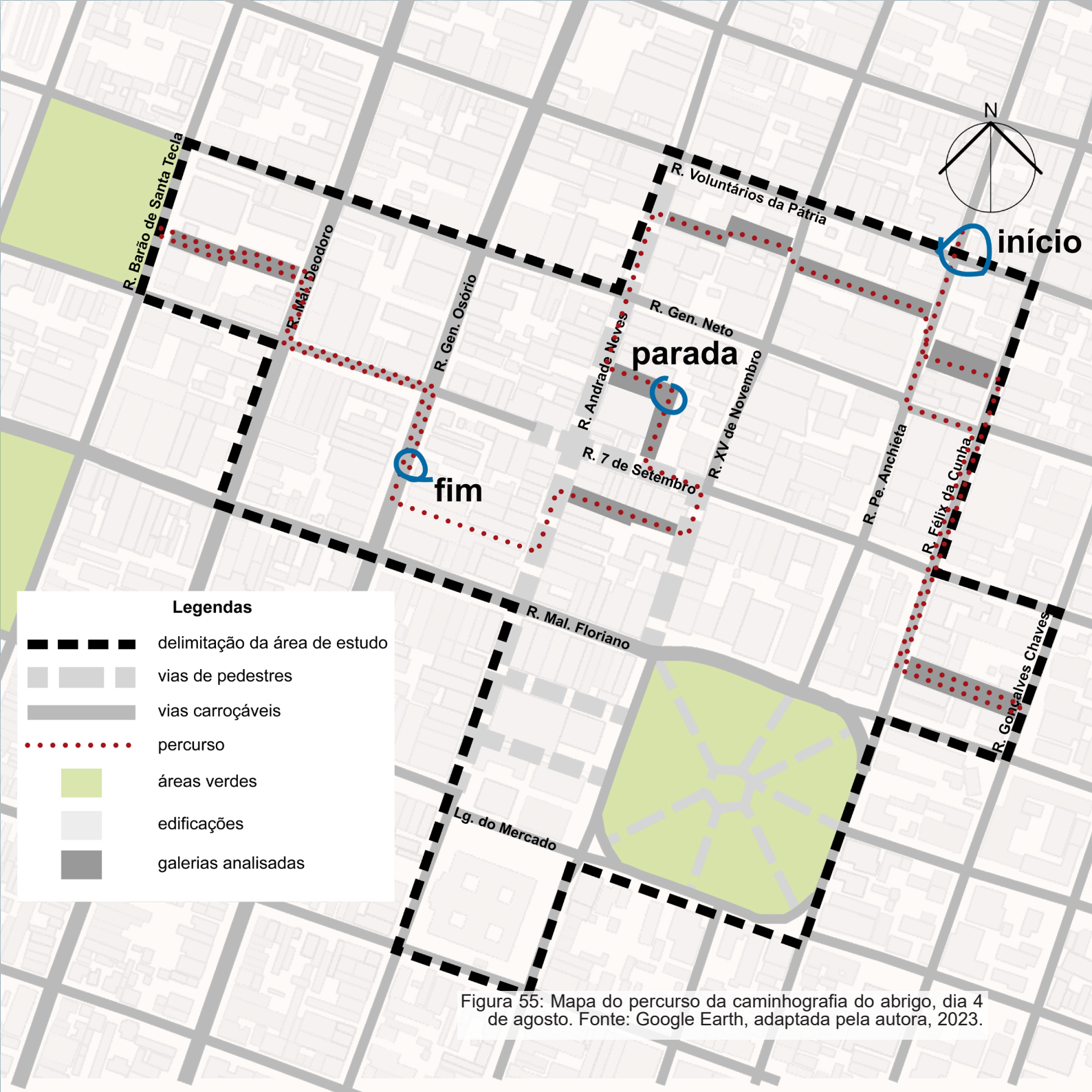


Figura 55: Mapa do percurso da caminhografia do abrigo, dia 4 de agosto. Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2023.

A terceira caminhografia urbana foi feita no dia 4 de agosto de 2022, cheguei ao centro às 9h, horário em que a maioria das lojas no centro abrem. Um dia de chuva intensa, e me desloquei até o centro de carro de aplicativo para que não me molhasse tanto no caminho. Desembarquei na rua Anchieta para começar a caminhografia pelo mesmo lugar, essa caminhada também é sozinha.

A ocupação na esquina das galerias Zabaleta e Firenze estava sem pessoas, mas sua estrutura havia aumentado (Figura 56). Na primeira caminhografia ela não existia, na segunda era apenas um colchão e uma lona, nesse dia já estava difícil mensurar quantas pessoas estavam vivendo ali, mas claramente a estrutura estava maior. Já existiam cadeiras, roupas estendidas, caixas, além de mais colchões e lonas, como estrutura para dormir.

A rua estava cheia de pedestres, ainda que chovesse. Porém, as pessoas caminham de uma maneira diferente, todas buscavam marquises para se abrigar, e procuravam passar por lugares que não tivessem poças de água no chão. Eu caminhava pela rua General Neto, numa calçada que tem postes, ela é tão estreita que meu guarda chuva trancava entre os postes e as casas — que não possuem recuos frontais. Preferi atravessar a rua, pois os postes dificultavam meu caminhar.

Caminhei pela rua Félix da Cunha até entrar na galeria Antunes Maciel. De longe avistei um menino cadeirante acompanhado de um homem (Figura 57), que utilizava o sentido que parecia a lógica da galeria — sentido bairro/centro. Quando cheguei ao outro acesso da galeria percebi que ela possui um degrau, de aproximadamente 10 centímetros, então me pergunto como ele subiu o degrau.



Figura 56: Ocupação. Fonte: da autora, 2023. Figura 57: Cadeirante. Fonte: da autora, 2023. Figura 58: Cuidado. Fonte: da autora, 2023. Figura 59: Caminhão. Fonte: da autora, 2023.

Só, então, percebi que essa galeria possui o mesmo desnível da rua. Esse desnível facilmente poderia ter sido compensado ao longo do edifício, para que ele fosse acessível?

Em um dos acessos da galeria, junto ao degrau, existe um café que estava cheio. De novo, voltei por dentro da galeria.

A quadra da galeria estava vazia e tinha um carro estacionado no meio da via carroçável, eu atravessei para escapar do carro que eu não sabia o que fazia parado, e entrei rápido na galeria.

Quando entrei rápido percebi que o piso estava escorregadio e logo vi a placa sinalizando isso (Figura 58), quase junto ao acesso. Porque um lugar de uso público é feito com um piso desse tipo? Eu, uma mulher com plena mobilidade e plena visão, escorreguei e perdi o equilíbrio, imaginei que pessoas com dificuldades motoras não devem caminhar bem por esse lugar em dias chuvosos.

Quando me estabilizei e olhei para frente notei que em frente ao outro acesso havia um caminhão estacionado (Figura 59), e ele tapava a visual da rua, e deixava uma visual parcial. E comecei a pensar nas relações de dentro e fora que as galerias possuem. Me perguntei o que eu veria se o caminhão não estivesse ali. Esqueci completamente as lojas que existiam ali dentro, eu queria ver a rua, e essa relação que a galeria proporciona.

Quando saí da galeria pensei em abrir o guarda-chuva de novo, e me perguntei se

era realmente necessário ficar abrindo e fechando o guarda-chuva entre uma galeria e outra. O deixei fechado, e coloquei o capuz, para conseguir caminhar sem me bater em postes, casas e no próprio guarda-chuva.

Esse pensamento não dura muito tempo na minha cabeça, pois ouvi a voz de um homem, ou dois. Avisto um homem caminhando de um lado da calçada e duas vozes, aparentemente. Caminhei em direção às vozes, e atrás de um tapume de obra surgiu outro homem, que estava em calçada diferente do outro homem que já havia enxergado antes.

Eles falavam algo que eu não entendia bem, caminhei mais devagar no intuito de ouvir e entender o que acontecia. Coloquei toda minha atenção naquele momento, a cidade era quase um cenário para aquele acontecimento. Um dos homens que falava adentrou a galeria Zabaleta. Então eu caminhei mais rápido para acompanhá-lo. Avistei um guarda-chuva na porta da galeria Zabaleta (Figura 60), queria pegá-lo para fazer alguma intervenção, mas não dava tempo, ia perder o homem — que agora cantava alto.

Ele cantava com um voz linda e afinada, e preenchia toda a galeria. Era um homem negro, de meia idade (Figura 61). Quando ele entrou na galeria, eu entrei logo atrás e caminhei devagar para tentar acompanhá-lo. Percebi que o segurança da galeria também prestava atenção no cantor, mas o segurança não fez menção de que ia impedi-lo de cantar.

Ele parou no café da galeria Zabaleta e começou a conversar sobre o dinheiro que havia conseguido, não consigo entender o resto da conversa. Entretanto, o cantor e



Figura 60: Guarda-chuva. Fonte: da autora, 2023. Figura 61: Cantor. Fonte: da autora, 2023. Figura 62: Café fechado. Fonte: da autora, 2023. Figura 63: Calçada vazia. Fonte: da autora, 2023.

os vendedores do café eram conhecidos, eles conversavam com certa intimidade. Esse acontecimento me fez esquecer, completamente, o resto da galeria. Eu passei pelo cantor, olhei para a frente e consegui perceber que a galeria possui um ponto de fuga quando se está perto do acesso da rua XV de Novembro. Saí rápido da galeria Zabaleta em direção a galeria Malcon, para não precisar abrir o guarda-chuva.

A galeria Malcon era a que possuía menor movimento. Dois seguranças estavam situados no meio da galeria.

As lojas estavam abrindo, o café ainda estava fechado (Figura 62), as atendentes organizavam cadeiras para que as pessoas sentassem. O movimento de abertura me causou um desconforto, caminhei um pouco mais rápido.

O calçadão possuía menos movimento que nas outras caminhografias (Figura 63), talvez pelo fato de estar próximo do horário de abertura do centro. Caminhei tranquilamente pelo calçadão, não haviam pessoas me oferecendo coisas para comprar, nem pessoas querendo me dar panfletos, tampouco movimento para que eu desviasse.

Entrei na galeria Satte Alam e havia uma pessoa retirando sacos de lixo de uma loja, que estavam depositados no corredor da galeria (Figura 64).

Me sentei no café da galeria Satte Alam e fico observando o corredor (Figura 65), tentei puxar assunto com a atendente do café, mas a tentativa foi falha. Então, fiquei observando a galeria sozinha.



Figura 64: Sacolas no corredor. Fonte: da autora, 2023. Figura 65: Café. Fonte: da autora, 2023. Figura 66: Lixo. Fonte: da autora, 2023. Figura 67: Vendedora informal. Fonte: da autora, 2023.

Observei que nessa galeria muitas pessoas paravam em vitrines de lojas que vendem jóias e semi-jóias. Estava de frente para o corredor que devia ter em torno de 3 lojas dessas.

Chegou um carregamento de mercadorias para lojas, e o segurança particular ajudou as vendedoras. O que me faz questionar a necessidade de um segurança nessa galeria.

Duas mulheres entraram no café onde eu estava, elas conversavam muito alto o que acabou tirando minha atenção. Eu fui invadida pela conversa delas, e já não conseguia mais prestar atenção nos meus próprios pensamentos.

Chegou um segundo segurança que se posicionou em frente à uma loja de jóias. Antes havia me questionado da necessidade de um segurança na galeria e agora me questiono da necessidade de dois.

Eu não conseguia mais concluir meus pensamentos com a conversa das duas mulheres ao meu lado, resolvi seguir meu caminho para a galeria Central. Cheguei no café às 9h50min e saí às 10:30, pouca coisa aconteceu nesse meio tempo. Mas pude perceber que existem algumas dinâmicas diferentes nessa galeria e na galeria Malcon — a galeria que fiquei parada na segunda caminhografia.

Essa galeria é muito mais lenta, as pessoas caminhavam sem pressa, paravam nas vitrines, entravam nas lojas. Também possuía um movimento reduzido em relação a galeria Malcon, além disso, na galeria Satta Alam, as pessoas caminhavam, em sua

grande maioria, solitárias.

Saí da galeria e a chuva havia cessado. Caminhei pela rua Sete de Setembro e havia muito lixo no chão (Figura 66), no lugar que, normalmente, se situam os vendedores informais. Me perguntei onde estavam os vendedores, e porque nunca tinha visto lixo no chão, até então, nas caminhografias.

Dobrei na rua XV de Novembro, e fui em direção a galeria Central. Não demorou muito até que encontrasse a primeira vendedora informal.

Quando caminhava pela rua XV de Novembro, avistei um homem sentado em um banco de frente para a galeria, e ele conversava com alguém que eu não enxergava — mas estava claramente dentro da galeria. Quando cheguei perto da galeria percebi que ele conversava com uma vendedora informal, que estava situada exatamente no limite da galeria Central (Figura 67). Genial! Pensei.

Ela usava toda a estrutura que a cidade oferecia para ela. Usava a marquise da galeria para se proteger da chuva, essa galeria apresenta uma rampa pequena, onde ela colocava um carrinho com produtos para serem vendidos exatamente na parte mais alta da rampa, para chamar mais atenção. Eu fico pensando se essa mulher sempre se situa ali nos dias de chuva? E se alguém, porventura, já tentou retirá-la dali?

Além disso, ela ainda conversava com um homem que estava fora da galeria. Ela rompia qualquer estrutura dentro/fora que poderia existir naquele lugar, tudo se conectava com essas duas figuras ali situadas.



Figura 68: Mulher parada. Fonte: da autora, 2023. Figura 69: Zigue-zague. Fonte: da autora, 2023. Figura 70: Bicicleta na porta da galeria. Fonte: da autora, 2023. Figura 71: Mulheres conversam. Fonte: da autora, 2023.

Entrei devagar na galeria, e dessa vez não escorreguei no piso molhado. Eu andava tão lenta prestando atenção na vendedora, que quando entrei na galeria estava com a atenção plena, esperando que qualquer coisa me afectasse. Assim, antes de escorregar, enxerguei as placas sinalizando o piso molhado. Nessa galeria também tinham baldes abaixo de goteiras. Entre placas e baldes o trajeto ficava quase um zigue-zague, não era o trajeto habitual pelo centro da galeria.

O movimento na galeria estava intenso, as pessoas desviavam das placas e dos baldes. Além disso, elas ficavam um tempo olhando vitrines (Figura 68). Parece que as galerias funcionam como respiro na cidade em dias de chuva.

Um elemento me chamou atenção. Uma bicicleta de um carteiro, parada em frente a galeria, ela ocupava uma parte do acesso da galeria (Figura 69), os dois extremos da galeria estavam ocupados com elementos móveis. Quais outros elementos seria possível adicionar aos acessos sem que fossem retirados?

De novo passei por dentro do Supermercado Nacional, parecia ter mais pessoas usando-o apenas como lugar de passagem, assim como eu.

Saí do supermercado e não tive coragem de ir pelo mesmo lugar da última caminhada, ainda estava com medo do homem que ficou me cuidando. Segui pela rua Sete de Setembro em direção à galeria do Laranjal.

Eu precisava comprar um guarda chuva, pois o meu havia quebrado uma haste com o vento. Havia uma loja, ao lado da galeria do laranjal, que o atendimento era na rua e

decidi parar ali. Quando cheguei havia um homem falando para o vendedor o porquê votar no Lula para presidente nas eleições. Ele conversou por cerca de 10 minutos, e o vendedor está nervoso que eu saia dali e não compre nada, eu esperei e apreciei a eloquência do homem que falava. Quando ele acabou de falar, eu comprei o guarda-chuva e caminhei em direção à galeria.

Cheguei e ela parecia mais escura que o normal. O piso também estava escorregadio, e também possuía placas avisando do piso, também havia baldes para as goteiras. A caminhada é em zigue-zague, além de no final o pedestre ser direcionado para as laterais da galeria pela fila de espera do ônibus.

No corredor da galeria havia duas mulheres conversando (Figura 70), elas estavam encoradas na parede. Uma delas fumava, a outra tomava chimarrão. Elas pareciam confortáveis ali, em algo que parecia uma conversa de meio do expediente. Me pareceu interessante a maneira como elas ocupavam a galeria, não tinha cadeiras, nem qualquer outro dispositivo que as fizesse ficar mais confortáveis. O que me chamou atenção foi que, de repente, se nesse dia fizesse sol elas poderiam estar na rua, mas como chovia elas compuseram outra paisagem.

Os atendentes das lojas se dispunham próximos às portas. Parecia um movimento em busca do que fazer, o movimento nessa galeria, nesse dia, se dava basicamente na fila para pegar os ônibus para o Laranjal.

A fila para pegar os ônibus era grande, o fluxo de pessoas passando se desloca para as laterais, quando se aproxima da fila do ônibus.

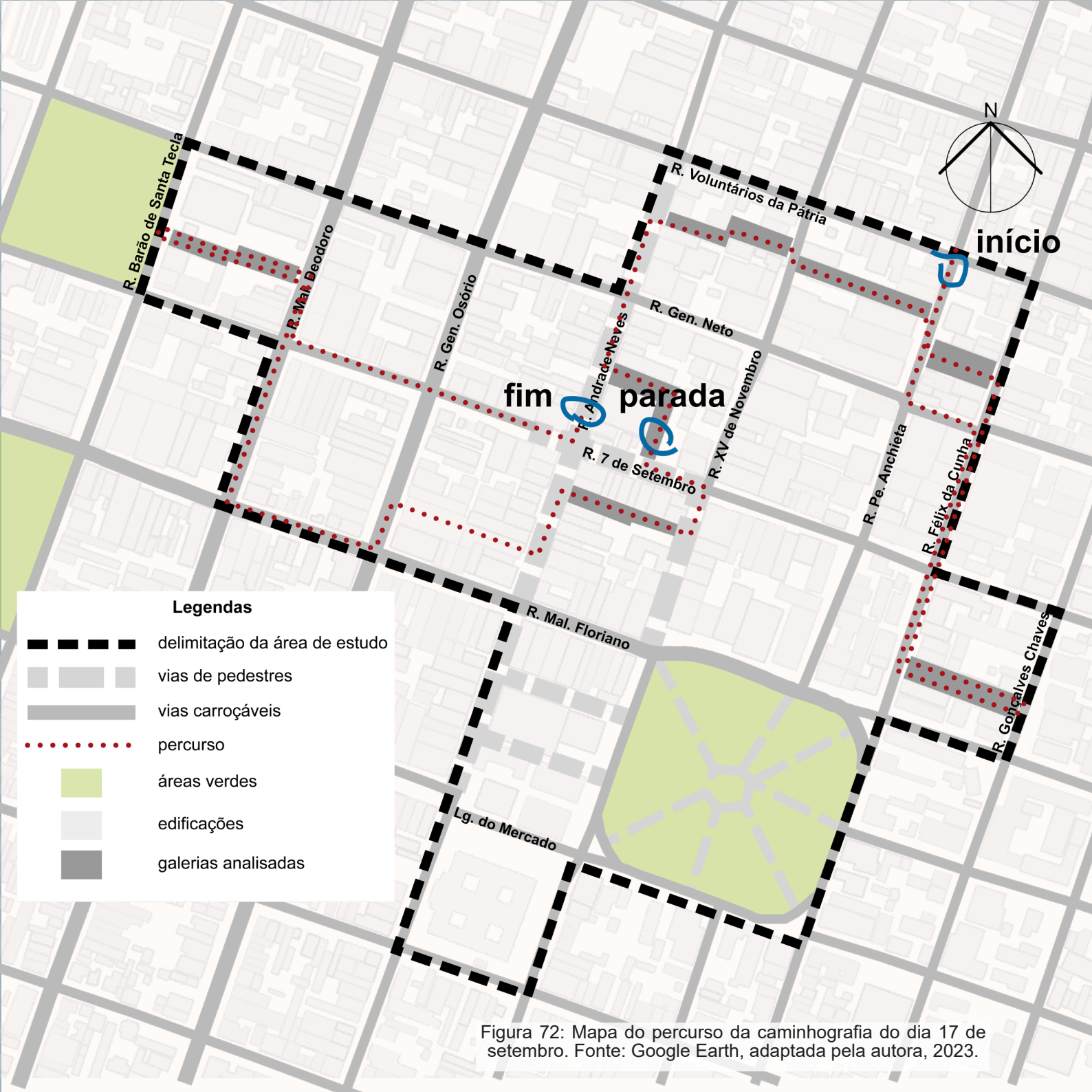


Figura 72: Mapa do percurso da caminhografia do dia 17 de setembro. Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2023.

Voltei por dentro da galeria novamente e me direcionei para a parada de ônibus por volta das 11:30, para voltar para casa.

4.4 Caminhografia da irregularidade

A quarta caminhografia eu fiz sozinha, em um sábado para entender as dinâmicas do território em um final de semana. Dia 17 de setembro de 2022, um dia de sol e muito vento na cidade, apesar do vento, estava quente.

Saí de casa e fui caminhando até o centro para aproveitar o dia. Cheguei ao centro às 10h30min, pela rua Padre Anchieta. Na quadra das galerias Zabaleta e Firenze sinto um cheiro forte, de uma loja de produtos de couro. No mesmo momento, ouço uma música de propaganda política, faltavam apenas 2 semanas para as eleições presidenciais. Diversas forças me atravessavam.

Caminhei um pouco, na porta da galeria Firenze tinha um homem pedindo dinheiro, mas ele não falou comigo. Na frente dele a ocupação que já relatei diversas vezes, ela não parecia estar muito diferente da caminhografia anterior (Figura 73).

Quando dobrei na rua Félix da Cunha percebi pessoas andando de bicicleta, passaram pelo menos quatro pessoas por mim, no intervalo de duas quadras.

Cheguei na galeria Antunes Maciel, o segurança estava sentado em um banco no corredor da galeria. Das galerias analisadas, essa é a única que possui bancos no meio



Figura 73: Ocupação. Fonte: da autora, 2023. Figura 74: Banco. Fonte: da autora, 2023. Figura 75: Restos de obra. Fonte: da autora, 2023. Figura 76: Dentro e fora. Fonta: da autora, 2023.

do corredor (Figura 74). Nessa galeria, tem dois bancos perto dos acessos, e também perto de onde estão situadas as portarias.

Antes de entrar na galeria havia visto uma caçamba de entulho (Figura 75), mas não havia visto nenhuma obra. No meio da galeria ouvi os barulhos e cheiro da obra, porém ainda sem vê-la. Parece que isso também faz parte da paisagem urbana.

Havia pouco movimento na área próxima a galeria Antunes Maciel, quando saí na rua já não ouvia mais o barulho de obra, e tampouco de carros. Quando cheguei na esquina tive que caminhar pela ciclofaixa, em função dos tapumes de uma obra, e desviei de uma ciclista.

Cheguei na galeria Firenze e não havia pessoas nela. Mas consegui enxergar a relação dentro/fora (Figura 76). Enxergava a rua, e logo a frente dela um prédio de estacionamento. Saí da Firenze em direção a Zabaleta e atravessei a faixa de segurança sem problemas pois não haviam carros passando (Figura 77).

Quando entrei na galeria Zabaleta percebi pessoas paradas no meio do corredor, perto das paredes (Figura 78). Não chegava a ser um incômodo no corredor, mas o olhar sempre voltava para enxergá-las.

Os cheiros da galeria Zabaleta me chamam atenção, o incenso no início da galeria, no meio o cheiro de café, ainda que na cafeteria não houvesse ninguém.

Atravesso a faixa de segurança entre a galeria Zabaleta e Malcon com tranquilidade



Figura 77: Faixa de pedestres. Fonte: da autora, 2023. Figura 78: Pessoas no corredor. Fonte: da autora, 2023. Figura 79: Faixa de pedestres. Fonte: da autora, 2023. Figura 80: Vendedora no corredor. Fonta: da autora, 2023.

(Figura 79).

Esse dia o dentro/fora das galerias também se apresentava de outra forma. Além das visuais de dentro das galerias, eu também conseguia sentir a diferença de temperatura. No sol estava uma temperatura agradável, quando entrava nas galerias ficava com frio, essa alternância de temperaturas já me deixava desconfortável.

Na galeria Malcon observo a vendedora de uma loja conversando no corredor (Figura 80). É a mesma loja da segunda caminhografia, a vitrine dessa loja é a própria loja, talvez isso facilite as relações dentro/fora da loja com o corredor, e possibilite que as vendedoras possam ver quem passa no corredor.

O café estava vazio de novo, a galeria de maneira geral tem pouco movimento, em relação a outros dias.

Quando saí no calçadão da rua Andrade Neves tocava uma música gaudéria, era semana farroupilha, e meus olhos encontraram uma criança dançando com um homem. O homem explicava como dançar e a criança seguia seus passos.

Andei no calçadão e tem muita propaganda política. Tem música política, várias banquinhas móveis com adesivos e santinhos de políticos, bandeiras de partido, papelões com desenhos de políticos em tamanho real (Figura 81).

Entrei na galeria Satte Alam, e não tinha ninguém, além do segurança particular que estava sentado em um banco alto. Passei por uma loja cheia de material de obra, e



Figura 81: Propaganda política. Fonte: da autora, 2023. Figura 82: Loja em obra. Fonte: da autora, 2023. Figura 83: Propaganda política no lugar de vendedores. Fonte: da autora, 2023. Figura 84: Vendedor no limite da galeria. Fonta: da autora, 2023.

me chama a atenção como aquela loja destoa das outras vitrines (Figura 82).

Nessa galeria avistei um lugar que vendia picolé, parei para comprar, pois estava com calor.

A esquina da rua XV de Novembro com a Sete de Setembro não tem vendedores ambulantes, mas possui um ponto de propaganda política (Figura 83).

Nada me chamou a atenção na galeria Central, mas quando estava perto do acesso da rua Andrade Neves percebi a relação de um vendedor informal com a galeria. Ele se posiciona, exatamente, em frente, porém de costas, é quase um contraste à galeria (Figura 84).

No supermercado nacional poucas pessoas, e aparentemente, das poucas no lugar a maioria estava de passagem. Passei também pelas paradas de ônibus da rua Marechal Floriano, que tem poucas pessoas (Figura 85). É uma relação diferente com a cidade, não é um dia de tanta pressa.

A rua Deodoro não tinha tanto movimento de carro, melhor para caminhar (Figura 86).

Entrei na galeria do Laranjal e logo avistei duas mulheres sentadas em uma mesa de plástico no meio do corredor da galerias, as duas conversavam e tomavam chimarrão. Pelo fato delas estarem sentadas, não incomodava visualmente.

Eu pensei naquela intervenção, e lembrei que na terceira caminhografia também ha-



Figura 85: Pouco movimento. Fonte: da autora, 2023. Figura 86: Poucos carros. Fonte: da autora, 2023. Figura 87: Sem fila do ônibus. Fonte: da autora, 2023. Figura 88: Ônibus esperando pessoas. Fonte: da autora, 2023.

viam duas mulheres conversando, mais ou menos no mesmo lugar da galeria, apenas em lados diferentes. Me pergunto se eram as mesmas mulheres, ou se aquilo é uma prática comum nessa galeria, o corredor pode ser utilizado de maneiras diferentes.

Não havia fila de espera do ônibus, uma das portas da galeria estava fechada (Figura 87). Ainda era necessário desviar o caminho, mesmo sem a fila tradicional no meio da galeria. Tinha um ônibus estacionado na frente da galeria, que compunha o dentro/fora da galeria, não era possível ver a relação da galeria com a praça que existe na frente.

Percebi que o acesso aos apartamentos se dá por fora da galeria. Todos os dias que passava por ela passava procurando uma portaria, ou seguranças particulares, e não encontrava. Logo, decidi entender a composição da fachada da edificação, para ver a simetria e tentar entender como os apartamentos eram dispostos, e acabei percebendo uma porta de acesso, estreita, ela quase não chama a atenção (Figura 88).

Decidi me sentar no calçadão para escrever alguns pontos principais no caderno de campo, e depois vou pra casa caminhando, para aproveitar o dia de sol.

4.5 Caminhografia da aceleração

A última caminhografia urbana feita foi no dia 8 de novembro de 2022, um dia majoritariamente nublado e de temperatura perto dos 20°. A ideia dessa caminhografia é apreender o movimento de esvaziamento do centro, por isso comecei a caminhografia

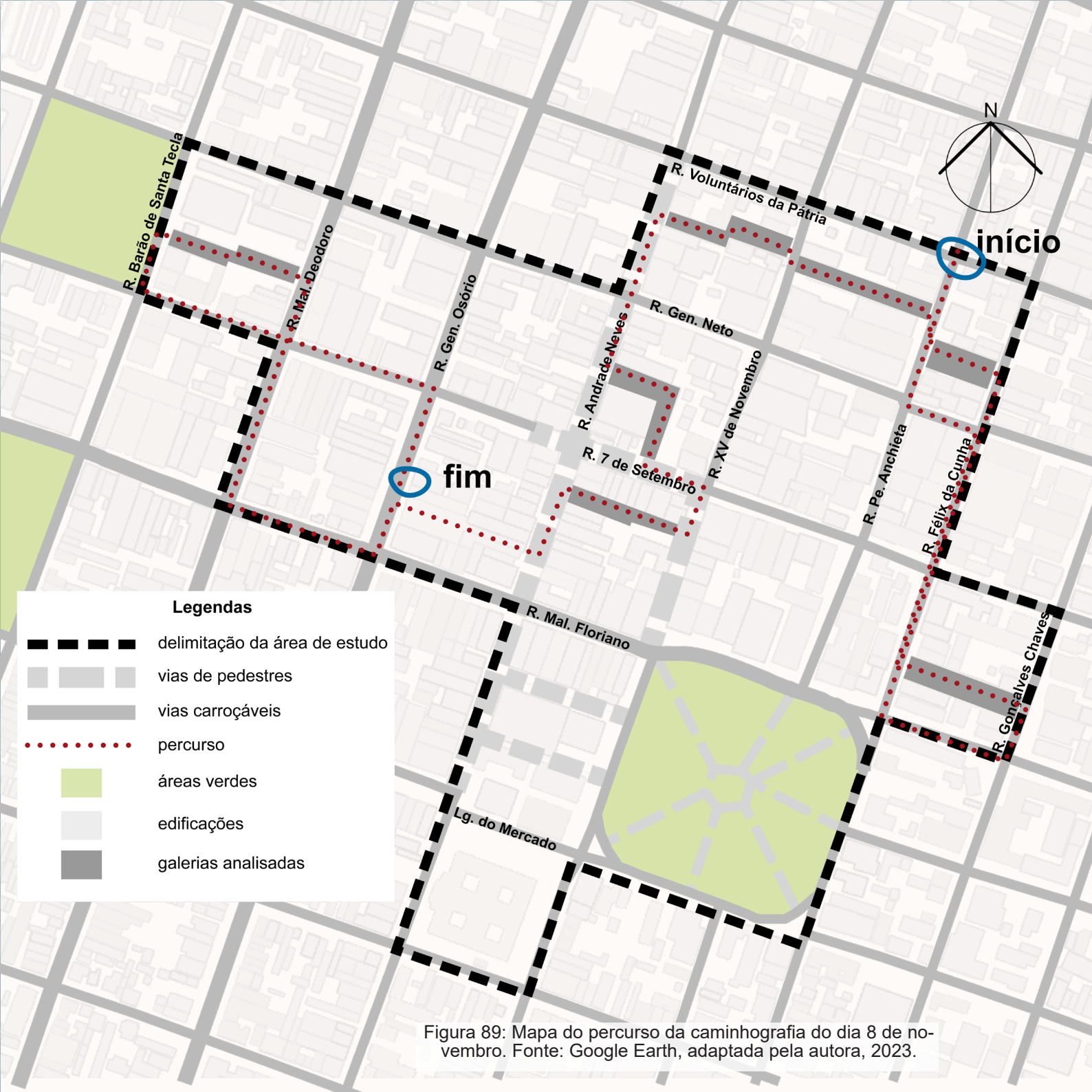


Figura 89: Mapa do percurso da caminhografia do dia 8 de novembro. Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2023.

às 17h30min, na rua Padre Anchieta, também sozinha.

Eu estava na área central antes da caminhografia, me desloquei dentro do centro para chegar até o local de início. Além disso, o horário de final de tarde é sempre cansativo para mim, e nesse dia não foi diferente, estava com o corpo e a mente cansados.

Percebi mais pedestres na rua que nas outras caminhografias (Figura 90), porém, o fluxo das pessoas é mais rápido. Caminhei em direção à primeira galeria, não percebi mudança na ocupação na esquina da rua Padre Anchieta com rua General Neto, ela parece ter se estabilizado desde a terceira caminhografia.

Quando dobrei na rua Félix da Cunha percebi pessoas andando de bicicleta na ciclofaixa, algo, até então, raro nos dias de levantamento. O tapume de uma obra me impediu de caminhar pela calçada e quando atravessei não enxerguei o movimento da ciclofaixa, vinha um homem em minha direção e consegui evitar que ele me atropelasse, pois tive reflexos rápidos.

A rua Félix da Cunha, além das bicicletas, tem fluxo intenso de carros nesse horário, não possui faixa de pedestres perto de onde pretendo atravessar. Também passo por muitos pedestres, que estão rápidos, muitos conectados ao celular.

Cheguei à galeria Antunes Maciel (Figura 91), e percebi que o fluxo estava diferente dos outros dias, o sentido era do centro para o bairro. Outra coisa que também me chamou a atenção foi que uma loja de impressões estava cheia, e o café da esquina da galeria estava vazio. Notei, ao sair na rua, que há bastante movimento e decidi



Figura 90: Conversam. Fonte: da autora, 2023. Figura 91: Galeria Antunes Maciel. Fonte: da autora, 2023. Figura 92: Rua Marechal Floriano. Fonte: da autora, 2023. Figura 93: Homem no corredor. Fonta: da autora, 2023.

mudar o percurso para me direcionar às próximas galerias pela rua.

Passei pela rua Marechal Floriano (Figura 92), e percebi que assim como eu, outras pessoas também tangenciavam a praça e não chegavam a cruzá-la. Mas, ainda assim, é um horário de muito movimento nessa área. Ademais, a praça recebia a feira do livro, e, talvez isso corroborasse com o movimento.

Voltei pela rua Félix da Cunha e fui em direção a Galeria Firenze, e de novo tive que ser rápida para conseguir atravessar, devido ao intenso movimento de carros e bicicletas.

Entrei na galeria e percebi que o fluxo de pedestres também se alterou, tem o mesmo sentido da galeria anterior.

Percebi uma vendedora no corredor conversando com um homem (Figura 93). Supus que apenas a mulher fosse vendedora, pois ela estava para dentro da loja, e o homem para fora.

Fui em direção a próxima galeria, esperei na faixa de segurança para atravessar a rua e os carros não paravam para que eu atravessasse, então tive que esperar até que não passasse carros.

Na Galeria Zabaleta o fluxo com sentido centro/bairro se repetiu. As galerias parecem fazer um grande percurso de saída do centro. Algumas pessoas estavam paradas no meio do corredor da galeria (Figura 94), apenas conversando, criando pontos, mas

que não interferiam no fluxo central, como se alterassem a paisagem monótona, mas não a ponto de se envolver.

O segurança se posicionava próximo de um dos acessos, não ao lado do seu banco. E o porteiro do edifício conversava com duas pessoas.

Quando saí da galeria Zabaleta e me direcionei para a galeria Malcon, passei pela faixa de segurança, e os carros também não paravam para que eu atravessasse.

Quando entrei na galeria Malcon percebi que havia uma espécie de decoração na galeria (Figura 95). Em linha, quatro pedaços quadrados de tecido, presos na altura do teto, em preto e branco. E várias dessas linhas ao longo da galeria, que me causavam uma sensação de movimento. Eu não entendi o motivo da decoração, mas acredito que fosse pelo halloween.

O café no meio da galeria estava vazio, e o fluxo da galeria seguia o mesmo das outras, do centro ao bairro. Em contraponto com todas as outras caminhografias, a galeria fazia sentido na composição da cidade e as pessoas davam as costas para o calçadão.

Ainda dentro da galeria Malcon encontrei um vendedor de algodão doce (Figura 96). Ele parecia fazer o caminho da galeria como atalho dentro da cidade, pois não fazia uso de apito ou barulhos para chamar a atenção de possíveis clientes.

Quando saí no calçadão o movimento era intenso (Figura 97). Na esquina da rua



Figura 94: Pessoas paradas. Fonte: da autora, 2023. Figura 95: Intervenção. Fonte: da autora, 2023. Figura 96: Vendedor de algodão doce. Fonte: da autora, 2023. Figura 97: Calçada cheio. Fonte: da autora, 2023.

Andrade Neves com a rua Voluntários da Pátria havia muito lixo, e quase engolia o bicicletário que estava ao lado (Figura 98).

Percebi muitos adolescentes, provavelmente, saindo da aula, pois estavam todos com uniforme.

Entrei na galeria Satta Alam, e três adolescentes entraram atrás de mim. Eu não conseguia me concentrar em outra coisa que não fosse a conversa deles, eles falavam alto e falavam sobre tantas coisas que eu não conseguia acompanhar.

No meio da galeria havia um homem, com algumas sacolas, que está saindo de uma loja (Figura 99). Ele me chama a atenção pois estava parado no meio do fluxo, e destoava da monotonia da galeria, com suas sacolas de cores vibrantes.

Saí da galeria e mais uma vez encontrei filas que saem de lotéricas (Figura 100), no calçadão da rua Sete de Setembro. As mesas dos restaurantes, em sua maioria, estavam vazias, assim como os bancos no centro do calçadão (Figura 101).

Em contraposição a esquina do café aquarius estava com mais movimento (Figura 102). E nessa mesma esquina, em diagonal com o café aquarius tem um vendedor informal vendendo rapadura, com um guarda sol para se proteger (Figura 103).

Entrei na Galeria Central, e tem mais algumas lojas fechadas.

Quando cheguei de novo no calçadão notei que o movimento é retomado (Figura



Figura 98: Lixo. Fonte: da autora, 2023. Figura 99: Homem parado no corredor. Fonte: da autora, 2023. Figura 100: Filas. Fonte: da autora, 2023. Figura 101: Bancos vazios. Fonta: da autora, 2023.

104), e é, realmente, de esvaziamento, o movimento se dá em direção às paradas de ônibus.

Passei por dentro do Supermercado Nacional e o fluxo é de passagem por dentro do supermercado. Muitas pessoas caminham rápido e em direção às saídas, sem compras. Eu percebi meu passo acelerado em sintonia com as pessoas, desacelerei, é difícil, pois o fluxo é muito intenso, quando eu comecei a pensar para desacelerar eu perdi a atenção no meu entorno.

Passei pela parada de ônibus da rua Floriano, e havia muito movimento. Tentei parar e tirar fotos e as pessoas esbarravam em mim tanto que eu não consegui ficar parada, eu desisti da foto e segui.

Dobrei na rua Marechal Deodoro e havia muitas pessoas a pé.

Cheguei à galeria do Laranjal, e poucas coisas me chamaram a atenção. Mas, a fila do ônibus dentro da galeria estava maior que normalmente.

Quando me aproximei da fila percebi que tinha um cachorro de rua deitado em frente a porta de um restaurante (Figura 105).

Como havia movimento decidi voltar pela rua Sete de Setembro e passo pela saída de um colégio onde havia movimento de saída de crianças.

Fui em direção à parada do ônibus para voltar para casa, e a parada estava lotada. O

ônibus não demorou a chegar.

Essa caminhografia foi a mais rápida, durou cerca de 1h30min, e foi a caminhografia que eu mais senti a rapidez do movimento dentro e fora das galerias, não como um contraponto, mas como complemento.



Figura 102: Pessoas estáticas. Fonte: da autora, 2023. Figura 103: Vendedora informal. Fonte: da autora, 2023. Figura 104: Calçada. Fonte: da autora, 2023. Figura 105: Cachorro deitado. Fonte: da autora, 2023.

5. CONEXÕES

Com as cinco caminhografias foi possível pensar em diferenças e repetições dentro e fora das galerias de Pelotas, em três eixos principais: a transgressão dos lugares dóceis; as infraestruturas e suas relações e o corpo na cidade.

5.1 Confluência de lugares e atividades

As galerias de Pelotas já não são mais aquelas arcadas do início do século XIX que descreve Benjamin (2009), mas em sua essência ainda guardam vários elementos importantes que se relacionam com a rua. São lugares públicos, de interação social e que ainda expõem as pessoas a uma infinidade de estímulos comerciais.

Ao longo das caminhografias podemos perceber que muitas pessoas utilizam as galerias apenas como abrigo, ou como atalho dentro da malha urbana, mas também percebemos que muitos indivíduos faziam desses movimentos paradas para olhar vitrines, e também faziam das galerias lugares de encontro, lugares onde se pode socializar.

A vantagem da galeria para o pedestre é o fato de ser um lugar de exclusividade deles. Como não há carros, os indivíduos podem caminhar livremente de modo a parar, e transitar sem medo, Vargas (2018) explica que esse é um dos pontos para se criar as galerias no início do século XIX, pois os carros tomaram conta das ruas e os pedestres tinham dificuldade de transitar pela rua.

Em Pelotas, descobrimos uma relação forte entre as galerias, as pessoas e o trânsito de carros. Isso quer dizer, as galerias que são cercadas por ruas com intenso movimento de carros, ou que a via tem uma alta velocidade permitida, são as galerias com menor fluxo de indivíduos, como é o caso da galeria Antunes Maciel, Firenze e do Laranjal. Porém, nem todas as galerias que têm ligação com ruas de pedestres tem um intenso movimento, como é o caso da galeria Sante Alam que foi uma das que notamos o menor movimento. Em comparação às outras galerias que tem acesso as ruas de pedestres que possuem alto fluxo de sujeitos caminhando.

Ademais, as galerias como parte da composição do tecido urbano criam fluxos que percebemos serem distintos em diferentes horas do dia. Como por exemplo, na quinta caminhografia quando falamos sobre o movimento de esvaziamento do centro, onde o ponto central de distribuição desse fluxo parece ser o calçadão da Andrade Neves, que distribui as pessoas desde a galeria Malcon, passando pelas galerias Zabaleta, Firenze e Antunes Maciel.

Também entendemos que nas outras caminhografias o movimento é contrário, quando caminhamos no sentido bairro/centro sentimos parte pertencente do grande fluxo de pedestres dentro das galerias. Quando fazemos o movimento centro/bairro nos sentimos estranhos, e fazendo o movimento contrário a tendência era nos sentirmos observados e estranhos àquele fluxo.

Por isso, quando Perez (2009) aponta como um de seus resultados sendo as galerias como ponto de referência podemos associar a esse fator, as galerias são utilizadas como pontos que ligam caminhos, ligam o bairro e o centro, ligam as pessoas a luga-

res com mais pedestres, e parece que criam uma barreira contra os carros.

Também na pesquisa de Perez (2009) as pessoas apontam para a necessidade de uma diversificação das galerias. Em alguma medida, a formalidade da galeria está se rompendo em prol disso, diversos cenários nos apontaram para as galerias dando suporte a alguns elementos da rua, principalmente na terceira caminhografia, que chovia. O homem que cantava e usava a galeria de palco, as duas mulheres que usavam o corredor da galeria do Laranjal para conversar, mas também em outras caminhografias, como a criança que brincava com o piso, o homem com caixas de papelão, entre outros.

Essa não é uma resposta, mas as galerias estão se tornando parte da rua de alguma forma, elas já não são fronteira absoluta entre público e privado. Elas conseguem criar nichos, bolhas de atividades que integram o dentro e o fora, isso é o início de um processo de que talvez seja longo, ou que talvez nem se solidifique. Entretanto, de alguma forma as galerias estão se transformando, e é importante atentar para essa integração entre o público e o privado, pois esse espaço está se desfazendo e criando novas outras zonas dentro da própria galeria.

Por isso, o conceito do lugar coletivo, de Solà-Morales (2008), afinal as galerias não estão isoladas. E seria pouco provável conseguir estudá-las e analisá-las sem entender o entorno, sem fazer conexões delas com o que está próximo. As galerias são sim lugares de consumo, e também são lugares que fomentam a passagem de pedestres, mas as caminhografias apontaram que elas podem ser algo mais, elas podem ter lugares de coletivização, de lazer, dentre outros usos.

A coletivização se dá no âmbito do anonimato, e nas galerias percebemos que existem diversas situações em que as pessoas usam-nas com esse intuito. Como por exemplo, na quinta caminhografia, o vendedor de algodão doce passa por dentro da galeria Malcon, ele é só mais uma pessoa na multidão, ou quando o cantor adentra a galeria cantando, não sabemos quem são eles, e ninguém pede para que eles se identifiquem ao adentrar as galerias.

Durante as caminhografias notamos que as galerias não são utilizadas apenas para atividades em movimento, mas também são utilizadas como atividades estacionárias. Para Gehl (2015), a confluência dessas duas atividades corrobora com a qualidade urbana, entretanto as atividades estacionárias são ponto chave para a vitalidade da cidade. E podemos associar a isso, o fato de que as galerias são utilizadas de maneira não formal, na maioria das vezes, como atividade estacionária. Ou seja, as galerias, em sua grande maioria, não possuem lugares próprios para se demorar, entretanto os sujeitos param.

Já citamos diversas vezes as atividades estacionárias nas galerias, e elas não são poucas, e também não são raras as vezes que desenhamos sobre isso. Até mesmo na quinta caminhografia, que foi a que identificamos o trânsito de pedestres mais rápido, as pessoas paravam, criavam pontos de interrupção da paisagem e do fluxo, não só nas galerias como também na rua. Por isso, faltam lugares qualificados nas galerias para esse tipo de atividade, é evidente que existe o momento de parar, e ele pode ser qualificado.

5.2 Entre transgressão e os corpos dóceis

A experiência de caminhografar em diversos dias e de diferentes maneiras, possibilitou que capturássemos distintas formas de transgressão dos lugares dóceis. Ao princípio, pensávamos que as galerias eram esse lugar de controle absoluto, e a caminhografia possibilitou que pudéssemos ver como se dão as relações de poder entre galeria e rua, qual era o limite entre um lugar e outro, e explicitar que esse limite está sempre em voga, ele não é absoluto.

A experiência entre galeria e rua é uma provocação, uma auto provocação, para entender suas diferenças, a fim de perceber quais suas diferenças e repetições como forma de entender a complexidade de uso de lugares coletivos, públicos e privados. E captar a diversidade de acontecimentos dentro dessa trama, que hora é rua, hora é galeria, hora é abrigo, hora é abandono, hora é infraestrutura, é uma união de diversas forças dentro de uma malha urbana consolidada.

Não é algo linear, em que a rua e as galerias estão em oposição. Não é como se a galeria fosse o mais vigiado e controlado e a rua o menos. Percebemos que ao longo das caminhadas os lugares de controle e transgressão se alteram, na primeira caminhografia o carro da guarda-civil adentrava a Praça Coronel Pedro Osório, depois falei sobre o mesmo carro estar estacionado na rua Sete de Setembro esquina XV de Novembro, rua para pedestres. Foucault (1987) fala sobre a forma como a hierarquia disciplina corpos, nesse caso, a guarda-civil aparece como forma de manter a ordem no local.

São lugares conflituosos, diversos tipos diferentes de pessoas usam a praça, a mulher que estava alterada é uma forma de transgredir o urbano, ela mexe com as estruturas sociais aceitas, e a guarda-civil usa de seu poder para manter a ordem e a disciplina. Quando o carro está estacionado também, eles estão ali como proteção ao banco que existe perto? Proteção dos idosos que ficam no café da esquina? O conflito se dá, justamente, numa esquina onde diversos vendedores informais estão situados, existe uma ruptura de fronteiras nesses lugares, entre os vendedores informais e a estrutura formal e disciplinar da guarda-civil.

Existe, também, a questão dos seguranças particulares ou porteiros em quase todas as galerias, com exceção da galeria do laranjal, além das câmeras de segurança. Os seguranças particulares e as câmeras, também estão presentes na rua, e ainda assim, os lugares que chamaram mais a atenção como forma de controle foram nas galerias. A ideia de panóptico de Foucault (1987) perpassa pelas galerias, já que a ideia principal do panóptico é de que o prisioneiro se sinta vigiado o tempo inteiro, podemos sentir essa ideia presente já que não sabemos efetivamente quando estamos sendo vigiados, e isso faz com que o sistema, como um todo, esteja altamente regrado.

Cada vez mais se adicionam elementos como esses às galerias. Existe uma variação entre as galerias analisadas, por exemplo, a galeria do Laranjal é a que menos passa a ideia de vigilância, o acesso à edificação residencial se dá por fora da galeria, e, talvez, por isso essa galeria não possui porteiro, segurança ou câmeras de vigilância. Essa galeria possui uma casa de jogos clandestina, o que me deixou pensando se por esse motivo não possuía nenhum artefato de segurança privada.

Já a galeria Malcon usa de muitos artefatos de segurança para a domesticação das pessoas que a adentram. Possui seguranças particulares, porteiro, câmeras de vigilância e, ainda, uma porta automática, tudo para manter o ambiente controlado e vigiado. É uma forma de uniformização, e, ainda assim, essa galeria foi a que eu vi mais acontecimentos diferentes, como crianças brincando, um homem pegando materiais de reciclagem, um vendedor de algodão doce, ou seja, segundo Fuão (2019), podemos entendê-la como clareira, o tipo de lugar onde as pessoas não se sentem contidas, uma clareira e um cercamento ao mesmo tempo. Assim como grande parte dos lugares que passamos durante as caminhografias

Ao longo das caminhadas percebemos que a paisagem vai se alterando conforme o dia, as condições climáticas e outros fatores. Mais além disso, a paisagem vai se modificando e ganhando novas funções e significados que fazem pensar sobre como o controle não é absoluto, e quando se faz necessário esse controle é esquecido. Entretanto, ele pode ser restabelecido a qualquer momento, como é o caso da primeira caminhografia, onde falamos sobre a experiência com uma mulher que está alterada.

A mulher não estava em uma condição socialmente aceita, ela rompia o limite do corpo dócil, ela conversava com outras pessoas ainda que essas não quisessem, ela busca romper as hierarquias e conversava com todo tipo de pessoa. Ela claramente foge da lógica contida, e domesticada, até que a guarda-civil adentrou a praça e faz com que ela fosse domesticada por uma fração de tempo, logo que o carro deixa a praça ela volta a conversar, se expande, até que de novo é domesticada por uma outra mulher que a interrompe. Ela tenta incansáveis vezes romper o urbano e as subjetividades, e

todo tempo o sistema volta a domesticá-la.

Os vendedores informais também vivem nessa fronteira do que rompe o limite e cria novas funções e significados. Ainda que a rua seja pública, existem regras sociais a serem seguidas e eu notamos incontáveis vezes que eles extrapolam a formalidade além do óbvio, que está no âmbito da lei e não vamos abordar, mas para questões urbanas, esses vendedores se utilizam de lugares urbanos que por vezes não são os mais atrativos. Como vendedores que utilizam bancos públicos, a vendedora de salgados que utiliza a rampa e a marquise da galeria, o vendedor de algodão doce que passa pela galeria.

Essa ideia dos vendedores informais que utilizam de estruturas formais bem consolidadas, e agregam algo novo a ela, mostrando que as estruturas nunca estão totalmente acabadas, ideia de Deleuze e Guattari (1995). Um banco, lugar inicialmente feito para pessoas sentarem, se transforma em um expositor, uma rampa e uma marquise, que são lugares de acesso, se tornam uma loja improvisada de uma mulher que buscava sair da chuva, o vendedor de algodão doce que usava o corredor da galeria como exposição do seu produto.

Não são grandes revoluções, são pequenas e novas funções que o urbanismo precisa abarcar. Se os lugares hegemônicos estão sendo transgredidos a todo tempo, então cabe a nós, arquitetos e urbanistas, entender que projetos precisam ser adaptáveis às novas formas de habitar os lugares. A quebra dessas estruturas pré-fixadas se dá de outras formas também.

As caminhografias apontaram várias crianças brincando com a cidade, como a que usava a galeria e brincava com seu tênis de luz pisca-pisca, a que brincava com o piso da galeria e a que dançava música gaúcha. O urbano abarca a livre expressão das crianças, e pode não ser o melhor ambiente para que elas brinquem, mas a todo tempo elas buscam transgredir o lugar e transformam tudo em jogo.

Ainda como forma de compreender estruturas formais, e como elas, buscar novas discussões para a cidade. A ocupação de pessoas em situação de rua é um dos fortes exemplos que constituem o novo, e ela é tão potente, ela foi feita debaixo de uma marquise, que está apoiada em um edifício abandonado. As pessoas dessa ocupação poderiam ter invadido o prédio e dormido dentro dele, mas não foi o que aconteceu, a ocupação se deu em anexo ao prédio, e nas três primeiras caminhografias o local estava completamente modificado, na primeira caminhamos pelo local da ocupação, não havia nada, e aumentou a ponto de ocupar todo comprimento da marquise. Ou seja, diversas forças se associaram para que aquele lugar pudesse ser modificado, ainda, estava em constante modificação, assim se uniram como as vidas que ocuparam aquele lugar.

Os lugares precisam se modificar e se adaptar ao longo do tempo, de maneira a se adequar com a modificação da sociedade. Os arquitetos e urbanistas têm grande carga sobre esse feito, como aponta Guatelli (2012) precisamos prever as novas possibilidades, e transformações dos programas projetuais. Não é o caso de prever quais vão ser elas, porém prever que a sociedade vai se modificar e que novas conexões vão existir. Para isso, o que não está definido de fato se torna um entre-lugar, porque a partir dele podemos dar novos usos, e são lugares de fácil transformações instan-

tâneas.

As galerias têm um forte poder de transformação. A primeira a ser construída na cidade de Pelotas, foi no ano de 1968, e mesmo depois de todo esse tempo elas continuam sendo utilizadas com êxito. Entretanto, alguns pontos são importantes de serem elencados nesta seção, como por exemplo, muitas pessoas usam as galerias com seu uso original, o lugar de passagem, e ainda assim, existem tantos outros usos que as pessoas associam a ela.

Diversas vezes nos deparamos com pessoas criando espécies de bolhas no meio das diversas galerias. São cafés, filas, pessoas usando as galerias de maneira diferente que geram novos usos para os lugares, essencialmente, de fluxo e se esses lugares, hoje em dia já não são apenas fluxo de pedestres, como explorá-los melhor para que eles possam alavancar uma vida urbana mais adaptada à realidade vivida nessa localidade.

A interioridade das galerias é importante na discussão dos entre-lugares de Guatelli (2012) já que elas criam uma certa autonomia e independência em relação a outros tipos de comércio. Por exemplo, quando as pessoas param no café da galeria Zabaleta, elas não necessariamente ficam dentro do estabelecimento, na maioria das caminhografias elas se posicionam no corredor, mas ainda estão em um lugar coberto e protegido. Sobretudo, as galerias são lugares que propiciam o uso de seus corredores, pois as lojas possuem pequenas dimensões, que quando possível fazem uso combinado das lojas e corredores.

Além disso, não só os pedestres que passam pelo corredor da galeria buscam essa relação interior-exterior que é proporcionada, os vendedores e donos também buscam. Na segunda caminhografia escrevemos sobre como as vitrines na galeria do Laranjal, são quase inexistentes, os vendedores estavam parados nas portas das lojas e conversavam com as pessoas que passavam por ali, a própria loja era o dentro-fora, o exterior e interior se misturavam numa tentativa de rompimento da barreira física.

A discussão gira em torno de que as galerias já não tem mais o mesmo uso que teve um dia na cidade de Pelotas, elas precisam se readequar e se reimaginar. São lugares, ainda, com fluxo de pedestres mas lugares que estão cada vez mais em desuso, a experiência de estar dentro desses lugares caminhando e utilizando o espaço mostra que até mesmo quando caminhamos e tentamos compreender o território buscamos maneiras de parar e transgredir o lugar da passagem, de controle.

5.3 A cidade além da visão

Com as transcrições das caminhografias percebemos que ao longo do percurso escrevíamos apenas sobre fatores de arquitetura e urbanismo, construídos de fato. A paisagem ia se constituindo de diversas formas diferentes quando o corpo se colocava à prova no urbano, a mudança não se dava apenas pelo que víamos, como também pelos outros sentidos que os corpos se deixavam provar.

A cidade vivida na caminhografia é Pelotas, e com ela aparecem algumas peculiarida-

des climáticas, regionais e culturais. Mas, para além disso, outros fatores importantes que se relacionam com os sentidos do corpo humano, e também da mulher que caminha, principalmente sozinha, pela cidade contemporânea.

Ao longo das caminhogafias o nosso corpo é atravessado por diversas forças que passam a constituir uma paisagem daquele lugar. São sons, cheiros, tatos, memórias e outras pessoas que modificam a cidade para que as pessoas possam ou não habitar aquele lugar de determinada forma. Com isso, é importante ressaltar algumas discussões.

A primeira delas é como o clima interfere na paisagem urbana, não só pela iluminação, pela chuva, pelo sol, pelo vento ou falta dele. As pessoas se comportam de diversas maneiras, e ocupam diferentes espaços conforme o clima se modifica, esse é um ponto relevante na cidade, visto que no último relatório de Normais Climatológicas de 1971-2000, a EMBRAPA aponta que Pelotas tem 124,1 dias de precipitação ao ano, a temperatura média das mínimas na cidade são de 13,8°C, podendo chegar, nos meses de junho e julho a 8,6°C, já as máximas são de 22,9°C, podendo chegar a 28°C no mês de janeiro. Ou seja, uma variação climática considerável para a cidade, e as pessoas acabam se adaptando a isso conforme vai se fazendo necessário.

Durante as caminhogafias percebemos diferentes modos de habitar os lugares, buscamos dias de condições climáticas diferentes, de sol e chuva, com vento e sem, para poder entender como são os comportamentos. Os dois dias mais surpreendentes foram a segunda e a terceira caminhografia. A segunda foi um dia de sol e frio na cidade “o primeiro dia seco e de sol depois de duas semanas úmidas e chuvosas”, trecho que

retiramos da caminhografia dos encontros. As pessoas se repeliam das galerias, se organizavam no sol, fugiam da sombra. Muitas pessoas na rua utilizavam a infraestrutura urbana de diferentes maneiras, as pessoas caminhavam lentas na rua, usavam bancos, conversavam, vendedores informais usavam bancos como expositores, idosos usavam o lugar público etc.

Já na terceira caminhografia, em um dia de chuva intensa, ainda que tenham pessoas na rua, elas caminham diferente. Elas buscam marquises para se proteger, escolhem lugares que não tenham poças de água no chão, para que os carros não passem por cima delas e acabem por molhar os pedestres. A cidade é mais difícil de ser caminhada, o guarda-chuva é um empecilho para caminhar por lugares estreitos, como casas antigas sem recuo frontal em calçadas estreitas e com postes. Além disso, as pessoas ocupam as galerias de forma mais intensa, muitas delas param e olham as vitrines, param em cafés, elas não caminham de forma tão apressada dentro das galerias, já na rua elas caminham rápido procurando abrigo da chuva. Até mesmo uma vendedora informal usava a marquise da galeria como abrigo para as suas vendas, e ela parecia adaptada ao lugar, ainda que fosse uma estrutura rígida na cidade.

Há diferenças importantes para pensar a cidade em diferentes tempos climáticos. Ademais, as pessoas ocupam locais de uma maneira específica em diferentes climas e isso deveria ser levado em consideração na hora de se pensar o planejamento urbano. Como lugares coletivos cobertos são importantes em dias de chuva, para que as pessoas tenham convívio social e acentuam o sentido de pertencimento, nesse ponto a galeria corrobora de alguma forma, entretanto isso poderia ser intensificado. Já nos dias de sol e temperaturas amenas as pessoas ocupam a rua, procuram o sol.

Entretanto, ainda carecemos da relação dos lugares cobertos e protegidos, e das ruas abertas e que chamam as pessoas a permanecer. As galerias cumprem a função de rua coberta, porém, não são de permanência qualificada.

Além disso, as condições climáticas também podem favorecer a percepção das galerias, isso quer dizer, que se está um clima ameno, quando entramos ou saímos das galerias percebemos isso no corpo. Como na caminhografia da irregularidade, que escrevo “[...] quando entrava nas galerias ficava com frio, essa alternância me deixava desconfortável.”, ou seja, essa barreira é difícil de ser rompida, e o corpo sente a diferença do sol para a sombra que existe nas galerias, são nuances que só é possível perceber a partir da diferença que existem entre esses lugares.

Pallasmaa (2012) quando escreve que os outros sentidos foram esquecidos em detrimento da visão, e fala sobre como a arquitetura e a cidade são afetadas pela construção de seus lugares. A união entre galeria e rua causa variação térmica, podendo moderar ou intensificar o movimento de pedestres em um lugar ou outro. O que sim precisa ser evidenciado é que as galerias e a rua são utilizadas de maneira distinta, mas poderiam estar muito mais conectadas, para além da sua ligação física, como também ligações de sentido, de uso e até de imagem.

As galerias estão dotadas de visuais ao longo das transcrições, escrevemos sobre pontos de fuga, sobre barreiras visuais e outras tantas coisas. Porém, o que sempre grita são coisas que os outros sentidos podem proporcionar, Pallasmaa (2012) explica que a arquitetura deve ser pensada para o corpo inteiro. A relação galeria e rua está coberta de diferentes ativações de outros sentidos, além da visão, entretanto eles

não são o ponto focal em questões projetuais. Muitas vezes não são propositais, ou não são elementos fixos. A questão é como ativar esses elementos potentes para a cidade. Por exemplo, os cheiros de incenso e de café na galeria Zabaleta, que tomam conta do ambiente, não são propositais e ainda assim fazem parte da paisagem. Eles criaram uma paisagem no nosso inconsciente, quando o cheiro do café aparecia, buscávamos por pessoas paradas perto do corredor da galeria.

Ou quando, na caminhografia da irregularidade, falamos como o cheiro e o barulho de obra, em um sábado pela manhã, modificam a paisagem monótona do centro. A paisagem, claramente não é constituída apenas pela visão, muitos outros fatores atravessam o corpo para formar uma paisagem, e ainda assim a visão prevalece como forma de uniformização dos lugares. Quando Pallasmaa (2012) fala sobre a temporalização do espaço e a espacialização do tempo, ele diz que cada vez mais os espaços e os tempos se tornam mais rápidos e o sentido que melhor assimila isso é a visão.

Os outros sentidos se demoram, e não causam tão rapidamente essa união entre tempo e espaço. É necessário fazer a dissociação desses elementos, podendo qualificá-los como espaços de permanência, pois os sons, cheiros, texturas, entre outros elementos, possibilitam que as pessoas se detenham nos lugares, e sintam de fato o que acontece.

Como na terceira caminhografia, o homem que cantava, aquele acontecimento fez com que o pensamento fugisse, quando transcriamos, não percebemos mais coisas ao redor. Foi um dos poucos momentos em que associamos apenas um fato que estava ocorrendo. Ele detinha toda a atenção de forma tão intensa que não podemos nem

perceber o cheiro de incenso da galeria. Ou seja, um elemento pode se sobrepor ao outro em questão de cidade, nada é absoluto, e tudo pode se dissolver na paisagem, como o cheiro de incenso quando a mente está condicionada a prestar atenção em outro elemento que surge na paisagem e não estávamos esperando.

As galerias se relacionam de maneiras diferentes com a paisagem e os sentidos. A iluminação é um fator importante para compreender as sensações que somos capazes de criar (Pallasmaa, 2012), na primeira transcrição fazemos um apanhado geral de como são as iluminações, revestimentos e acabamentos das galerias, com exceção da galeria Antunes Maciel e Laranjal, que fazemos na segunda. Parece existir uma relação de aspecto higienista e conectividade da malha urbana. Isto significa dizer que quanto maior a relação de conexões com importantes pontos do centro de Pelotas, maior é seu aspecto higienista — luzes mais brancas, revestimentos claros, menor quantidade de objetos desorganizados.

Mas percebemos que quanto mais perto da zona periférica do centro, menores eram os cuidados para a visão higienista. Surgia a oportunidade de diferentes possibilidades de relação das pessoas com o lugar, como a galeria Antunes Maciel, que possuía bancos no meio do corredor, a iluminação não era tão branca, as vitrines não eram tão organizadas, os revestimentos não eram brancos ou muito polidos, vários itens faziam com que a paisagem fosse se constituindo de maneira inusitada e diferente.

Assim como a galeria do Laranjal, com pouca iluminação, também não tão branca, revestimentos escuros, rugosos que causam a sensação de abandono da galeria. Entretanto, nela encontrei diversas possibilidades de disposição ao longo do corre-

dor. Duas mulheres paradas conversando no meio do corredor, um cachorro de rua dormindo ao lado da porta de um restaurante, uma mesa de plástico com pessoas sentadas ao redor, a fila do ônibus, e ainda assim nenhuma dessas atividades impossibilitou que as pessoas caminhassem pela galeria, e mesmo com o aspecto de abandono, ela é a única que cria diversas possibilidades inusitadas de estar naquele lugar de passagem. Já que na maioria das galerias as pessoas apenas param para olhar vitrines.

Talvez essas inter-relações inusitadas sejam ferramenta potente para pensar a construção como objeto imaterial, como escrevem Norberg-Schulz (1980) e Pallasmaa (2012), pensar nesses objetos arquitetônicos como ponto condutor de quais dinâmicas podem ser fortalecidas na cidade. Para começar a pensar a cidade para que as pessoas possam melhor conviver, e possam melhor se relacionar nos lugares.

Além disso, um ponto importante a se pensar, é como a maioria das galerias, ainda que tendo espaço para isso, não fazem uso da arquitetura como obra de arte na cidade. Segundo Pallasmaa (2013), isso acontece quando há articulação entre artista, observador, ouvinte ou usuário da arte, também articula os limites da obra, ademais, para Norberg-Schulz (1980) o projeto de arquitetura deve buscar um diálogo entre forma e contexto. As galerias têm enorme potencial de associar o interno e externo, mas elas parecem uma fragmentação da cidade, elas não se unem em questão de paisagem, em sua maioria, e tampouco buscam características locais para sua inserção na malha urbana.

Para além disso, a cidade é cheia de entraves para diversas pessoas. Sabemos que

mulheres podem passar situações desconfortáveis em relação a homens quando caminham na rua. Não esperávamos que durante as saídas de campo íamos nos deparar com isso, pois a pesquisa se deu em uma área central e com bastante vigilância, seja ela no sentido de controle, seja ela no sentido de haver muito movimento de pessoas na rua.

Ainda assim, a mulher passa por momentos de constante cuidado para não chamar a atenção e não passar por situações de abuso (Kern, 2021), o corpo de mulher caminhante e pesquisadora é testado duas vezes ao longo das caminhografias. Na caminhografia dos encontros: “Logo que dobro, percebi um homem me olhando, ele andava logo na minha frente.”¹⁵, um homem me cuidava, ele estava na minha frente, e apenas percebi o comportamento estranho dele pois, na rua não havia movimento de outros pedestres. Eu me abriguei em um floricultura até que me sentisse segura para voltar a rua, lugares públicos carecem de abrigos para mulher na maioria das vezes, então eu entrei nesse lugar e fingi ser uma cliente para que alguém me atendesse e eu pudesse ficar um tempo maior na loja.

Na terceira caminhografia aconteceu de um carro estar estacionado no meio de uma via, onde não pode estacionar, aquilo remeteu, imediatamente, aquele homem da segunda caminhografia, a possibilidade dos nossos corpos serem violados é constante, e com isso, nós temos que tentar nos defender de qualquer ameaça. Como Kern (2021) escreve sobre os mapas mentais que criamos de lugares ou situações que devemos evitar, se intensificam quando somos expostas a situações de medo. Também

15 A partir dessa parte do parágrafo mudamos a pessoa que escreve para primeira pessoa do singular, pois foi uma situação específica, e, por isso, acreditamos que não era possível escrever em primeira pessoa do plural.

na terceira caminhografia eu evito¹⁶ passar pelo mesmo lugar onde o homem havia ficado me cuidando, com medo do que aquele lugar poderia me gerar, eu passei por outra rua.

5.4 Mapas caminhográficos

A caminhografia urbana se propõe a estar de corpo aberto na cidade para entender as complexidades e não-linearidades que nela consistem. Por isso, a metodologia usa como base a cartografia e o rizoma de Deleuze e Guattari (1995) e a caminhada de Careri (2013;2017) para poder entender a diversidade de acontecimentos que se dão vivendo o cotidiano da cidade de fato.

Ao acompanhar os processos de cidade com base nisso podemos criar uma compreensão mais ampla e plural da cidade, abrindo espaço para perspectivas diversas e para a co-criação do espaço urbano. Isso implica em valorizar as vozes e experiências dos habitantes, estimular a participação cidadã e promover a colaboração entre diferentes atores envolvidos na produção da cidade.

Nessa dissertação abordamos o centro a partir de um olhar particular de pesquisadora somado ao olhar do grupo de pesquisa cidade+contemporaneidade, que também se soma a outros autores. Ademais dos outros temas já escritos, fica uma lacuna em aberto, que é como o corpo se comportou perante as caminhadas, para além da experiência, com o intuito de viver a cidade com a atenção plena, com o corpo aberto para receber o que fosse e para tentar entender como elementos se conectam de maneira

¹⁶ Voltamos a escrever em primeira pessoa do singular, utilizando a mesma estratégia do parágrafo acima.

não esperada.

Por exemplo, na primeira transcrição escrevemos sobre como o grupo está impaciente, diferente do que aponta Bondía (2002) sobre a experimentação atenta da cidade. O grupo para no final da galeria Malcon para conversar, não era por nenhum motivo específico da caminhografia, eram conversas cotidianas e que acontecem no nosso dia-a-dia. Entretanto, a atenção se esvai e percebemos que depois disso a caminhada fica mais rápida, ao ponto de quando passamos na galeria Central não conseguimos perceber muitas coisas.

A caminhada em grupo foi a que trouxe a maior sensação de segurança, foi o dia em que fizemos mais registros fotográficos, nas outras caminhadas muitas vezes eu¹⁷ não tinha coragem de parar e tirar fotos, inclusive por isso, muitas das imagens capturadas nas outras caminhografias ficaram fora de foco e acabamos descartando elas ao longo do processo de escrita da dissertação.

Também, no dia em que o homem ficou me cuidando, talvez, se eu estivesse em grupo, o medo não teria tomado conta de mim. Depois desse acontecimento eu me desconcentrei e poucas coisas me fizeram pensar, eu ficava pensando no que aquele homem queria, porque estava me cuidando e se ele poderia me encontrar de novo na cidade.

Dito isso, passamos a uma questão cara para nós, que é algo que chamamos de im-

17 Voltamos a escrever em primeira pessoa do singular, utilizando a mesma estratégia da seção anterior. E no parágrafo seguinte fazemos uso da mesma estratégia, de maneira a diferenciar as pessoas que estavam caminhando.

previsibilidade, algo que Latour (2007) escreve sobre como o pesquisador se deixa afetar pelo campo, e como o campo faz o pesquisador aprender, refletir e discutir sobre isso. A imprevisibilidade está de maneira própria na cidade, não aconteceu, durante as caminhografias, apenas uma vez, teve o piso escorregadio na galeria Firenze, a mulher vendendo salgados na galeria Central, o cantor na galeria Zabaleta.

E todos esses eventos imprevisíveis da cidade vivida de dentro seriam improváveis de serem pensados sem caminhar pela cidade, sem aceitar que a cidade é mutável e sem aceitar que diferentes tipos de vida e de corpos habitam esses lugares. E com todas essas ações inseparáveis, é improvável recordar todos acontecimentos que se passam dentro da pesquisa, por isso o registro é tão importante.

O caderno de campo foi utilizado, principalmente, de modo registrar todo e qualquer acontecimento. Escrevemos, desenhamos e riscamos mapas no intuito de compreender coisas que não eram possíveis de serem compreendidas apenas observando pela fragmentação do pensamento, Jacques e Pereira (2018) explicam que o fragmento é descontrolável, o caderno de campo serve para conectar os pensamentos de uma maneira assertiva, para que essas conexões passem a fazer sentido.

As galerias estão integradas à malha urbana da cidade, e ainda se conectam em várias instâncias conceituais. Para pensar sobre a inserção delas na cidade, pensamos em mapas que são uma tentativa de entender as galerias de forma mais ampla e relacioná-las à cidade e aos corpos que podem vivenciar esses lugares. Também para esboçar uma tentativa de complexificar a cidade, expondo que eventos não são puramente um acontecimento, eles interagem e se sobrepõem a outros eventos.

Os mapas foram construídos em conjunto com as discussões, quando percebemos que muitos eventos se interligavam em diversas teorias começamos a esboçá-los para entender como escrever. Eles são uma tentativa de desvelar cada caminhografia mostrando suas diferenças e repetições, pois muitos acontecimentos se repetem diversas vezes dentro e fora das galerias, e muitas diferenças saltavam aos nossos olhos.

Não sabemos bem em que momentos essas teorias todas foram agrupadas em três sessões, entretanto sabemos o porquê isso aconteceu. Percebemos certa similaridade entre os eventos e que não era necessário falar deles separadamente, quando começamos a tratar eles como um bloco que pode se diluir entre um e outro acontecimento, com muita facilidade, notamos que os elementos que estavam complexos começavam a se tornar mais claros. Assim, facilitando a nossa leitura da realidade em que estávamos inseridos, e podendo discutir os eventos de maneira mais clara.

Entendemos esses acontecimentos de maneira associativa, ou seja a partir da fragmentação do pensamento, escritos de Jacques e Pereira (2018), do descontrolável, podemos transgredir os campos do pensamento e assimilar a desordem que existe no mundo. Isso nos ajudou a entender como a desordem se conectava de diferentes formas.

A primeira seção desse capítulo, então, é a confluência de lugares e atividades. É a que entendemos como a mais ampla da pesquisa, ela é a primeira a ser entendida, ela é a situação da cidade, é o entendimento do campo em que estamos inseridos, o urbanismo. É a integração das galerias e da rua, com isso, sentimos a necessidade de

pensar em outros âmbitos, que também envolvem essa correlação, quase como uma relação de dependência uma da outra.

Reconhecemos que essa associação se dava com elementos característicos dessa área da cidade, que é densa de pessoas, de atividades e de edificações, por isso, sentimos a necessidade de não mais usar as galerias ou as ruas como fato isolado e uni-las em lugar coletivo. Assim, como também entendemos que nos lugares coletivos existia uma alternância de atividades e que elas faziam com que esses lugares ganhassem mais vida, mais movimento, e isso de certa forma potencializou o nosso pensamento sobre a cidade.

Na segunda seção desse capítulo trazemos o entre transgressões e os corpos dóceis, onde tratamos sobre a vigilância, em certa medida, do centro. Essa foi a porção da dissertação onde entendemos que onde há vigilância há também a transgressão dela. Essas coisas andam juntas e, por isso, sentimos a necessidade de escrever sobre isso unido, começamos por entender os limites das galerias, e como eles não apareciam como absolutos nas caminhografias.

Diante disso, entendemos que os episódios que marcassem algum tipo de vigilância ou estruturação deveriam ser acompanhados de eventos que desestruturassem isso. Pensamos que quando associadas essas relações buscam, justamente, transgredir o limite imposto pelo edifício, pela lei, pelos modos de habitar socialmente aceitos, e assim, podemos criticar os limites, a vigilância e as regras que existem, porque a partir da transgressão podemos pensar que essa fronteira não é mais absoluta, ela está rompida e quando rompida ela vem carregada com o novo, com o contemporâneo, e

assim carregada de novas maneiras de pensar o urbano.

Na terceira seção, a cidade além da visão, abordamos uma parte mais subjetiva das caminhografias. Percebemos que nas caminhadas escrevíamos não só sobre o urbanismo legal, ou sobre a arquitetura legal, abordamos temas sensíveis como cheiros, sons, texturas, que iam nos afectando, e entendemos que além da esfera palpável, também temos subjetividades, que podem se transformar em coletivas, como aponta Guattari (1992)

Então cada cor representa um subtítulo deste capítulo, pois percebemos que era preciso associar as teorias de modo a fazer elas conversarem no território. A confluência de lugares e atividades, então, é simbolizada pela cor azul. Entre transgressões e os corpos dóceis é caracterizada pela cor vermelha. E a cidade além da visão equivale a cor verde.

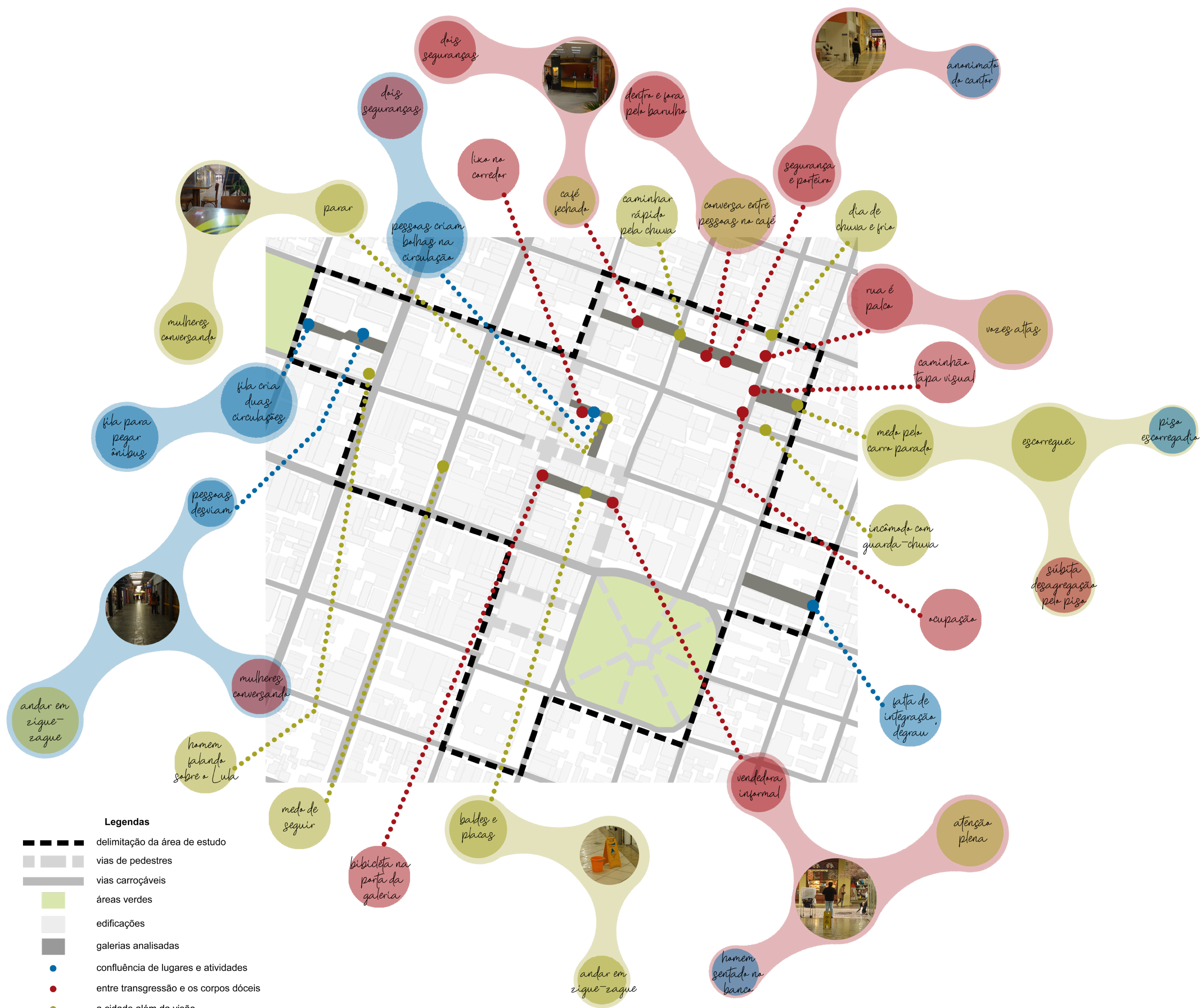


Figura 108: mapa da caminhografia do dia 4 de agosto de 2022. Fonte: da autora, 2023.

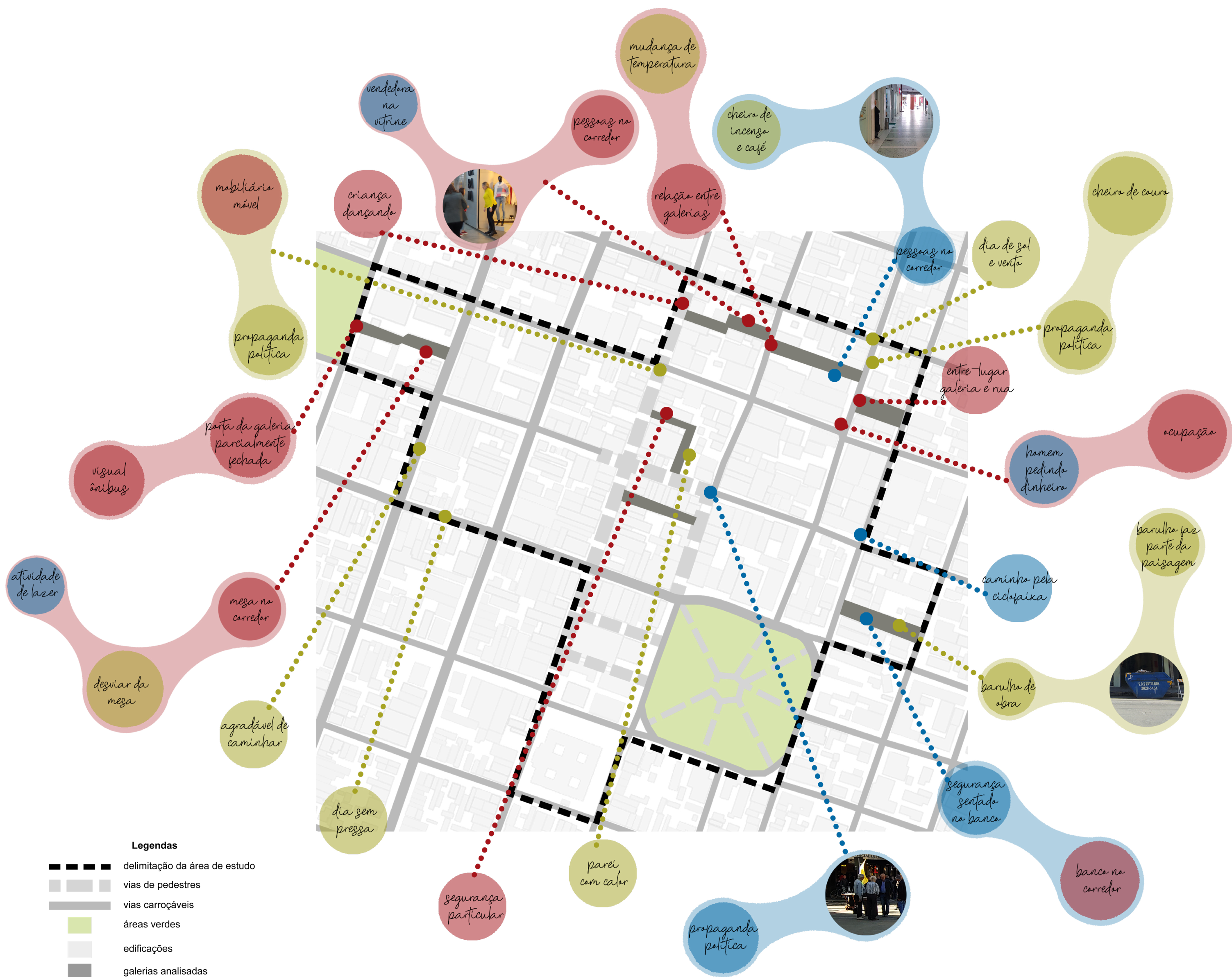


Figura 109: mapa da caminhografia do dia 17 de setembro de 2022. Fonte: da autora, 2023.

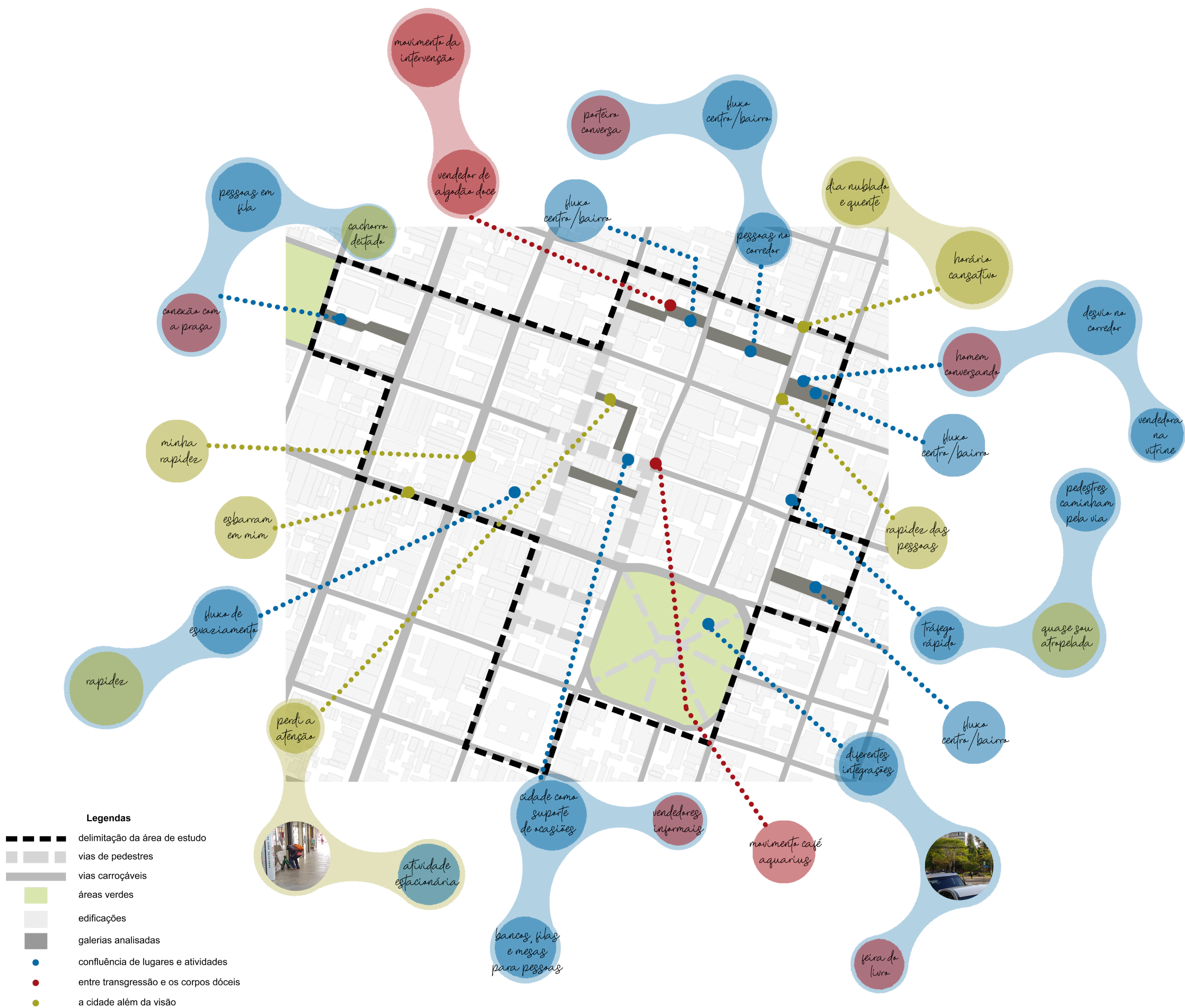


Figura 110: mapa da caminhografia do dia 8 de novembro de 2022. Fonte: da autora, 2023.

6. PARADA

Por hora, a caminhada, física e intelectual, teve fim. A caminhografia proporciona a experiência de vivenciar a cidade de dentro e entendê-la, a partir do meu olhar, uma mulher branca, arquiteta e urbanista e que é uma árdua caminhante da cidade contemporânea. Esse olhar se modifica à medida em que fiquei imersa nesse lugar complexo, de múltiplas faces, que por vezes são contraditórias e por vezes se complementam.

No início desta pesquisa imaginávamos as galerias como estruturas muito mais rígidas dentro do centro, e quando nps vimos nessa imersão física e intelectual, percebemos que os entre galerias e ruas não são tão simples. Com esse mergulho no lugar foi possível percebermos que são integrações complexas, ainda que as galerias sejam ambientes controlados por seguranças particulares e câmeras de vigilância, elas abrem brechas para que as pessoas as adentrem e as subvertem de maneiras diferentes.

A caminhografia possibilita adentrar o lugar e vivê-lo de maneira mais lenta e com mais atenção do que normalmente se vivencia. Com isso, podemos perceber que a cidade é complexa e o corpo reage de maneiras diferentes a diferentes situações, onde muitas vezes sou afetada e tenho medo, outras vezes sou afetada e fico enérgica a seguir. Os tipos de situações que qualificam potência nesses territórios são várias, que ajudam a pensar sobre ele. Se essas potências existem e não são utilizadas nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, pode ser que em princípio esses projetos não tenham sido pensados para isso, entretanto com as mudanças na cidade essas coi-

sas aconteceram inevitavelmente.

Com isso retomamos aos objetivos específicos da pesquisa com o intuito de evidenciar as reflexões sobre a complexidade das galerias e suas conexões com a rua. Um dos objetivos diz respeito a: *refletir sobre os usos entre as galerias e a rua*.

Percebemos um esvaziamento das galerias em relação às áreas públicas, ademais, também podemos perceber fluxos determinados entre as galerias e a rua. Cada dia, cada clima e situações expressam fluxos e usos diferentes para as galerias analisadas. Alguns dias as galerias têm mais movimento combinados com atividades estacionárias, outros dias as galerias têm pouco movimento, o que também varia em decorrência da sua centralidade na malha urbana.

Dentro desse lugar da pesquisa, percebemos que há uma complexidade de acontecimentos, onde muitas vezes um acontecimento não está situado apenas em um pensamento, eles se interligam e quando combinados geram outros elementos que a princípio eu nem imaginava que poderiam surgir.

A partir dessa complexidade pude correlacionar com o objetivo específico: *identificar as diversas dinâmicas que existem nesses lugares*. São diversas as dinâmicas no centro, e acredito que tenha captado pequena parte delas apenas, sendo impossível uma pessoa só observar e discutir todas dinâmicas de uma territorialidade. Entretanto, os objetos analisados são conectados não só pela arquitetura e urbanismo, percebemos pessoas, sensações, movimentos que possibilitam novos pensares sobre o centro da cidade contemporânea. O centro exprime dinâmicas econômicas, sociais, culturais,

dentre outras, que foram debatidas ao longo dessa dissertação.

Dinâmicas como lugares de compra e venda, as galerias se encontram dentro da formalidade da lei, e também existem os vendedores que se encontram na informalidade da lei, que utilizam as estruturas urbanas como suporte de suas atividades. Existem questões climáticas que deixam o centro mais movimentado ou esvaziado, e essas questões não são excludentes, pois coexistem através de horários, dias e temperaturas.

Questões sociais que exprimem o relacionar das pessoas com outras pessoas, com lugares, com movimentos. Quando as dinâmicas sociais aparecem são sempre potências para pensar o urbano, e elas apareceram de forma inesperada dentro das galerias, e com suas conexões diretas com as ruas da cidade. Ou seja, a conexão direta com a rua, e as dinâmicas apontadas, nos dá a possibilidade de pensar nesses lugares perante a coletividade, não perante a um lugar privado.

Percorrer as galerias no centro possibilitou perceber as fronteiras dos lugares, ainda que muitas vezes eles não estejam claros e gritantes. Essas relações entre os lugares e, muitas vezes, falta de conexões possibilita pensar o objetivo específico: *analisar os entre-lugares das galerias na contemporaneidade*.

Isso quer dizer, entender como as pessoas usam os lugares em seu tempo, é entender a possibilidade de transformação dos lugares. Que justamente entremeia os outros objetivos específicos, como adaptar os usos dos lugares perante as novas dinâmicas e subjetividades que pedem passagem. Não necessariamente, isso precisa ser

um novo projeto, mas o entendimento de novas dinâmicas é importante para novas possibilidades na cidade.

Para as novas possibilidades também é importante repensar o centro através de perspectivas mais sensíveis, a partir de outros sentidos além da visão. Por isso, apresentei inquietações sobre aspectos do meu corpo, da minha atenção e dos meus sentidos, que só foram possíveis de perceber através da experiência no lugar, atendendo assim, ao objetivo específico: *mapear as sensações vivenciadas durante as caminhografias*.

A caminhografia permite que, com o corpo atento, percebamos outras perspectivas que não só arquitetônicas e urbanísticas. Com o corpo em jogo, eu pude perceber diversos cheiros, sensações, tatos e sons, que me possibilitaram pensar para além do óbvio. Todos os sentidos são importantes quando estamos na cidade, porque vivemos a cidade com o corpo, mas muitas vezes esquecemos de pensar a cidade com o corpo.

Esses podem ser pontos importantes para se pensar novos projetos e lugares para a cidade, ademais disso, apresento o olhar do medo de ser mulher e caminhar na cidade de Pelotas. Discussão essencial para pensar o planejamento na contemporaneidade, e assumir que a cidade não é mais um lugar pensado por homens brancos de meia idade. Precisamos revelar que a cidade é de todos, e que sendo assim todos precisam habitá-la de maneira segura.

Para isso, precisamos de boas políticas públicas, boa educação, boas políticas sociais, que possibilitem que diversos tipos de pessoas possam pensar a cidade. Porque

ela está em constante mudança e isso não passa apenas pelo meu corpo, passa por diversos tipos de corpos diferentes.

Para além disso, acreditamos que a metodologia aponta boas pistas para questionarmos e criticarmos a cidade. O caminhar nos dá pistas sobre os nossos corpos, sobre como podemos ler a cidade de diversas maneiras, ademais do lógico e do já pensado, e com isso, percebemos que a cidade não é simples. Ela tem diversas entradas, acessos, leituras e possibilidades, e essa talvez seja a pista mais importante da caminhografia.

Percebemos que ao longo das caminhadas, a potência foi se esvaindo. Ao passo que os elementos da cidade iam ficando óbvios para mim, eu deixava de pensar sobre eles, e isso ia perdendo potência dentro de mim, pensamos que por isso as últimas caminhografias tenham sido as mais curtas, e as que menos percebi as diferenças da cidade. Além disso, o fato de termos escolhido um dia no final da tarde para caminhar por último também não tenha sido um ponto positivo. Pelo fato de começar a trabalhar sempre muito cedo pela manhã no final da tarde minha mente já está cansada e eu acabei indo fazer a caminhada mesmo já cansada.

Entretanto, relacionamos diversas pistas potentes para pensar a pesquisa através da caminhografia. O caderno de campo foi o maior aliado nas caminhografias, acreditamos que mais que as fotografias, pois eu escrevia de forma muito rápida e com muitos detalhes o que estava acontecendo. Buscamos transcrever essa caminhografia em um texto corrido ainda no mesmo dia, para revisitá-lo depois de um tempo já escrito.

A partir desse texto já escrito combinado com as fotografias, começávamos a pensar sobre o que tinha acontecido. Isso foi, em suma, uma grande terapia. Imprimíamos os textos riscávamos, desenhávamos, mapeávamos e sublinhávamos palavras para conseguir entender alguns pontos-chaves para pensar aquele lugar. A pesquisa se deu quase de maneira simultânea, enquanto eu pensávamos sobre o caminhar, também pensávamos sobre o lugar do campo, mapas diversos, teorias de arquitetura e urbanismo. E essa parece ser a grande potência da pesquisa a partir da caminhografia urbana.

Acreditamos que as questões principais para se pensar a caminhografia urbana para outros lugares são várias. A primeira, é de suma importância ir a campo, e entendê-lo de maneira básica, compreender pontos importantes, pessoas que habitam esse lugar, como se dão dinâmicas básicas desse lugar, para assim poder pensar em uma forma lógica de desvelar a cidade.

A segunda pista que me ajudou a pensar, foi esse constante trabalho de ir e vir entre textos, fotografias, mapas, traduções, caderno de campo e teoria. Não é uma pesquisa tradicional, ela não é pensada de maneira linear em momento algum, ela vai e volta, todo material que consta nessa pesquisa foi um processo exaustivo de pesquisa e agenciamentos.

A terceira pista é assumir a intensidade e imprevisibilidade que a cidade carrega consigo. Tudo pode ser muito intenso e muito imprevisível. Muitas vezes pensei sobre o que fazer com cada coisa que me acontecia durante as caminhadas e como abordá-las, não foi possível abordar todos os temas em sua complexidade, mas foi possível

desvelar diversas camadas do centro de Pelotas.

E a última pista é que com a caminhografia podemos pensar sobre essa complexidade, quando vamos a campo percebemos que os elementos da cidade não são simples e puros. Entendemos que elementos se conectam em diversas instâncias uns com os outros, é uma grande teia de aranha, um emaranhado. Que não precisa ser todo desemaranhado, ela precisa sim ser conectado e entendido através de suas conexões, essa é a sua riqueza.

Encerro meu trabalho entre as galerias e a rua de Pelotas, momentaneamente. Afinal, a proposta foi lançar e desvelar potências para repensar esses lugares, que são complexos e estão em constante tensão em seus limites. Reconhecer esses lugares na contemporaneidade é importante, para que esses lugares possam ser pensados de formas mais respeitosas, inclusivas e conscientes.

Referências Bibliográficas

Aleixo, Cynthia. **Edifícios e galerias comerciais**: Arquitetura e Comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60. Dissertação de mestrado. São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005.

Adó, Máximo Daniel Lamela; Corazza, Sandra Mara; Campos, Maria Idalina. Processos tradutórios na pesquisa em educação: o Projeto Escrileituras. In: **Educ. Pesqui.** v.43, n.4, pp. 1163-1178, São Paulo: 2017.

Benjamin, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Bondía, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.19, p. 20-28, 2002.

Cabral, Cláudia Pianta Costa. Da rua corredor ao centro comercial: tipologias comerciais em Porto Alegre dos anos 30 ao princípio dos 90. In: **Arqtexto**. n.0, pp. 31-43, Porto Alegre: 2000.

Campos, Maria Idalina; Olegário, Fabiane; Corazza, Sandra Mara. Escrileituras tradutórias: reinvenção empírica do arquivo. In: **Educação Temática Digital**. v. 20, n.4, pp. 963-978, Campinas: 2018.

Careri, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

_____. **Walkscapes**, o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

Certeau, Michel de. **A invenção do Cotidiano**, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

Corazza, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escritura

da diferença). In: **Pro-Posições**. v. 26, n. 1(76), pp. 105-122, Campinas, 2015.

Debord, Guy. **The Naked City**. 1957. Litografia, tinta em papel.

Deleuze, Gilles. **Abecedário**: um dicionário filosófico. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). Trad. Emanuel Ângelo da Rocha et al. Fortaleza: Ed UECE, 2019.

_____. O ato de criação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. Filmado em 1988-1989. Publicado em: 1995.

Deligny, Fernand. **O aracniano**: e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

Derrida, Jacques. **Da gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

EMBRAPA. Estação Agroclimatológica de Pelotas (Capão do Leão). **Normais Climatológicas**. Disponível em: <<http://agromet.cpact.embrapa.br/estacao/normais.html>>. Acesso em: 22 abril de 2023.

Foucault, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

Fuão, Fernando Freitas. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. Sobre cadeiras e clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque de Peter Sloterdijk - parte I. In: **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v.3, n.11, pp. 18-39, 2019.

_____. Sobre cadeiras e clareiras: uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque de Peter Sloterdijk - parte II. In: **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v.4, n.12, pp. 18-37, 2020.

Guattari, Félix. Restauração da cidade subjetiva. In: **Caosmose: Um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

Gehl, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Ingold, Tim. **Líneas: una breve historia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.

Jacques, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. Arqui-

textos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, **Vitruvius**, abr. 2003 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso 30 jan. 2022.

_____. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

Jacques, Paola Berenstein; Pereira, Margareth da Silva (Orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I - modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018.

Kern, Leslie. **Cidade feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Latour, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João; ROQUE, Ricardo. (Orgs.). **Objetos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. p.40-61. Porto: Afrontamento, 2007.

Michaelis. **Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/indiz%C3%ADvel%20/>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Norberg-Schulz, Christian. **Genius Loci**: Towards a phenomenology of architecture. Londres: Academy Edition, 1980.

Olegário, Fabiane; Corazza, Sandra Mara. Escrita e invenção de procedimentos didáticos tradutórios. In: **Revista Linhas**. v. 19, n. 41, p. 242-258, Florianópolis: 2018.

Pallasmaa, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2012

_____. **As mãos inteligentes**: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia:** Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Passos, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Perez, Jorge Luis Sosa. **As galerias comerciais de Pelotas e a percepção de lugar.** Dissertação de mestrado. Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

Solá-Morales, Manuel. Espaços públicos e espaços coletivos. Em: HUET, B. et al. **Os centros das metrópoles:** reflexões e propostas para a cidade democrática do Século XXI (101-107). São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

Vargas, Heliana Comin. **Espaço terciário:** o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. Barueri: Editora Manole, 2018.

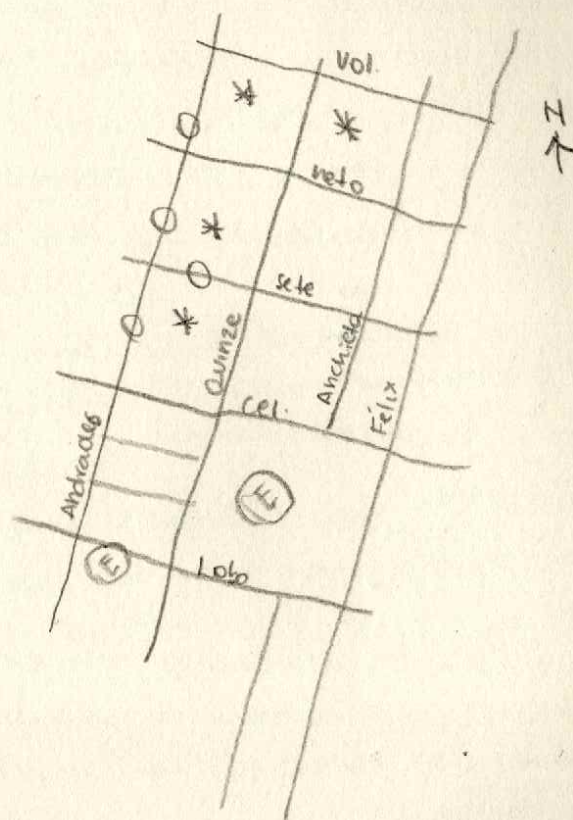
APÊNDICE
CADERNO DE CAMPO

○ Paradas.

⊙ encontros

* galerias

DIA 08/04/22



- * mulher x polícia
- algodão doce
- conversa inicial
- urticacas com estilha de metal
- moço vendendo hambúrguer
- moço vendendo rapadura
- guardador de carro
- moço com pressa, nos ultrapassa
- vidros quebrados medio anel de
- moço com livros
- carrinho com mulletos
- moradores de rua com cachorro
- muito lugar pra vender
- segurança
- cheiros incenso x fritura
- acesso zabalaeta x Malcolm
- música x pessoas falando
- criança gritando no café
- parada para fofoca
- muito movimento calçados
- * Sabe não
- Luz escura
- material deslocado, amontoados

- Luz muda quando dobra
- criança
- espelhos
- rapadura
- polícia
- * galeria central
- Luz, tem claraboia supra
- não cheira
- pessoal foi te mais rápido
- * calçados
- muita gente sentada
- menina cega com acompanhante
- hippies
- pessoal espera sozinho fechar
- anda no meio da rua mista

sentindo abandono

diferenças de espaço

vitrines mais widadas cinzentos

telhas sujas

fluxo intenso fora das galerias mas
galerias vazias

- galeria central, socialidade na
15.
- galeria sábado de manhã na
frente do shopping
- e na galeria que saía na osório
- entre galerias no
- lembrança das galerias, antes era
agora não é mais
- segurança
- mudança de uso das galerias
antes era comércio agora
prestação de serviço
- diferença de acesso das galerias
comercial e residencial.
- será que as pessoas não estão
mais habitando esses espaços?
- eue territórios eu habito?
- caminhado descobrindo coisas

- percepto - filosofia e afecto.

- as galerias tem percepto? Qual é?
todos lugares tem percepto!

- relações das coisas.

- percepções, quais intensidades? vem do
olhar.

- moço queria falar com os indígenas
e não teve coragem.

- canteiros no meio do calçamento

chego na praça as 16h, avisto Edu e Aline de longe. Me aproximo deles e conversamos por um tempo esperando que, aos poucos, todos cheguem ao local de encontro. Enquanto conversamos observo uma mulher, bem alta, não consigo identificar a idade dela, talvez por volta de 30 anos, não sei se ela está alterada por uso de drogas, mas provavelmente. Percebo que ela tenta conversar com várias pessoas que não ligam para ela. Começamos a conversar entre nós, falamos um pouco sobre caminhografia, enquanto conversávamos a mulher conversa com jovens em tom alto, a polícia adentra a praça coronel Pedro Osório, com carro por caminho de pedestres. Não sei o que aconteceu com a mulher e os jovens se desperçam. Em seguida, a mulher vem conversar conosco, denunciar o que já haviam feito a ela, ela é intensa, por vezes a fala dela assusta. Uma outra mulher se aproxima e oferece comida à primeira mulher, e diz que ela nos atrapalha. Era uma barganha para que a primeira mulher se afastasse de nós, e ela aceitou, pegou a comida e foi embora!

Nesse momento todos já estavam reunidos, eu falo um pouco sobre as galerias, enquanto falo minha mente foca no que estou falando, mas ainda assim escuto alguns sons. Um senhor arrastando os pés caminhando com seu cachorro em uma coleira. Em seguida, um moço vendendo algodão doce, tocando uma flauta para chamar possíveis clientes.

Uma moça tenta nos vender hambúrguer, ninguém compra e ela vai embora. Decidimos continuar a caminhografia.

Saímos do ponto onde nos encontrávamos, o dia está ensolarado e quente, e apesar de o sol já não estar mais tão forte ainda há muitas pessoas na praça, sentadas em bancos ou de passagem observo algumas crianças com cestas de páscoa, queria saber a história, mas segui.

Vamos em direção a rua Anchieta, em direção a primeira galeria, a Zohalita, o caminho da praça não faz uma boa conexão com a via, é difícil atravessar, enquanto esperamos observo um homem de meia idade vendendo rapadura, na esquina da Anchieta. Quando por fim conseguimos atravessar passamos por ele, e ele cantava algo que não compreendo. No mesmo quarteirão avisto um guardador de carro, e um homem, sentado em um friso de um prédio, um em cada lado da via, e pouco se olhavam. Essa quadra parece bem abandonada durante o dia, porém percebo muitas pixações e vidraças quebradas.

Na nossa frente caminha um senhor, com dificuldade motora, ele caminha com ajuda de muletas, caminhamos atrás dele por meia quadra, quando ele entra em um estabelecimento. Nesse meio tempo um homem com pressa nos ultrapassa, avisto também uma família com dois cachorros, não sei se só os acompanham.

Já na quadra da primeira galeria percebo muitos lugares para vender e alugar, e também a presença de muitos seguranças particulares. Não pa-

rece ser coincidência.

Entramos na galeria Zabaleta, mas ainda num entre-lugar que é o acesso a essa galeria. Ela possui uma marquise grande e um pilar bem em frente ao acesso, as vitrines rompem o que parece ser o limite e parece que abraçam o pedestre, quase como um convite a adentrá-la.

Logo que entramos sinto cheiro de incenso, a luz é branca, os revestimentos claros, o que dá impressão de limpeza. As vitrines também são claras, e bem organizadas. Essa é a única galeria, que caminhamos esse dia, que o prédio acima é residencial. Em frente ao hall de acesso ao prédio está o segurança da galeria, e mais ao fundo o porteiro, em uma organização quase hierárquica. Ao lado do segurança possui ripas de madeira crua. Essa galeria não possui lojas vazias, todas vitrines organizadas e bem iluminadas, me pergunto se é pelo motivo de estar situada junto a um prédio residencial. Perto do fim da galeria o churo muda, existe uma lanchonete exibindo o churo de fritura. Além disso várias pessoas reunidas conversando nessa lanchonete. Saindo da galeria percebo uma placa falando da obrigatoriedade de máscara no local, em função da pandemia de Covid-19.

A galeria Zabaleta e a galeria Malcon estão uma de frente para outra, na rua 15 de Novembro, quase ligadas, existe uma separação que é a via Pública, mas ainda assim a via conecta elas. Por uma faixa de segurança para pedestres o acesso da galeria Malcon já não é tão acolhedor quanto da galeria Zabaleta, possui um

pequeno recuo de marando o acesso, entre duas vitrines. Quando adentramos essa galeria algumas coisas já me chamam a atenção, os revestimentos são escuros, mas a luz muito clara e branca, já não tem o mesmo ar higienista da galeria Zabaleta. A Malcon tem música ambiente, que se mistura com o barulho das pessoas falando, e me causa incômodo. Existem várias lojas fechadas e algumas funcionam apenas como vitrine, mas ainda assim ela tem movimento de pedestres. No meio dessa galeria, onde há uma espécie de desvio do caminho, existe um café que é popular na cidade. Hoje tem o café de um lado, e do outro uma espécie de quiosque com banquetas e mesas, há também um balcão que fica na circulação da galeria. Quando passamos por esse café ele já não está tão cheio quanto de costume, o balcão está vazio, mas dentro do café tem uma criança que grita com a sua mãe, dizendo: "não, mãe, não quero!", a mãe fala tranquila com a criança, não é audível. Passamos por mais algumas lojas vazias antes de sair da galeria e quando saímos nos deparamos com o calçadão, o grupo está um pouco disperso, acabamos por ficarmos parados um tempo, conversando, nesse meio tempo percebi como o calçadão estava cheio em relação às galerias. Sugiro que sigamos, nosso caminho ainda tinha duas galerias.

começamos uma quadra até a próxima galeria, tivemos que atravessar a rua, mas como possui uma sinaliza o ocorreu tudo com tranquilidade. Tivemos que desviar de diversas pessoas devido movimento.

Chegamos a galeria Sarte Alam, a galeria possui uma grande marquise que me chama atenção, por que logo acima dela tem alguns pixos. Essa galeria possui loja apenas de um lado, o outro lado possui um tipo de vitrine, que deve ter em torno de 30cm de largura. Quando entramos nessa ela parece mais abandonada que as outras, o corredor é escuro, um aspecto de frio. Essa galeria é situada em forma de "L", e na esquina havia um café, agora fechado, o que colabora no aspecto de abandono da galeria, já que está tudo escuro e sem movimento. Quase chegando na esquina parece que arrumaram o reboco de uma parede, porém não pintaram e está com aspecto de inacabado.

Quando dobramos a esquina da galeria a primeira coisa que percebo é um telhado de policarbonato, acredito que servia como iluminação, mas estava tão sujo que deixava o lugar mais escuro. Mas, quando seguimos em direção a rua sete de setembro a galeria muda, muda sua ilumina-

ção, suas vitrines parecem mais organizadas também. Nesse corredor existem muitos espelhos, no lado oposto às lojas, que dão a impressão de ampliação a galeria. Quando saímos da galeria tem uma árvore grande que me chama a atenção. E de novo muito movimento, pessoas passando, paradas, sentadas. Nos dirigimos a próxima galeria que é no próximo quarteirão, mas dessa vez não precisamos atravessar a rua, entre elas são apenas ruas para pedestres. Logo na esquina avisto mais uma pessoa vendendo rapadura, uma mulher dessa vez. Em frente a ela um carro da polícia, estacionado, na rua de pedestre, Será o mesmo carro que abordou a mulher lá na praça? Provavelmente.

Entramos na última galeria, a galeria Central. A luz aqui é branca e clara, porém, assim como a Sarte Alam, essa galeria também possui clarabóia que está suja. Nessa galeria percebo o grupo já mais rápido, de certa maneira impaciente. Essa galeria também possui vitrines de cerca de 30 cm, até a metade, depois possui lojas dos dois lados. Acredito

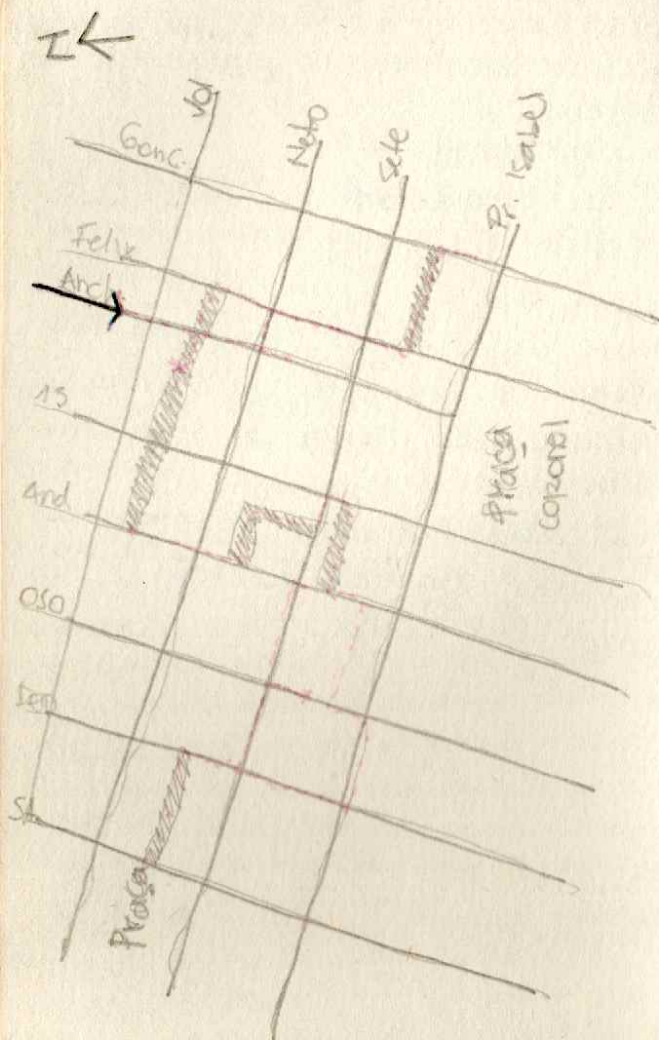
que essa galeria foi a mais movimentada, mas nada me chama a atenção, além de lojas vazias. Saímos da galeria e estamos de novo no calçadão, movimentado muitas pessoas sentadas nos bancos dispostos na rua. Passa por nós uma menina cega, acompanhada. Será que esse lugar se adequa a ela?

Ao longo do calçadão vejo diversas figuras populares vendendo coisas, um grupo de indígenas vendendo seus artesanatos, um grupo vendendo espécies de bijuterias, e dois homens vendendo relógios e óculos de sol, o que todos eles têm em comum?

Já chegando ao fim da caminhografia esperamos a sinaliza abrir para nós, para que sigamos para a última quadra. Assim que abre atravessamos e caminhamos pelo "meio da rua", aqui vale uma ressalva, esse meio da rua fica em meio ao calçadão de pedestres, e é como uma via mista. Meio de rua esse que nunca havia visto passar um carro, mas quando estávamos andando por ali apareceu um carro, e também um catador de lixo com seu carrinho. Nessa quadra acontecem passagens ao ar livre, espécies

de becos que ligam uma rua a outra que poucas são utilizados, mas no cruzamento do beco com o calçadão tem um relojoeiro, com uma carroça, e ali esperam algumas pessoas.

A rua que levava até o mercado público estava interrompida pois acontecia uma espécie de feira no mercado, então não tivemos problemas para atravessar. No mercado já tem pessoas bebendo em mesas na rua, também tem essa feira que movimentava a calçada. Entramos no mercado para debater algumas questões e nos sentamos em roda.



Santa ^{14h} 08 de julho, o primeiro dia de sol depois de quase duas semanas chovendo. É um dia frio, mas com o sol estava agradável.

Eu chego ao centro pela rua anchieta, a rua onde eu moro, vou caminhando a ida é agradável quando chego ao centro penso em qual galeria ir primeiro.

Vou em direção a galeria firenze mas avisto uma espécie de casa improvisada com lonas e colchões, é uma ocupação em baixo de uma telha. Então sigo pela anchieta, até que avisto uma obra e algo me faz voltar, doubo na neto e pego a Félix, a rua da cichovia, mas sem bicicletas passou apenas uma mulher numa bici, vou em direção a galeria graphos então e todas pessoas estão no sentido contrário ao meu, vou até o final quando saio da galeria a rua está vazia, então volto por dentro da galeria.

Volto pela Felix e ainda nenhuma bici. Então na Firenze nenhum movimento.

- ainda mesmo sentido
- pouco movimento, a seg. me cuida
- Saio da galeria ando até a faixa seg. ninguém para
- atravesso quando não vem carro.
- incenso
- Galeria Zabaleta seg. do lado do banquinho
- acesso ^{aos} ^{aps.} delimitado.
- barzinho com pessoas conversando.
- dentro-fora
- pessoas adultas brancas x seg. negro.
- = faixa entre galerias

= entro vendedora conversando na porta.

= paro para um café e observar galeria

= encontro amigos

= mulher senta na minha ^{frente} ^{de costas}

= luzes da boca da criança

= outro seg. negro.

= mais crianças e idosos

= mais pessoas de raças e etnias diferentes

= mais fluxo. rápido, eu senta da percepção a rapidez.

= 30 min que estou aqui o seg. já me cuida.

= homem entra com uma criança e pega caixas de papão

= criança brinca de não pisar nas linhas

- seg. Sai com um tonel (de que)
- muita gente no celular.
- fico das 14:45 às 15:20.
- me levanto, seg. ainda está guardando o tonel, não descubro o que é.
- caminho pelo calçadão, está cheio
- primeiro dia de sol.
- muito vendedor ambulante nas esquinas da panel
- tenho que desviar das pessoas
- Senhores sentados bancos
- galeria Sarte Alam
- café da esquina acabou.
- nada acontece.
- tem uma mulher esperando o elevador e o segurança apenas na galeria

- saio dela
- filas nas lotéricas
- vendedores ambulantes nos barcos
- na esquina do café aquarius também
- ambulantes disputam a calçada com a guarda civil.
- entro na galeria central
- bastante movimento
- pessoas paradas olhando vitrines, outras pessoas desviando.
- vitrines pobrinhas
- algumas lojas fechadas
- cheiro de loja de temperos.
- volto ao calçadão
- muito movimento, pessoas sentadas.
- entro no nacional para ir até a galeria do laranjal



- seg. Sai com um tonel (de que)
- muita gente no celular.
- fico das 14:45 às 15:20.
- me levanto, seg. ainda está guardando o tonel, não descubro o que é.
- caminho pelo calçadão, está cheio
- primeiro dia de sol.
- muito vendedor ambulante nas esquinas da parrel
- tento que desviar das pessoas
- Senhores sentados bancos
- galeria Sarte Alam
- Café da esquina reabriu.
- nada acontece.
- tem uma mulher esperando o elevador e o segurança apenas na galeria

- saio dela
- filas nas lotéricas
- vendedores ambulantes nos barcos
- na esquina do café aquarius também
- ambulantes disputam a calçada com a guarda civil.
- entro na galeria central
- bastante movimento
- pessoas paradas olhando vitrines, outras pessoas desviam.
- vitrines pobrinhas
- algumas lojas fechadas
- cheio de loja de temperos.
- volto ao calçadão
- muito movimento, pessoas sentadas.
- Entro no nacional para ir até a galeria do laranjal



Dia 04 de agosto 9:00 chuva

Faço mesmo caminho do dia 03

- Hoje a ocupação estava sem pessoa à vista

- arva está chua apesar da chuva

- eu me bato muito com o guarda chuva

galina graphos

- cadurante no sentido "original", como ele subiu o degrau da galeria

- café cheio

- saio da galeria, mas volto por ela.

- Volto pela Félix, queria dobrar antes da galeria Firenze, segui...

- entro na Firenze, placa de piso escorregadio

- piso molhado

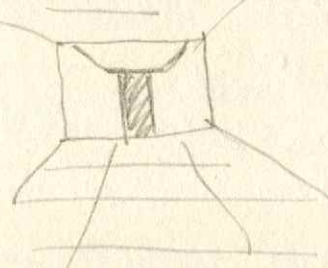
- caminhão parado em frente

- dois moradores de rua conversando um de cada lado.

- guarda chuva marquise da Zabalita.

- Um dos moradores entra na galeria comigo, ele canta e preenche os corredores da galeria. Para no café e conversa com os vendedores, são conhecidos.

- essa galeria tem um ponto de fuga que hoje me chama atenção

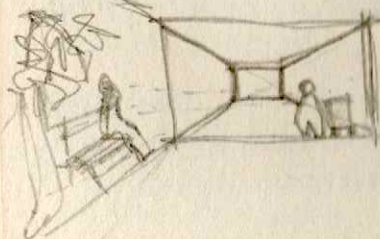


- as pessoas hoje estão mais rápidas e não muito paradas na rua.
- na galeria Malcom hoje tem dois seguranças
- mas não tem muitas pessoas o café recém está abrindo...
- ~~Porém~~ o calçadão está vazio em relação aos outros dias.
- entro na Botte Alam tem uns sacos de lixo no meio do corredor.
- Paro para um café,
- As pessoas param muito na vitrine de joias.
- Segurança ajuda nas entradas, converso com as pessoas.
- Basicamente pessoas adultas, brancas e bem vestidas passam. Por essa galeria não tem po que

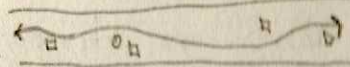
estou aqui

- entram duas mulheres no café.
- chegou um segundo segurança na galeria, fica em frente a uma loja de joias.
- as duas mulheres conversam alto, e tiram minha atenção, resolvo ir embora.
- fico das 09:50 às 10:30 no café
- as dinâmicas dessa galeria são diferentes das da Malcom.
- saio da galeria a chuva deu uma cessada.
- ando pela sete tem muito lixo no chão, no lugar dos vendidos.
- dobro na 15.
- e vou em direção a galeria central

- tem um homem sentado no banco em frente a galeria central conversando com uma mulher, vende dora ambulante, na porta da galeria



- placas de piso molhadas, e baldes em baixo de galeiras.

placas  Zigue-Zague

- as pessoas ficam mais tempo paradas nas vitrines (movimento intenso)
- carteiro parado (bici na porta)
- x polícia.
- saio da galeria
- passo por dentro do nacional,

e hoje as pessoas usam ele mais de abrigo e passagem do que para compras.

- não tenho coragem de ir pela rua em que o homem ficou me cuidando no outro dia.

- passo por azuisinhos conversando com pedestre que estava com cachorro, eles fazem carinho

- galeria laranja

- mais escuro

- mulheres conversando, fumando e tomando mate.

- baldes para infiltração

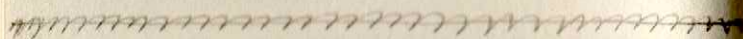
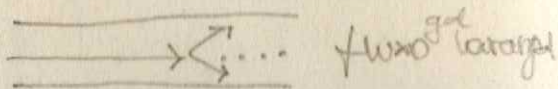
- placas de ^{piso} ~~lugar~~ molhadas

- mais atendentes nas portas

- a fila para o onibus estava

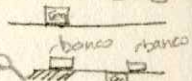
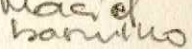
grande, e minha foto mostra
o que já havia percebido do
fluxo no outro dia.

- Volto para a parada de ônibus
para voltar para casa.



MAPA 17/09

SOL E VENTO 17/09/22

- cheio de carro
- propaganda política música
- homem pedindo
- ocupação agora está pareci-
da.
- pessoas de bici na Félix
- Sr Antunes Maciel sentado
no banco da galeria 
- obra na Antunes Maciel
- parco movimento 
- desvio da bicicleta na
alcofaixa.
- gal. Firenze vazia
- hoje consigo ver a relação
dentro/fora gal x rua

- pessoas paradas no corredor da zabalita.
- cheio de incenso no início da galeria e logo só no meio.
- na galeria Malcom vendedoras na porta.
- café vazio
- galerias vazias hoje
- calor no sol, mas o sol ameniza.
- ao entrar na galeria fica fresquinho.
- sair no calçadão música gaudíria, criança dançando
- Ando pelo calçadão muita propaganda política Chafariz

- entro na galeria Sarte Alain
- loja vazia com coisas de obra
- obra segue "inacabada"
- paro para comprar um tecido pois estou com calor
- esquina café Aquarius sem ambulantes
- co' uma prop. política.
- gal central
- morador de me.
- relação vendedor ambulante x galeria (ele na porta)
- entro no nacional algumas pessoas de passagem.
- nas paradas de ônibus

poucas pessoas, e hoje sentadas

- a quadra não tem muito movimento de carro, hoje é melhor de caminhar.

- galeria do laranjal mesmo no corredor, mulher com mate.

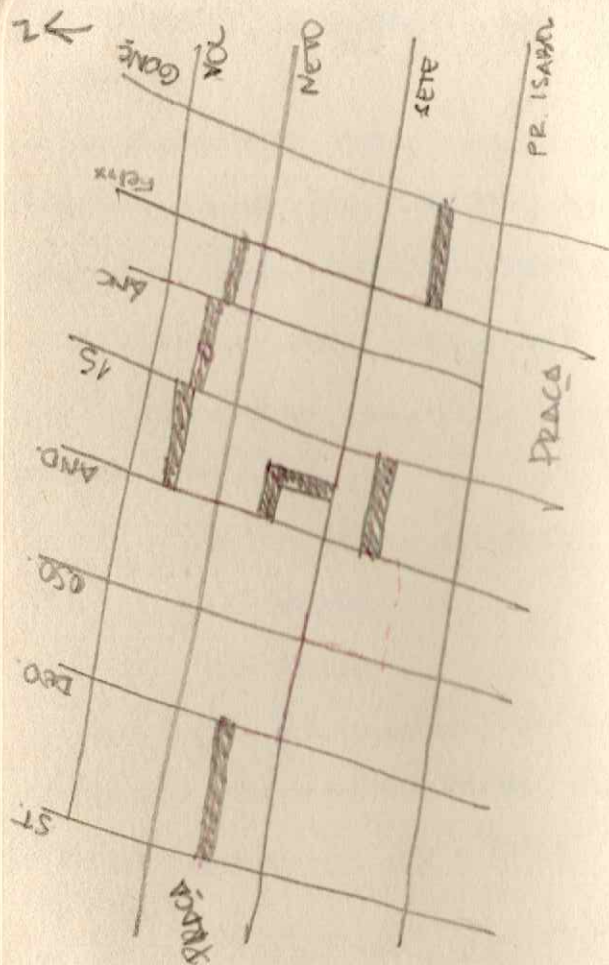
- Sem fila do ônibus, uma porta fechada.

- fila na rua.

- ônibus parado na porta relação galeria/rua não existe pois o ônibus atrapalha.

- acesso do prédio é por fora, banheiros públicos no corredor central

a casa de apostas mudou de lugar.



10/11/22 NUBLADO/SOL/VENTO 17:30
FRIO/QUENTE

- = lá estava no centro
- = horário é cansativo para mim, sinto o corpo e a cabeça cansados.
- = começo pelo mesmo lugar
- = Percebo mais gente na rua, mas elas estão mais rápidas.
- = hoje tem pessoas na faixa de ciclismo
- = eu caminho em direcção a primeira galeria, quando vou desviar de um tapume quase sou atropelada por uma bicicleta.
- = tenho que correr para atravessar a Felix pois assim como tem muitas pessoas na rua também tem muito trânsito

de carro.

- Passo por mais gente que o normal.
- dentro da galeria o fluxo é outro hoje, do centro para o bairro.
- a graphos está cheia e o café vazio.
- como tinha bastante movimento na rua decidi sair da galeria e fazer a volta nos quadras para ver a relação da praça com a rua.
- muita gente tangencia a praça e vão a cruzar nesse horário (é isso que tinha pensado livro).
- volto pela Felix em direção a galeria Firenze.
- como há muito trânsito tenho

que correr para atravessar

- na galeria Firenze vi vendedora no corredor da galeria
- as pessoas também estavam no sentido contrário nessa galeria, todas no sentido centro x bairro
- Saindo da galeria e vou em direção a galeria Zabaleta, paro na faixa e nenhum carro para para que eu passe
- na galeria Zabaleta o fluxo se repete
- algumas pessoas paradas no corredor.
- segurança não está ao lado do seu banco, está próximo a um dos acessos
- para atravessar na faixa entre a galeria Zabaleta e a Malcom

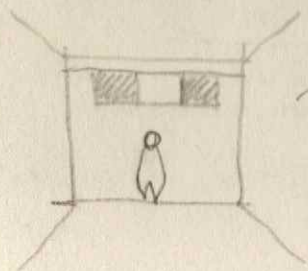
ninhum carro para também

- entrando entro na Mal com
percebo uma "intervenção" na
galeria, tem alguns painéis pen-
durados no teto, são brancos
e pretos não entendo bem
o motivo.

- o café está vazio

- pessoas no sentido centro
bairro.

↳ o calçadão não pare-
ce ter "importância" nessa
hora do dia



→ a inter-
venção

- He deparou com um vendedor
de algodão doce dentro da ga-
leria Malcom, ele não tinha
som, mas tinha seus aparatos
- São no calçadão e o movimen-
to é intenso.

- tem muito lixo ~~na~~ ^{na} esqui-
na da Andrade com voluntários
quase engolindo o bicicletário

- Muito movimento de adoles-
cente com uniforme de colégio,
até então quase inexistentes nas
minhas caminhadas

- Entro na galeria Saffé Alam

- três adolescentes atrás de mim
conversam e eu não consigo me
concentrar em outra coisa além

da conversa deles.

- No meio da galeria tem um homem parado, que me chama atenção pois está no fluxo.
- Saio da galeria e mais uma vez tem filas nas lotéricas
- mesas de restaurantes vazias
- bancos com poucas pessoas
- esquina do aquários cheia
- vendedor para-formal na esquina
- na galeria central algumas novas lojas fechadas, ~~mas~~ e nada acontece
- calçada com muito movimento em direção as paradas de ônibus.
- Nacional com movimento de

passagem, muitas pessoas caminhando rápido.

- eu percebo meu passo acelerado junto com o das pessoas e tento desacelerar.
- passo pelas paradas da Flórida e tem mais movimento que as outras vezes, tudo para tirar fotos e as pessoas estarram em mim, não consigo ir.

- Muitas pessoas na Deodoro
- na galeria do Laranjeira a fila do ônibus estava grande
- quando me aproximo da fila percebo um cachorro dormindo na porta de um restaurante
- Sigo pela rua em direção a pa-

parada de ônibus, passo por um
colégio, que tem movimento
de saída.

- muita gente na parada.
- e meu ônibus não demora
a chegar pelo horário.
- hoje foi a caminhada
mais rápida.